



DIÁRIO DA REPÚBLICA

Sexta-feira, 1 de Abril de 2011

Número 65

ÍNDICE

Presidência do Conselho de Ministros

Decreto-Lei n.º 48/2011:

Simplifica o regime de acesso e de exercício de diversas actividades económicas no âmbito da iniciativa «Licenciamento zero», no uso da autorização legislativa concedida pela Lei n.º 49/2010, de 12 de Novembro, e pelo artigo 147.º da Lei n.º 55-A/2010, de 31 de Dezembro. 1882

Declaração de Rectificação n.º 10/2011:

Rectifica a Portaria n.º 62/2011, de 2 de Fevereiro, dos Ministérios da Agricultura, do Desenvolvimento Rural e das Pescas e do Ambiente e do Ordenamento do Território, que identifica os factos relevantes que justificam o início dos procedimentos de alteração e revisão dos planos de ordenamento florestal (PROF) e suspende parcialmente a aplicação de vários PROF, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 23, de 2 de Fevereiro de 2011 1904

Ministério da Economia, da Inovação e do Desenvolvimento

Portaria n.º 128/2011:

Estabelece os requisitos para a exploração e funcionamento das salas do jogo do bingo 1904

Ministério do Ambiente e do Ordenamento do Território

Portaria n.º 129/2011:

Aprova a delimitação dos perímetros de protecção para a captação de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público de vários pólos de captação no concelho das Caldas da Rainha 1912

Portaria n.º 130/2011:

Aprova a delimitação dos perímetros de protecção para a captação de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público de vários pólos de captação no concelho de Santarém 1924

Região Autónoma da Madeira

Decreto Legislativo Regional n.º 8/2011/M:

Sexta alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro, que estabelece o regime jurídico da concessão de avales pela Região Autónoma da Madeira 1943

PRESIDÊNCIA DO CONSELHO DE MINISTROS

Decreto-Lei n.º 48/2011

de 1 de Abril

O Programa do XVIII Governo Constitucional estabelece como prioridade a continuação das reformas de modernização do Estado, com o objectivo de simplificar a vida aos cidadãos e às empresas. A iniciativa «Licenciamento zero» visa dar cumprimento a esta prioridade e é um compromisso do Programa SIMPLEX de 2010 e uma das medidas emblemáticas da «Agenda Digital 2015».

Ao longo de quatro anos, o Programa SIMPLEX demonstrou que é possível melhorar a capacidade de resposta da Administração Pública, satisfazendo as necessidades dos cidadãos e das empresas de forma mais célere, eficaz e com menos custos, sem com isso desproteger outros valores, como a segurança dos negócios ou a protecção dos consumidores.

Entre muitas medidas que reduziram custos de contexto para as empresas, destacam-se: *i*) a agilização do processo de constituição de sociedades comerciais, designadamente através dos serviços «Empresa na hora» e «Empresa online»; *ii*) a simplificação do regime de exercício da actividade industrial (REAI), compreendendo o sistema de informação que permite saber antecipadamente custos e prazos para o exercício de uma actividade, enviar o pedido de forma electrónica e acompanhar o procedimento; *iii*) a concentração do cumprimento das obrigações de informação num ponto único, através da «Informação empresarial simplificada (IES)»; ou *iv*) a desmaterialização do registo da propriedade industrial. Por sua vez, serviços como a «Casa pronta» — que, segundo o relatório *Doing Business* 2011, do Banco Mundial, permitiu a Portugal tornar-se o país do mundo onde é mais rápido registar a propriedade de um bem imóvel —, o «Nascer cidadão», a «Segurança social directa», o «NetEmprego» ou o «eAgenda», entre outros, permitiram facilitar aos cidadãos o exercício de direitos e o cumprimento de obrigações.

Algumas das iniciativas do Programa SIMPLEX resultaram, aliás, da contribuição de cidadãos, através de comentários à consulta pública, propostas enviadas para a caixa de sugestões, ideias de funcionários públicos que concorreram ao prémio Ideia.Simplex ou opiniões registadas em estudos de avaliação, consubstanciando no seu conjunto um processo de co-produção deste Programa.

É neste contexto que se insere a iniciativa «Licenciamento zero», destinada a reduzir encargos administrativos sobre os cidadãos e as empresas, por via da eliminação de licenças, autorizações, vistorias e condicionamentos prévios para actividades específicas, substituindo-os por acções sistemáticas de fiscalização *a posteriori* e mecanismos de responsabilização efectiva dos promotores.

Com a iniciativa «Licenciamento zero» visa-se também desmaterializar procedimentos administrativos e modernizar a forma de relacionamento da Administração com os cidadãos e empresas, concretizando desse modo as obrigações decorrentes da Directiva n.º 2006/123/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de Dezembro, relativa aos serviços no mercado interno, que foi transposta para a ordem jurídica interna pelo Decreto-Lei n.º 92/2010, de 26 de Julho.

Por um lado, contribui-se para a adaptação do regime jurídico das actividades de prestação de serviços aos princípios e regras previstos na directiva e, por outro,

concretiza-se o princípio do balcão único electrónico, de forma que seja possível num só ponto cumprir todos os actos e formalidades necessários para aceder e exercer uma actividade de serviços, incluindo a disponibilização de meios de pagamento electrónico. Esse balcão vai estar disponível em três línguas e acessível a todas as autoridades administrativas competentes.

Para dar cumprimento a estes objectivos, o presente decreto-lei cria, em primeiro lugar, um regime simplificado para a instalação e a modificação de estabelecimentos de restauração ou de bebidas, de comércio de bens, de prestação de serviços ou de armazenagem. Assim, é substituída a permissão administrativa destes estabelecimentos por uma mera comunicação prévia, num balcão único electrónico, da informação necessária à verificação do cumprimento dos requisitos legais. A informação registada é partilhada por todas as autoridades com interesse relevante no seu conhecimento, nomeadamente para efeitos de fiscalização ou de cadastro.

Em segundo lugar, simplificam-se ou eliminam-se licenciamentos habitualmente conexos com aquele tipo de actividades económicas e fundamentais ao seu exercício — concentrando eventuais obrigações de mera comunicação prévia no mesmo balcão electrónico — tais como os relativos a: 1) utilização privativa do domínio público municipal para determinados fins (nomeadamente, a instalação de um toldo, de um expositor ou de outro suporte informativo, a colocação de uma floreira ou de um contentor para resíduos); 2) horário de funcionamento, suas alterações e respectivo mapa; e 3) afixação e inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial, em determinados casos relacionados com a actividade do estabelecimento, sem prejuízo das regras sobre ocupação do domínio público.

A utilização privativa do espaço público é regulamentada por critérios a fixar pelos municípios, que visam assegurar a conveniente utilização pelos cidadãos e empresas daquele espaço, no âmbito da sua actividade comercial ou de prestação de serviços. É ainda reforçada a fiscalização da utilização privativa destes bens dominiais, nomeadamente através do poder concedido aos municípios para remover, destruir ou por qualquer forma inutilizar os elementos que ocupem o domínio público ilicitamente, a expensas do infractor.

Em terceiro lugar, o presente decreto-lei elimina o regime de licenciamento de exercício de outras actividades económicas, para as quais não se mostra necessário um regime de controlo prévio, tais como a venda de bilhetes para espectáculos públicos em estabelecimentos comerciais e o exercício da actividade de realização de leilões em lugares públicos.

Finalmente, em todos os regimes acima mencionados, aumenta-se a responsabilização dos agentes económicos, reforçando-se para o efeito a fiscalização e agravando-se o regime sancionatório. Elevam-se os montantes das coimas e prevê-se a aplicação de sanções acessórias que podem ser de interdição do exercício da actividade ou de encerramento do estabelecimento por um período até dois anos.

Foram ouvidas as seguintes entidades: a Associação da Hotelaria, Restauração e Similares de Portugal (AHRESP), a Associação dos Profissionais e Empresas de Mediação Imobiliária de Portugal (APEMIP), a Associação Industrial Portuguesa — Câmara de Comércio e Indústria (AIP-CCI), a Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), a Associação Portuguesa de Bancos (APB), a

Associação Portuguesa de Casinos, a Associação Portuguesa de Hotelaria, Restauração e Turismo (APHORT), a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Chinesa, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Espanhola, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Mexicana, a Câmara de Comércio e Indústria Portugal-Angola, a Câmara Municipal de Lisboa, a Câmara Municipal do Porto, a Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD), a Confederação do Turismo Português (CTP), a Confederação Empresarial de Portugal (CIP), a Confederação Portuguesa da Construção e do Imobiliário (CPCI), a COTEC Portugal — Associação Empresarial para a Inovação, a DECO — Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor e a União Geral de Trabalhadores (UGT).

Foi promovida a audição das seguintes entidades: a Associação das Micro, Pequenas e Médias Empresas (PME Portugal), a Associação Empresarial de Portugal, Câmara de Comércio e Indústria (AEP), a Associação Nacional de Freguesias (ANAFRE), a Associação Nacional de Jovens Empresários (ANJE), a Associação Portuguesa de Empresas de Distribuição (APED), a Associação Portuguesa de Mulheres Empresárias (APME), a Associação Portuguesa de Seguradores (APS), a Câmara de Comércio Americana, a Câmara de Comércio e Indústria Árabe-Portuguesa, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Alemã, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Brasileira, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Britânica, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Francesa, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Japonesa, a Câmara de Comércio e Indústria Luso-Marroquina, a Câmara de Comércio e Indústria Portugal-Holanda, a Câmara de Comércio Italiana em Portugal, a Câmara de Comércio Luso-Sueca, a Câmara de Comércio Portugal-Moçambique, a Câmara de Comércio, Indústria e Turismo Portugal Cabo Verde, a Confederação do Comércio e Serviços de Portugal (CCP), a Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) e a Confederação-Geral dos Trabalhadores Portugueses-Intersindical Nacional (CGTP-IN).

Assim:

No uso das autorizações legislativas concedidas pela Lei n.º 49/2010, de 12 de Novembro, e pelo artigo 147.º da Lei n.º 55-A/2010, de 31 de Dezembro, e nos termos da alínea b) do n.º 1 do artigo 198.º da Constituição, o Governo decreta o seguinte:

CAPÍTULO I

Disposições iniciais

Artigo 1.º

Objecto

1 — O presente decreto-lei simplifica o regime de exercício de diversas actividades económicas no âmbito da iniciativa «Licenciamento zero», destinada a reduzir encargos administrativos sobre os cidadãos e as empresas, mediante a eliminação de licenças, autorizações, validações, autenticações, certificações, actos emitidos na sequência de comunicações prévias com prazo, registos e outros actos permissivos, substituindo-os por um reforço da fiscalização sobre essas actividades.

2 — Para o efeito do número anterior são adoptadas as seguintes medidas:

a) É aprovado o novo regime de instalação e de modificação de estabelecimentos de restauração ou de bebi-

das, de comércio de bens, de prestação de serviços ou de armazenagem, baseado numa mera comunicação prévia efectuada num balcão único electrónico;

b) É simplificado o regime da ocupação do espaço público, substituindo-se o licenciamento por uma mera comunicação prévia para determinados fins habitualmente conexos com estabelecimentos de restauração ou de bebidas, de comércio de bens, de prestação de serviços ou de armazenagem;

c) É simplificado o regime da afixação e da inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial, designadamente mediante a eliminação do licenciamento da afixação e da inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial em determinadas situações;

d) É eliminado o licenciamento da actividade das agências de venda de bilhetes para espectáculos públicos;

e) É eliminado o licenciamento do exercício da actividade de realização de leilões, sem prejuízo da legislação especial que regula determinados leilões;

f) É proibida a sujeição do horário de funcionamento e do respectivo mapa a licenciamento, a autorização, a autenticação, a validação, a certificação, a actos emitidos na sequência de comunicações prévias com prazo, a registo ou a qualquer outro acto permissivo;

g) É simplificado o procedimento de inscrição no cadastro dos estabelecimentos comerciais, passando a consistir numa comunicação efectuada num balcão único electrónico.

3 — O presente decreto-lei visa ainda adequar o regime de acesso e de exercício de actividades económicas com o Decreto-Lei n.º 92/2010, de 26 de Junho, que transpõe a Directiva n.º 2006/123/CE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de Dezembro, relativa aos serviços no mercado interno, a qual estabelece os princípios e as regras necessários para simplificar o livre acesso e exercício das actividades de serviços.

Artigo 2.º

Âmbito

1 — O regime de mera comunicação prévia da instalação e da modificação de estabelecimentos de restauração ou de bebidas, de comércio de bens, de prestação de serviços ou de armazenagem, estabelecido pelo presente decreto-lei, aplica-se aos estabelecimentos ou secções acessórias de restauração ou de bebidas, de comércio de bens, de prestação de serviços ou de armazenagem destinados à prática das actividades elencadas nas listas A, B e C do anexo 1 do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

2 — Ficam sujeitos, exclusivamente, ao regime de instalação e modificação previsto no número anterior:

a) Os estabelecimentos de comércio a retalho que disponham de secções acessórias destinadas à realização de operações industriais, correspondentes às CAE (classificação portuguesa das actividades económicas) elencadas na lista D do anexo 1 do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, e enquadradas no tipo 3 do Decreto-Lei n.º 209/2008, de 29 de Outubro (REAI);

b) Os estabelecimentos de restauração ou de bebidas que disponham de secções acessórias destinadas ao fabrico próprio de pastelaria, panificação, gelados e actividades industriais similares, ou que vendam produtos alimentares a que correspondam as CAE elencadas na lista E do anexo 1 do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, e que

se enquadrem no tipo 3 do REAI ou que, enquadradas no tipo 2 do REAI, disponham de uma potência eléctrica contratada igual ou inferior a 50 kVA.

3 — O regime de inscrição no cadastro comercial, definido pelo presente decreto-lei, aplica-se:

a) Aos estabelecimentos comerciais onde seja exercida, exclusiva ou principalmente, uma ou mais actividades de comércio elencadas na lista F do anexo I do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante; e

b) Aos agentes económicos elencados na lista G do anexo I do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, em tudo o que não dependa da existência de um estabelecimento, salvo se a actividade for exercida ao abrigo do direito de livre prestação de serviços, nos termos do n.º 3 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 92/2010, de 26 de Julho.

4 — Para os efeitos referidos no presente artigo e outros decorrentes do presente decreto-lei, os conceitos relativos a actividades e estabelecimentos de restauração ou de bebidas, de comércio e de prestação de serviços são definidos no anexo II do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

5 — O regime simplificado de ocupação do espaço público e dos procedimentos especiais de realização de operações urbanísticas, estabelecido pelo presente decreto-lei, aplica-se aos estabelecimentos onde se realize qualquer actividade económica, ainda que o respectivo regime de instalação e de modificação não seja o previsto no n.º 1.

6 — O disposto no presente decreto-lei não prejudica o regime especial do licenciamento das actividades de distribuição, venda e aplicação de produtos fitofarmacêuticos.

7 — Excepcionam-se do regime previsto nos n.ºs 1 a 3 os estabelecimentos de comércio a retalho e os conjuntos comerciais abrangidos pelo Decreto-Lei n.º 21/2009, de 19 de Janeiro, os estabelecimentos e as cantinas, os refeitórios e os bares de entidades públicas, de empresas, de estabelecimentos de ensino e de associações sem fins lucrativos destinados a fornecer serviços de alimentação e de bebidas exclusivamente ao respectivo pessoal, alunos e associados, devendo este condicionamento ser devidamente publicitado.

8 — Excepcionam-se do regime previsto no n.º 2 as secções acessórias onde sejam realizadas operações industriais que utilizem matéria-prima de origem animal não transformada, cujos produtos não se destinem exclusivamente à venda ao consumidor final no próprio estabelecimento.

Artigo 3.º

Balcão do empreendedor

1 — É criado um balcão único electrónico, designado «Balcão do empreendedor», acessível através do Portal da Empresa, nos termos a definir por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais e da economia.

2 — O «Balcão do empreendedor» está igualmente acessível nas Lojas da Empresa e nos municípios que o pretendam disponibilizar, bem como em outros balcões públicos ou privados, nos termos a definir por protocolo com a Agência para a Modernização Administrativa, I. P. (AMA, I. P.)

CAPÍTULO II

Instalação, modificação e encerramento de estabelecimentos

SECÇÃO I

Regimes aplicáveis

Artigo 4.º

Regime geral

1 — A instalação de um estabelecimento abrangido pelos n.ºs 1 e 2 do artigo 2.º está sujeita ao regime de mera comunicação prévia dirigida ao presidente da câmara municipal respectiva e ao director-geral das Actividades Económicas, obrigatoriamente efectuada pelo titular da exploração ou por quem o represente no «Balcão do empreendedor».

2 — A mera comunicação prévia consiste numa declaração que permite ao interessado proceder imediatamente à abertura do estabelecimento, à exploração do armazém ou ao início de actividade, consoante os casos, após pagamento das taxas devidas.

3 — Sem prejuízo de outros elementos, identificados em portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais e da economia, a mera comunicação prévia referida nos números anteriores contém os seguintes dados:

a) A identificação do titular da exploração do estabelecimento, com menção do nome ou firma e do número de identificação fiscal;

b) O endereço da sede da pessoa colectiva ou do empresário em nome individual;

c) O endereço do estabelecimento ou armazém e o respectivo nome ou insígnia;

d) A CAE das actividades que são desenvolvidas no estabelecimento, bem como outra informação relevante para a caracterização dessas actividades, designadamente a área de venda e de armazenagem do estabelecimento ou armazém, as secções acessórias existentes, o número de pessoas ao serviço, o tipo de localização e o método de venda;

e) A data de abertura ao público do estabelecimento ou de início de exploração do armazém;

f) A declaração do titular da exploração do estabelecimento de que tomou conhecimento das obrigações decorrentes da legislação identificada no anexo III do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, e de que as respeita integralmente.

4 — O titular da exploração do estabelecimento é obrigado a manter actualizados todos os dados comunicados, devendo proceder a essa actualização no prazo máximo de 60 dias após a ocorrência de qualquer alteração, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

5 — Está igualmente sujeita ao regime da mera comunicação prévia no «Balcão do empreendedor» a modificação de um estabelecimento, abrangido pelos n.ºs 1 e 2 do artigo 2.º, decorrente da alteração do ramo de actividade de restauração ou de bebidas, de comércio de bens ou de prestação de serviços, aplicando-se, com as devidas adaptações, o disposto nos n.ºs 2 e 3.

6 — O encerramento do estabelecimento abrangido pelos n.ºs 1 e 2 do artigo 2.º deve ser comunicado no «Balcão do empreendedor» no prazo máximo de 60 dias após a sua ocorrência.

7 — Para os efeitos referidos no presente decreto-lei entende-se por:

a) «Instalação», a acção desenvolvida tendo em vista a abertura de um estabelecimento, com o objectivo de nele ser exercida uma actividade de restauração ou de bebidas, de comércio de bens ou de prestação de serviços, ou o funcionamento de um armazém;

b) «Modificação», a alteração do ramo de actividade de restauração ou de bebidas, de comércio de bens ou de prestação de serviços, a ampliação ou redução da área de venda ou de armazenagem, a mudança de nome ou de insígnia, ou a alteração da entidade titular da exploração;

c) «Encerramento», a cessação do exercício de actividade de restauração ou de bebidas, de comércio de bens ou de prestação de serviços num estabelecimento ou o fecho de um armazém.

Artigo 5.º

Dispensa de requisitos

1 — A instalação ou modificação de um estabelecimento abrangido pelos n.ºs 1 a 3 do artigo 2.º fica sujeita ao regime de comunicação prévia com prazo, a efectuar pelo interessado no «Balcão do empreendedor», quando depender de dispensa prévia de requisitos legais ou regulamentares aplicáveis às instalações, aos equipamentos e ao funcionamento das actividades económicas a exercer no estabelecimento.

2 — A comunicação prévia com prazo consiste numa declaração que permite ao interessado proceder à abertura do estabelecimento, à exploração do armazém ou ao início de actividade, consoante os casos, quando a autoridade administrativa emita despacho de deferimento ou quando esta não se pronuncie após o decurso do prazo de 20 dias, contado a partir do momento do pagamento das taxas devidas.

3 — A apreciação da comunicação prevista nos números anteriores é da competência do presidente da câmara municipal territorialmente competente na área de localização do estabelecimento, podendo ser delegada:

- a) Nos vereadores, com faculdade de subdelegação; ou
- b) Nos dirigentes dos serviços municipais.

4 — O presidente da câmara pode proceder à consulta de outras entidades, designadamente a Direcção-Geral das Actividades Económicas (DGAE), sem que essa consulta suspenda o prazo da comunicação prévia.

5 — A dispensa pode ser deferida desde que não se trate de condicionamentos legais ou regulamentares imperativos relativos à segurança contra incêndios, à saúde pública ou a operações de gestão de resíduos, nem de requisitos imperativos de higiene dos géneros alimentícios expressamente previstos nos Regulamentos (CE) n.ºs 852/2004 e 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

6 — Constituem nomeadamente fundamento de deferimento da dispensa de requisitos:

a) O contributo para a requalificação ou revitalização da área circundante do edifício ou fracção autónoma onde se instala o estabelecimento;

b) O contributo para a conservação do edifício ou fracção autónoma onde se instala o estabelecimento;

c) Estar em curso ou a ser iniciado procedimento conducente à elaboração, revisão, rectificação, alteração ou suspensão de instrumento de gestão territorial que não seja impeditivo do funcionamento, por prazo determinado, do estabelecimento;

d) A estrita observância dos requisitos exigidos para as instalações e equipamentos afectar significativamente a rendibilidade ou as características arquitectónicas ou estruturais dos edifícios que estejam classificados como de interesse nacional, público ou municipal ou que possuam valor histórico, arquitectónico, artístico ou cultural;

e) O facto de o estabelecimento estar integrado em conjunto comercial que já cumpra esses requisitos e isso aproveite ao estabelecimento.

7 — As decisões do presidente da câmara municipal, emitidas ao abrigo do disposto no presente artigo, devem ser divulgadas no «Balcão do empreendedor».

Artigo 6.º

Regime da prestação de serviços de restauração ou de bebidas com carácter não sedentário

1 — Fica sujeita a comunicação prévia com prazo a prestação de serviços de restauração ou de bebidas com carácter não sedentário, a realizar, nomeadamente:

a) Em unidades móveis ou amovíveis localizadas em feiras ou em espaços públicos autorizados para o exercício da venda ambulante;

b) Em unidades móveis ou amovíveis localizadas em espaços públicos ou privados de acesso público;

c) Em instalações fixas nas quais ocorram menos de 10 eventos anuais.

2 — A comunicação prévia com prazo consiste numa declaração que permite ao interessado proceder à prestação de serviços de restauração ou de bebidas com carácter não sedentário, quando o presidente da câmara municipal territorialmente competente emita despacho de deferimento ou quando este não se pronuncie após o decurso do prazo de 20 dias ou, no caso da alínea b) do número anterior, de cinco dias, contados a partir do momento do pagamento das taxas devidas.

3 — A comunicação prevista no número anterior é efectuada no «Balcão do empreendedor», sendo a sua apreciação da competência do presidente da câmara municipal territorialmente competente na área do local de exercício da actividade, podendo ser delegada:

- a) Nos vereadores, com faculdade de subdelegação; ou
- b) Nos dirigentes dos serviços municipais.

SECÇÃO II

Regimes conexos

SUBSECÇÃO I

Operações urbanísticas

Artigo 7.º

Regime geral

1 — Sem prejuízo do disposto nesta subsecção, sempre que a instalação ou modificação de um estabelecimento abrangido pelos n.ºs 1 e 2 do artigo 2.º envolva a realização de obras sujeitas a controlo prévio, antes de efectuar a mera comunicação prévia prevista nos n.ºs 1 e 2 do artigo 4.º ou a comunicação prévia com prazo referida nos n.ºs 1 e 2 do artigo 5.º, deve o interessado dar cumprimento ao regime jurídico da urbani-

zação e edificação (RJUE), aprovado pelo Decreto-Lei n.º 555/99, de 16 de Dezembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 26/2010, de 30 de Março, e pela Lei n.º 28/2010, de 2 de Setembro.

2 — No caso de se tratar de estabelecimento de restauração ou de bebidas que disponha de espaços ou salas destinados a dança ou onde habitualmente se dance ou que disponha de recinto de diversão provisório, deve ainda o interessado dar cumprimento ao regime previsto no Decreto-Lei n.º 309/2002, de 16 de Dezembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 268/2009, de 29 de Setembro, antes de efectuar a mera comunicação prévia prevista nos n.ºs 1 e 2 do artigo 4.º

Artigo 8.º

Regime das operações urbanísticas sujeitas a comunicação prévia

1 — Sem prejuízo do disposto no número seguinte, quando o interessado na instalação de um estabelecimento necessitar de realizar operações urbanísticas sujeitas a comunicação prévia, nos termos do n.º 4 do artigo 4.º do RJUE, pode enviar o pedido e os documentos necessários para o efeito através do «Balcão do empreendedor», nos termos a definir por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais, da economia, do ambiente e do ordenamento do território.

2 — Aplica-se o regime da mera comunicação prévia às operações urbanísticas referidas no número anterior nas situações identificadas em portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais, da economia, do ambiente e do ordenamento do território.

3 — A mera comunicação prévia referida no número anterior consiste numa declaração que permite ao interessado proceder imediatamente à realização da operação urbanística, após o pagamento das taxas devidas.

Artigo 9.º

Regime da utilização de edifício ou de fracção autónoma destinadas à instalação de um estabelecimento

1 — A utilização de um edifício ou de suas fracções para efeitos de instalação de um estabelecimento e as respectivas alterações de uso podem ser solicitadas ao município no «Balcão do empreendedor».

2 — O disposto nos números anteriores não prejudica a possibilidade de os municípios identificarem áreas geográficas onde seja possível alterar a utilização de um edifício ou de suas fracções por mera comunicação prévia no «Balcão do empreendedor».

3 — A mera comunicação prévia referida no número anterior consiste numa declaração que permite ao interessado proceder imediatamente à alteração de utilização de um edifício ou fracção autónoma, após o pagamento das taxas devidas.

SUBSECÇÃO II

Ocupação do espaço público

Artigo 10.º

Finalidades admissíveis

1 — O interessado na exploração de um estabelecimento deve usar o «Balcão do empreendedor» para declarar

que pretende ocupar o espaço público, entendido como a área de acesso livre e de uso colectivo afecta ao domínio público das autarquias locais, para algum ou alguns dos seguintes fins:

- a) Instalação de toldo e respectiva sanefa;
- b) Instalação de esplanada aberta;
- c) Instalação de estrado e guarda-ventos;
- d) Instalação de vitrina e expositor;
- e) Instalação de suporte publicitário, nos casos em que é dispensado o licenciamento da afixação ou da inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial;
- f) Instalação de arcas e máquinas de gelados;
- g) Instalação de brinquedos mecânicos e equipamentos similares;
- h) Instalação de floreira;
- i) Instalação de contentor para resíduos.

2 — O interessado na exploração de um estabelecimento deve igualmente usar o «Balcão do empreendedor» para comunicar a cessação da ocupação do espaço público para os fins anteriormente declarados.

3 — No caso da cessação da ocupação do espaço público resultar do encerramento do estabelecimento, dispensa-se a comunicação referida no número anterior, bastando para esse efeito a mencionada no n.º 6 do artigo 4.º

4 — A ocupação do espaço público para fins distintos dos mencionados no n.º 1 segue o regime geral de ocupação do domínio público das autarquias locais.

5 — Para garantir maior certeza jurídica na ocupação do espaço público, os tipos de mobiliário urbano que mais frequentemente são instalados, projectados ou apoiados no espaço público são definidos no anexo II do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

Artigo 11.º

Critérios de ocupação do espaço público

1 — Para os efeitos referidos no artigo anterior, compete aos municípios a definição dos critérios a que deve estar sujeita a ocupação do espaço público para salvaguarda da segurança, do ambiente e do equilíbrio urbano.

2 — Os critérios referidos no número anterior devem procurar garantir que a ocupação do espaço público respeite as seguintes regras:

- a) Não provocar obstrução de perspectivas panorâmicas ou afectar a estética ou o ambiente dos lugares ou da paisagem;
- b) Não prejudicar a beleza ou o enquadramento de monumentos nacionais, de edifícios de interesse público ou outros susceptíveis de ser classificados pelas entidades públicas;
- c) Não causar prejuízos a terceiros;
- d) Não afectar a segurança das pessoas ou das coisas, nomeadamente na circulação rodoviária ou ferroviária;
- e) Não apresentar disposições, formatos ou cores que possam confundir-se com os da sinalização de tráfego;
- f) Não prejudicar a circulação dos peões, designadamente dos cidadãos portadores de deficiência.

3 — O disposto no presente artigo não impede o município de proibir a ocupação do espaço público, para algum ou alguns dos fins previstos no artigo anterior, em toda a área do município ou apenas em parte dela.

4 — No caso de o município não definir os critérios a que deve estar sujeita a ocupação do espaço público nem a proibir nos termos do número anterior, aplicam-se subsidiariamente os critérios referidos no anexo IV do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

5 — Sempre que exista interesse relevante, podem ser definidos critérios adicionais por outras entidades com jurisdição sobre a área do espaço público a ocupar, nomeadamente:

- a) O Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I. P.;
- b) A Estradas de Portugal, S. A.;
- c) O Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres, I. P.;
- d) O Turismo de Portugal, I. P.;
- e) O Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, I. P.;
- f) A Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária.

6 — Os critérios adicionais que vierem a ser definidos, nos termos do número anterior, devem ser imediatamente comunicados à Direcção-Geral das Autarquias Locais, bem como aos municípios, para efeitos da sua incorporação nos respectivos regulamentos municipais.

7 — Os critérios elaborados nos termos dos números anteriores apenas produzem efeitos depois de estarem disponíveis para consulta no «Balcão do empreendedor».

Artigo 12.º

Regimes aplicáveis à ocupação do espaço público

1 — Sem prejuízo dos critérios definidos pelo município nos termos do artigo anterior, aplica-se o regime da mera comunicação prévia à declaração referida no n.º 1 do artigo 10.º se as características e localização do mobiliário urbano respeitarem os seguintes limites:

a) No caso dos toldos e das respectivas sanefas, das floreiras, das vitrinas, dos expositores, das arcas e máquinas de gelados, dos brinquedos mecânicos e dos contentores para resíduos, quando a sua instalação for efectuada junto à fachada do estabelecimento;

b) No caso das esplanadas abertas, quando a sua instalação for efectuada em área contígua à fachada do estabelecimento e a ocupação transversal da esplanada não exceder a largura da fachada do respectivo estabelecimento;

c) No caso dos guarda-ventos, quando a sua instalação for efectuada junto das esplanadas, perpendicularmente ao plano marginal da fachada e o seu avanço não ultrapassar o da esplanada;

d) No caso dos estrados, quando a sua instalação for efectuada como apoio a uma esplanada e não exceder a sua dimensão;

e) No caso dos suportes publicitários:

i) Quando a sua instalação for efectuada na área contígua à fachada do estabelecimento e não exceder a largura da mesma; ou

ii) Quando a mensagem publicitária for afixada ou inscrita na fachada ou em mobiliário urbano referido nas alíneas anteriores.

2 — A mera comunicação prévia referida no número anterior consiste numa declaração que permite ao interessado proceder imediatamente à ocupação do espaço público, após o pagamento das taxas devidas.

3 — Sem prejuízo de outros elementos identificados em portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais e da economia, a mera comunicação prévia referida nos números anteriores contém:

a) Os dados referidos nas alíneas a) a c) do n.º 3 do artigo 4.º;

b) A indicação do fim pretendido com a ocupação do espaço público;

c) A identificação das características e da localização do mobiliário urbano a colocar;

d) A declaração do titular da exploração de que respeita integralmente as obrigações legais e regulamentares sobre a ocupação do espaço público.

4 — Aplica-se o regime da comunicação prévia com prazo à declaração prevista no n.º 1 do artigo 10.º, no caso de as características e a localização do mobiliário urbano não respeitarem os limites referidos no n.º 1.

5 — A comunicação prévia com prazo referida no número anterior consiste numa declaração que permite ao interessado proceder à ocupação do espaço público, quando o presidente da câmara municipal territorialmente competente emita despacho de deferimento ou quando este não se pronuncie após o decurso do prazo de 20 dias, contado a partir do momento do pagamento das taxas devidas.

6 — A comunicação prevista no número anterior é efectuada no «Balcão do empreendedor», sendo a sua apreciação da competência do presidente da câmara municipal, podendo ser delegada:

- a) Nos vereadores, com faculdade de subdelegação; ou
- b) Nos dirigentes dos serviços municipais.

7 — O titular da exploração do estabelecimento é obrigado a manter actualizados todos os dados comunicados, devendo proceder a essa actualização no prazo máximo de 60 dias após a ocorrência de qualquer modificação, salvo se esses dados já tiverem sido comunicados por força do disposto no n.º 4 do artigo 4.º

8 — Sem prejuízo da observância dos critérios definidos nos termos do artigo anterior, a mera comunicação prévia ou o deferimento da comunicação prévia com prazo, efectuada nos termos do artigo 10.º, dispensam a prática de quaisquer outros actos permissivos relativamente à ocupação do espaço público, designadamente a necessidade de proceder a licenciamento ou à celebração de contrato de concessão.

9 — O disposto no número anterior não impede o município de ordenar a remoção do mobiliário urbano que ocupar o espaço público quando, por razões de interesse público devidamente fundamentadas, tal se afigure necessário.

Artigo 13.º

Domínio público hídrico, ferroviário e rodoviário

O disposto na presente subsecção não prejudica o regime legal aplicável ao domínio público hídrico, nomeadamente o domínio público hídrico pertencente aos municípios e freguesias estabelecido nas Leis n.ºs 54/2005, de 15 de Novembro, e 58/2005, de 29 de Dezembro, bem como o regime legal aplicável ao domínio público ferroviário, estabelecido no Decreto-Lei n.º 276/2003, de 4 de Novembro, e o regime legal aplicável ao domínio público rodoviário,

constante dos Decretos-Leis n.ºs 13/71, de 23 de Janeiro, e 13/94, de 15 de Janeiro.

SUBSECÇÃO III
Cadastro comercial

Artigo 14.º

Regime de inscrição no cadastro comercial

1 — Os titulares da exploração dos estabelecimentos referidos na alínea *a)* do n.º 3 do artigo 2.º e os agentes económicos mencionados na alínea *b)* do mesmo artigo estão obrigados a proceder à comunicação electrónica dos dados necessários à inscrição no cadastro comercial dos seguintes factos:

- a)* A instalação do estabelecimento comercial;
- b)* A modificação do estabelecimento comercial;
- c)* O encerramento do estabelecimento comercial.

2 — A comunicação referida no número anterior deve ser efectuada pelo titular da exploração do estabelecimento até 60 dias após a ocorrência do facto sujeito a inscrição.

3 — O cumprimento da obrigação prevista no n.º 1 é efectuado no «Balcão do empreendedor» referido no artigo 3.º, devendo para esse efeito ser submetidos os dados mencionados nas alíneas *a)* a *e)* do n.º 3 do artigo 4.º e ainda a identificação do facto a inscrever.

4 — A inscrição no cadastro comercial não dispensa o cumprimento das obrigações legais e regulamentares aplicáveis ao estabelecimento e constantes do anexo III do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

5 — O cumprimento das obrigações previstas no artigo 4.º pelos titulares da exploração dos estabelecimentos referidos nos n.ºs 1 e 2 do artigo 2.º dispensa o fornecimento de mais informação para efeitos de cadastro comercial.

6 — A obrigação prevista nos números anteriores pode ser dispensada se a informação necessária à inscrição dos factos mencionados no n.º 1 puder ser obtida por outra via, em termos a definir por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa e da economia.

SUBSECÇÃO IV

Procedimentos, títulos e outros pedidos, comunicações, notificações e registos

Artigo 15.º

Procedimentos das comunicações prévias com prazo

1 — As comunicações prévias com prazo previstas nos n.ºs 1 e 2 do artigo 5.º, nos n.ºs 1 e 2 do artigo 6.º e nos n.ºs 4 e 5 do artigo 12.º só se consideram entregues quando estiverem acompanhadas de todos os elementos considerados obrigatórios e identificados em portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais e da economia e se mostrarem pagas as taxas devidas.

2 — A autoridade administrativa competente analisa a comunicação prévia com prazo e a sua conformidade com as disposições legais e regulamentares em vigor,

comunicando ao requerente, através do «Balcão do empreendedor»:

- a)* O despacho de deferimento;
- b)* O despacho de indeferimento, o qual contém a identificação das desconformidades do pedido com as disposições legais e regulamentares aplicáveis e cujo cumprimento não é dispensado.

Artigo 16.º

Títulos

O comprovativo electrónico de entrega no «Balcão do empreendedor» das meras comunicações prévias, das comunicações prévias com prazo e das demais comunicações previstas no presente decreto-lei, acompanhado do comprovativo do pagamento das quantias eventualmente devidas, são prova suficiente do cumprimento dessas obrigações para todos os efeitos.

Artigo 17.º

Outros pedidos, comunicações, notificações e registos

Os titulares da exploração de estabelecimentos abrangidos pelos n.ºs 1 a 3 do artigo 2.º efectuam igualmente no «Balcão do empreendedor» outros actos e formalidades conexos com o exercício da actividade, nos termos definidos por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais, da economia e pela área que integra a obrigação em causa.

SECÇÃO III

Taxas

Artigo 18.º

Divulgação das taxas no «Balcão do empreendedor»

1 — As taxas devidas pelo procedimento ou a fórmula do seu cálculo são determinadas por cada município e divulgadas pelos mesmos no «Balcão do empreendedor».

2 — Quando esteja em causa a utilização do espaço público, as taxas referidas no número anterior podem ser devidas pela utilização durante um determinado período de tempo.

3 — A falta de introdução por um município da informação referida nos números anteriores determina que não seja devida qualquer taxa.

4 — A liquidação do valor das taxas é efectuada automaticamente no «Balcão do empreendedor», salvo nos seguintes casos em que os elementos necessários à realização do pagamento por via electrónica podem ser disponibilizados pelo município nesse balcão, no prazo de cinco dias após a comunicação ou o pedido:

- a)* Taxas devidas pelos procedimentos respeitantes a operações urbanísticas;
- b)* Taxas devidas pela ocupação do espaço público cuja forma de determinação não resulta automaticamente do «Balcão do empreendedor».

Artigo 19.º

Pagamento de taxas

As taxas devidas no âmbito do regime previsto no presente capítulo devem poder ser pagas por via electrónica junto dos destinatários, designadamente dos municípios.

SECÇÃO IV

Verificação da informação e protecção de dados

Artigo 20.º

Verificação da informação

1 — A informação relativa à CAE e os dados das pessoas colectivas é confirmada através de ligação ao Sistema de Informação da Classificação Portuguesa de Actividades Económicas (SICAE) e às bases de dados do Instituto dos Registos e do Notariado, I. P. (IRN, I. P.), em termos a definir por protocolo a celebrar entre o IRN, I. P., o Instituto das Tecnologias de Informação na Justiça, I. P. (ITIJ, I. P.), a AMA, I. P., e a DGAE.

2 — A informação relativa à CAE e aos dados das pessoas singulares é confirmada através de ligação à base de dados da Direcção-Geral dos Impostos (DGCI) nos termos da legislação em vigor, definidos por protocolo a celebrar entre a DGCI, a Direcção-Geral de Informática e Apoio aos Serviços Tributários e Aduaneiros (DGITA), a AMA, I. P., e a DGAE.

3 — Antes da celebração dos protocolos referidos nos números anteriores o seu conteúdo deve ser comunicado à Comissão Nacional de Protecção de Dados (CNPD).

Artigo 21.º

Entidade competente para a organização e manutenção dos registos sectoriais de comércio e serviços

1 — A DGAE organiza e mantém actualizada a informação relativa aos estabelecimentos de restauração ou de bebidas, de comércio de bens ou de prestação de serviços e de armazenagem, bem como a respeitante às actividades e distribuidores grossistas.

2 — A informação referida no número anterior tem como objectivos:

a) Identificar e caracterizar o universo de estabelecimentos de restauração ou de bebidas, com vista à constituição de uma base de informação que permita a realização de estudos sobre o sector e o acompanhamento da sua evolução;

b) Identificar e caracterizar a oferta comercial, em estabelecimento comercial e através de outras modalidades de venda, com vista à constituição de uma base de informação que permita a realização de estudos sobre o sector comercial e o acompanhamento da sua evolução;

c) Facilitar o controlo de actividades exercidas em estabelecimentos de comércio por grosso e a retalho de produtos não alimentares e de prestação de serviços que podem envolver riscos para a saúde e a segurança das pessoas;

d) Servir de base ao controlo oficial em matéria de segurança alimentar nos sectores da restauração ou de bebidas e do comércio, nos termos do artigo 6.º do Regulamento (CE) n.º 852/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

3 — Sem prejuízo da divulgação periódica de informação estatística pela DGAE e da protecção dos dados pessoais nos termos do respectivo regime legal, a informação constante dos registos sectoriais de comércio e serviços é pública, devendo ser promovida a sua reutilização.

Artigo 22.º

Dados pessoais

1 — Compete à DGAE, nos termos do artigo anterior, e às demais entidades responsáveis pelo tratamento da

informação que consta das comunicações previstas no presente capítulo, a protecção dos dados pessoais constantes da mesma nos termos da Lei n.º 67/98, de 26 de Outubro.

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, os dados pessoais constantes das comunicações realizadas nos termos deste decreto-lei são disponibilizados às seguintes entidades:

a) Município onde se localiza o estabelecimento ou o armazém;

b) Entidades com competência para fiscalizar ou verificar o cumprimento das obrigações legais e regulamentares;

c) DGAE;

d) IRN, I. P.;

e) AMA, I. P.

3 — O titular da informação que consta da mera comunicação prévia tem o direito de, a todo o tempo, verificar os seus dados pessoais e solicitar a sua rectificação quando os mesmos estejam incompletos ou inexactos.

Artigo 23.º

Segurança da informação

A DGAE e demais entidades responsáveis pelo tratamento dos dados mencionados no presente capítulo adoptam as medidas técnicas e organizativas adequadas para os proteger contra a destruição acidental ou ilícita, a perda acidental, a alteração, a difusão ou o acesso não autorizados, nos termos da lei de protecção de dados pessoais.

Artigo 24.º

Conservação dos dados

1 — Os dados constantes das comunicações reguladas no presente decreto-lei são conservados enquanto se mantiver o exercício da actividade, sem prejuízo do disposto no número seguinte.

2 — Após a cessação da actividade, os dados são conservados durante o prazo previsto nos regulamentos arquivísticos das respectivas entidades competentes.

SECÇÃO V

Fiscalização e regime sancionatório

Artigo 25.º

Fiscalização

A fiscalização do cumprimento das regras estabelecidas no presente capítulo compete à Autoridade de Segurança Alimentar e Económica (ASAE), sem prejuízo das competências próprias dos municípios, no âmbito do RJUE e da tutela do espaço público, e das competências das demais entidades nos termos da lei.

Artigo 26.º

Ocupação ilícita do espaço público

1 — Os municípios podem, notificado o infractor, remover ou por qualquer forma inutilizar os elementos que ocupem o espaço público em violação das disposições no presente capítulo.

2 — Os municípios, notificado o infractor, são igualmente competentes para embargar ou demolir obras quando contrariem o disposto no presente capítulo.

Artigo 27.º

Custos da remoção

Os encargos com a remoção de elementos que ocupem o espaço público, ainda que efectuada por serviços públicos, são suportados pela entidade responsável pela ocupação ilícita.

Artigo 28.º

Regime sancionatório

1 — Sem prejuízo da punição pela prática de crime de falsas declarações e do disposto noutras disposições legais, constituem contra-ordenação:

a) A emissão de uma declaração a atestar o cumprimento das obrigações legais e regulamentares, ao abrigo do disposto na alínea *f*) do n.º 3 do artigo 4.º ou da alínea *d*) do n.º 3 do artigo 12.º, que não corresponda à verdade, punível com coima de € 500 a € 3500, tratando-se de uma pessoa singular, ou de € 1500 a € 25 000, no caso de se tratar de uma pessoa colectiva;

b) A não realização das comunicações prévias previstas nos n.ºs 1 e 5 do artigo 4.º, no n.º 1 do artigo 5.º, no n.º 1 do artigo 6.º, no n.º 1 do artigo 10.º, punível com coima de € 350 a € 2500, tratando-se de uma pessoa singular, ou de € 1000 a € 7500, no caso de se tratar de uma pessoa colectiva;

c) A falta, não suprida em 10 dias após notificação electrónica, de algum elemento essencial das meras comunicações prévias previstas nos n.ºs 1 e 5 do artigo 4.º, no n.º 1 do artigo 5.º e no n.º 1 do artigo 10.º, punível com coima de € 200 a € 1000, tratando-se de uma pessoa singular, ou de € 500 a € 2500, no caso de se tratar de uma pessoa colectiva;

d) A não actualização dos dados e a falta da comunicação de encerramento do estabelecimento previstas nos n.ºs 4 e 6 do artigo 4.º e no n.º 7 do artigo 12.º, punível com coima de € 150 a € 750, tratando-se de uma pessoa singular, ou de € 400 a € 2000, no caso de se tratar de uma pessoa colectiva;

e) O cumprimento fora do prazo do disposto nos n.ºs 1 e 4 a 6 do artigo 4.º e no n.º 7 do artigo 12.º e a violação do disposto no n.º 1 do artigo 14.º, punível com coima de € 50 a € 250, tratando-se de uma pessoa singular, ou de € 200 a € 1000, no caso de se tratar de uma pessoa colectiva;

f) O cumprimento do disposto no n.º 1 do artigo 14.º fora do prazo referido no n.º 2 do mesmo artigo, punível com coima de € 30 a € 100, tratando-se de uma pessoa singular, ou de € 100 a € 500, no caso de se tratar de uma pessoa colectiva.

2 — A negligência é sempre punível nos termos gerais.

3 — Sem prejuízo do disposto no número seguinte, a instrução dos processos compete à ASAE e a competência para aplicar as respectivas coimas cabe à Comissão de Aplicação de Coimas em Matéria Económica e de Publicidade (CACMEP).

4 — É apenas da competência dos municípios a instrução dos processos referidos nas alíneas *a*), *b*), *c*), *d*) e *e*) do n.º 1, na sequência das seguintes infracções:

a) Emissão de uma declaração a atestar o cumprimento das obrigações legais e regulamentares, ao abrigo do disposto na alínea *d*) do n.º 3 do artigo 12.º, que não corresponda à verdade;

b) Não realização das comunicações prévias previstas no n.º 1 do artigo 10.º;

c) Falta de algum elemento essencial da mera comunicação prévia prevista no n.º 1 do artigo 10.º;

d) Violação do disposto no n.º 7 do artigo 12.º;

e) Cumprimento fora do prazo do disposto no n.º 7 do artigo 12.º

Artigo 29.º

Produto das coimas

1 — O produto das coimas apreendido nos processos de contra-ordenação reverte:

a) 60% para o Estado ou para as regiões autónomas, consoante o local de ocorrência da acção que consubstancia a infracção;

b) 30% para a autoridade administrativa que faz a instrução do processo;

c) 10% para a CACMEP.

2 — O produto das coimas apreendido nos processos de contra-ordenação que sejam da responsabilidade das autoridades administrativas municipais reverte na totalidade para os municípios respectivos.

Artigo 30.º

Sanções acessórias

1 — Em função da gravidade da infracção e da culpa do agente, simultaneamente com a coima, podem ser aplicadas as sanções acessórias de encerramento de estabelecimento e de interdição do exercício de actividade, com os seguintes pressupostos de aplicação:

a) A interdição do exercício de actividade apenas pode ser decretada se o agente praticar a contra-ordenação com flagrante e grave abuso da função que exerce ou com manifesta e grave violação dos deveres que lhe são inerentes;

b) O encerramento do estabelecimento apenas pode ser decretado quando a contra-ordenação tenha sido praticada por causa do funcionamento do estabelecimento.

2 — A duração da interdição do exercício de actividade e do encerramento do estabelecimento não pode exceder o período de dois anos.

CAPÍTULO III

Alterações legislativas

Artigo 31.º

Alteração à Lei n.º 97/88, de 17 de Agosto

Os artigos 1.º, 2.º e 4.º da Lei n.º 97/88, de 17 de Agosto, alterada pela Lei n.º 23/2000, de 23 de Agosto, passam a ter a seguinte redacção:

«Artigo 1.º

[...]

1 — A afixação ou inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial obedece às regras gerais sobre publicidade e depende do licenciamento prévio das autoridades competentes, salvo o disposto no n.º 3.

2 —

3 — Sem prejuízo das regras sobre a utilização do espaço público e do regime jurídico da conservação da natureza e biodiversidade, a afixação e a inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial não estão sujeitas a licenciamento, a autorização, a autenticação, a validação, a certificação, a actos emitidos na sequência de comunicações prévias com prazo, a registo ou a qualquer outro acto permissivo, nem a mera comunicação prévia nos seguintes casos:

a) Quando as mensagens publicitárias de natureza comercial são afixadas ou inscritas em bens de que são proprietárias ou legítimas possuidoras ou detentoras entidades privadas e não são visíveis ou audíveis a partir do espaço público;

b) Quando as mensagens publicitárias de natureza comercial são afixadas ou inscritas em bens de que são proprietárias ou legítimas possuidoras ou detentoras entidades privadas e a mensagem publicita os sinais distintivos do comércio do estabelecimento ou do respectivo titular da exploração ou está relacionada com bens ou serviços comercializados no prédio em que se situam, ainda que sejam visíveis ou audíveis a partir do espaço público;

c) Quando as mensagens publicitárias de natureza comercial ocupam o espaço público contíguo à fachada do estabelecimento e publicitam os sinais distintivos do comércio do estabelecimento ou do respectivo titular da exploração ou estão relacionadas com bens ou serviços comercializados no estabelecimento.

4 — No caso dos bens imóveis, a afixação ou a inscrição de mensagens publicitárias no próprio bem consideram-se abrangidas pelo disposto na alínea b) do número anterior.

5 — Compete aos municípios, para salvaguarda do equilíbrio urbano e ambiental, a definição dos critérios que devem ser observados na afixação e inscrição de mensagens publicitárias não sujeitas a licenciamento nos termos das alíneas b) e c) do n.º 3.

6 — No caso de o município não definir os critérios nos termos do número anterior, aplicam-se subsidiariamente os critérios referidos no anexo IV do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante.

7 — Os critérios definidos nos termos do n.º 5 apenas produzem efeitos após a sua divulgação no ‘Balcão do empreendedor’, acessível pelo Portal da Empresa, sem prejuízo da sua publicação nos sítios da Internet dos respectivos municípios.

Artigo 2.º

[...]

1 —

2 — A deliberação da câmara municipal deve ser precedida de parecer das entidades com jurisdição sobre os locais onde a publicidade for afixada, nomeadamente:

a) O Instituto de Gestão do Património Arquitectónico e Arqueológico, I. P.;

b) A Estradas de Portugal, S. A.;

c) O Instituto da Mobilidade e dos Transportes Terrestres, I. P.;

d) O Turismo de Portugal, I. P.;

e) O Instituto da Conservação da Natureza e da Biodiversidade, I. P.;

f) A Autoridade Nacional de Segurança Rodoviária.

3 —

Artigo 4.º

[...]

1 — Os critérios a estabelecer no licenciamento da publicidade comercial e na afixação e inscrição de mensagens publicitárias não sujeitas a licenciamento nos termos das alíneas b) e c) do n.º 3 do artigo 1.º, assim como o exercício das actividades de propaganda, devem prosseguir os seguintes objectivos:

a)

b)

c)

d)

e)

f)

2 —

3 — É proibido, em qualquer caso, a realização de inscrições ou pinturas murais em monumentos nacionais, edifícios religiosos, sedes de órgão de soberania, de regiões autónomas ou de autarquias locais, tal como em sinais de trânsito, placas de sinalização rodoviária, interior de quaisquer repartições ou edifícios públicos e centros históricos como tal declarados ao abrigo da competente regulamentação urbanística.

4 — É proibida a afixação e a inscrição de mensagens publicitárias em qualquer bem sem o consentimento dos proprietários, possuidores ou detentores dos mesmos.»

Artigo 32.º

Aditamento à Lei n.º 97/88, de 17 de Agosto

São aditados à Lei n.º 97/88, de 17 de Agosto, alterada pela Lei n.º 23/2000, de 23 de Agosto, os artigos 3.º-A e 10.º-A, com a seguinte redacção:

«Artigo 3.º-A

Critérios elaborados por outras entidades

Sempre que entendam haver interesse relevante, as entidades com jurisdição sobre os locais onde a publicidade é afixada ou inscrita podem definir critérios, os quais são comunicados à Direcção-Geral das Autarquias Locais e aos municípios, com o fim de serem incorporados nos respectivos regulamentos.

Artigo 10.º-A

Sanções acessórias

1 — Em função da gravidade da infracção e da culpa do agente, simultaneamente com a coima podem ser aplicadas as sanções acessórias de encerramento de estabelecimento e de interdição do exercício de actividade, com os seguintes pressupostos de aplicação:

a) A interdição do exercício de actividade apenas pode ser decretada se o agente praticar a contra-ordenação com flagrante e grave abuso da função que exerce ou

com manifesta e grave violação dos deveres que lhe são inerentes;

b) O encerramento do estabelecimento apenas pode ser decretado quando a contra-ordenação tenha sido praticada por causa do funcionamento do estabelecimento.

2 — A duração da interdição do exercício de actividade e do encerramento do estabelecimento não pode exceder o período de dois anos.»

Artigo 33.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de Maio

Os artigos 4.º e 5.º do Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de Maio, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 126/96, de 10 de Agosto, e 111/2010, de 15 de Outubro, passam a ter a seguinte redacção:

«Artigo 4.º

1 —

2 — Após a entrada em vigor do presente diploma, e até que se verifique o disposto no número anterior, devem os titulares dos estabelecimentos comerciais adaptar os respectivos períodos de abertura aos previstos no artigo 1.º ou manter o período de abertura que vinha sendo praticado com base no regulamento municipal existente para o efeito, comunicando esse facto à câmara municipal da área em que se situa o estabelecimento.

3 —

Artigo 5.º

1 — *(Revogado.)*

2 — Constitui contra-ordenação punível com coima:

a) De € 150 a € 450, para pessoas singulares, e de € 450 a € 1500, para pessoas colectivas, a falta de mera comunicação prévia do horário de funcionamento, bem como das suas alterações e a falta da afixação do mapa de horário de funcionamento, em violação do disposto nos n.ºs 1 e 2 do artigo 4.º-A;

b) De € 250 a € 3740, para pessoas singulares, e de € 2500 a € 25 000, para pessoas colectivas, o funcionamento fora do horário estabelecido.

3 — *(Revogado pelo Decreto-Lei n.º 111/2010, de 15 de Outubro.)*

4 —

5 —

6 —»

Artigo 34.º

Aditamento ao Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de Maio

É aditado ao Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de Maio, o artigo 4.º-A, com a seguinte redacção:

«Artigo 4.º-A

1 — O titular da exploração do estabelecimento, ou quem o represente, deve proceder à mera comunicação prévia, no ‘Balcão do empreendedor’, do horário de funcionamento, bem como das suas alterações.

2 — Cada estabelecimento deve afixar o mapa de horário de funcionamento em local bem visível do exterior.

3 — O horário de funcionamento de cada estabelecimento, as suas alterações e o mapa referido no número anterior não estão sujeitos a licenciamento, a autorização, a autenticação, a validação, a certificação, a actos emitidos na sequência de comunicações prévias com prazo, a registo ou a qualquer outro acto permissivo.»

Artigo 35.º

Alteração ao Decreto-Lei n.º 310/2002, de 18 de Dezembro

Os artigos 1.º, 35.º, 36.º e 47.º do Decreto-Lei n.º 310/2002, de 18 de Dezembro, passam a ter a seguinte redacção:

«Artigo 1.º

[...]

O presente diploma regula o regime jurídico do exercício e da fiscalização das seguintes actividades:

- a)
- b)
- c)
- d)
- e)
- f)
- g)
- h)
- i) *(Revogada.)*

Artigo 35.º

Princípio geral

1 — A venda de bilhetes para espectáculos ou divertimentos públicos em agências ou postos de venda não está sujeita a licenciamento, a autorização, a autenticação, a validação, a certificação, a actos emitidos na sequência de comunicações prévias com prazo, a registo ou a qualquer outro acto permissivo, nem a mera comunicação prévia.

2 — *(Revogado.)*

Artigo 36.º

[...]

1 — A venda de bilhetes para espectáculos ou divertimentos públicos em agências ou postos de venda deve ser efectuada em estabelecimento privativo, com boas condições de apresentação e de higiene e ao qual o público tenha acesso, ou em secções de estabelecimentos de qualquer ramo de comércio que satisfaçam aqueles requisitos.

2 —

3 — É obrigatória a afixação nas agências ou postos de venda, em lugar bem visível, das tabelas de preços de cada casa ou recinto cujos bilhetes comercializem.

Artigo 47.º

[...]

1 — Constituem contra-ordenações:

- a)
- b)
- c)
- d)

- e)
 f)
 g)
 h)
 i)
 j) (Revogada.)
 k) A venda de bilhetes por preço superior ao permitido ou fora dos locais permitidos, bem como a violação do disposto nas alíneas c) e d) do artigo 38.º, punidas com coima de € 60 a € 250;
 l)
 m) (Revogada.)
 n)
 2 —
 3 —
 4 —»

Artigo 36.º

Alteração à organização sistemática ao Decreto-Lei n.º 310/2002, de 18 de Dezembro

É alterada a epígrafe do capítulo VIII, que contém os artigos 35.º a 38.º, que passa a designar-se «Regime do exercício da actividade de exploração de máquinas de diversão».

CAPÍTULO VI

Disposições finais e transitórias

Artigo 37.º

Identificação clara das obrigações

1 — As obrigações resultantes da legislação referida no anexo III do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, devem ser identificadas de forma clara e com recurso a linguagem simples no «Balcão do empreendedor».

2 — Se as obrigações publicitadas no «Balcão do empreendedor» deixarem de estar actualizadas ou se mostrarem incompletas devem ser prontamente actualizadas ou completadas.

3 — O cumprimento do disposto nos números anteriores deve contar com a participação da DGAE, dos municípios e das entidades fiscalizadoras, designadamente da ASAE.

Artigo 38.º

Aplicação às regiões autónomas

Os actos e os procedimentos necessários à execução do presente decreto-lei nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira competem às entidades das respectivas administrações regionais com atribuições e competências nas matérias em causa.

Artigo 39.º

Norma transitória

1 — Os registos efectuados ao abrigo dos Decretos-Leis n.ºs 462/99, de 5 de Novembro, 234/2007, de 19 de Junho, e 259/2007, de 17 de Julho, mantêm-se válidos até à verificação de qualquer dos factos referidos nos n.ºs 4, 5 e 6 do artigo 4.º e 1 do artigo 14.º

2 — Os titulares da exploração de estabelecimentos de prestação de serviços cujo funcionamento pode envolver ris-

cos para a saúde e para a segurança das pessoas, identificados na lista B do anexo I do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, em funcionamento à data de produção de efeitos do presente decreto-lei, e que não tenham efectuado o registo ao abrigo do regime previsto no Decreto-Lei n.º 259/2007, de 17 de Julho, dispõem de um prazo de um ano para efectuar a mera comunicação prévia prevista no n.º 1 do artigo 4.º do presente decreto-lei.

3 — A verificação de um dos factos referidos nos n.ºs 4, 5 e 6.º do artigo 4.º e no n.º 1 do artigo 14.º determina que seja dado cumprimento ao estipulado no presente decreto-lei.

Artigo 40.º

Requisitos dos estabelecimentos de restauração ou de bebidas

Os requisitos específicos relativos a instalações, funcionamento e regime de classificação de estabelecimentos de restauração ou de bebidas são definidos por portaria conjunta dos membros do Governo responsáveis pelas áreas do turismo e da modernização administrativa, aplicando-se o disposto no artigo 25.º

Artigo 41.º

Norma revogatória

São revogados:

- a) A alínea d) do n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 122/79, de 8 de Maio;
 b) O Decreto-Lei n.º 339/85, de 21 de Agosto;
 c) O n.º 1 do artigo 5.º e o artigo 8.º do Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de Maio;
 d) O Decreto-Lei n.º 462/99, de 5 de Novembro;
 e) A Portaria n.º 1024-A/99, de 19 de Novembro;
 f) O n.º 2 do artigo 3.º do Decreto-Lei n.º 309/2002, de 16 de Dezembro;
 g) A alínea i) do artigo 1.º, o n.º 2 do artigo 35.º, os artigos 37.º e 41.º e as alíneas j) e m) do artigo 47.º do Decreto-Lei n.º 310/2002, de 18 de Dezembro;
 h) A Portaria n.º 144/2003, de 14 de Fevereiro;
 i) O Decreto-Lei n.º 234/2007, de 19 de Junho;
 j) Os artigos 1.º a 12.º e 14.º e 15.º do Decreto-Lei n.º 259/2007, de 17 de Julho;
 l) A portaria n.º 573/2007, de 17 de Julho (2.ª série);
 m) A Portaria n.º 789/2007, de 23 de Julho;
 n) A Portaria n.º 790/2007, de 23 de Julho;
 o) A Portaria n.º 791/2007, de 23 de Julho;
 p) O Decreto Regulamentar n.º 20/2008, de 27 de Novembro.

Artigo 42.º

Produção de efeitos

1 — Tendo em conta a necessidade de proceder à adaptação e ao desenvolvimento de sistemas informáticos e de dar execução ao disposto no artigo 37.º, as disposições do presente decreto-lei que pressuponham a existência do «Balcão do empreendedor» aplicam-se aos estabelecimentos e actividades referidas nos n.ºs 1 a 3 e 5 do artigo 2.º e no artigo 6.º, de forma faseada e em termos a fixar por portaria dos membros do Governo responsáveis pelas áreas da modernização administrativa, das autarquias locais e da economia.

2 — A aplicação das disposições do presente decreto-lei que pressupõem a existência do «Balcão do empreendedor» a todos os estabelecimentos e actividades referidas nos n.ºs 1

a 3 e 5 do artigo 2.º e no artigo 6.º deve ocorrer até ao termo do prazo de um ano, a contar da data da sua entrada em vigor.

3 — Enquanto o presente decreto-lei não se aplicar a determinado estabelecimento ou actividade em virtude do disposto nos números anteriores, aplicam-se a esse estabelecimento ou actividade as disposições revogadas e alteradas pelo presente decreto-lei.

4 — Antes da data de entrada em vigor do presente decreto-lei, as entidades com competência para o efeito podem aprovar os critérios referidos nos n.ºs 1 e 5 do artigo 11.º e nos artigos 31.º e 32.º, na parte em que alteram o n.º 1 do artigo 4.º e aditam o artigo 3.º-A à Lei n.º 97/88, de 17 de Agosto, desde que os mesmos apenas produzam efeitos a partir daquela data.

Artigo 43.º

Republicação

É republicado no anexo v do presente decreto-lei, do qual faz parte integrante, o Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de Maio, com a redacção actual.

Artigo 44.º

Entrada em vigor

O presente decreto-lei entra em vigor no 1.º dia útil do mês seguinte ao da sua publicação.

Visto e aprovado em Conselho de Ministros de 27 de Janeiro de 2011. — *José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa — João Titterington Gomes Cravinho — Fernando Teixeira dos Santos — Manuel Pedro Cunha da Silva Pereira — Augusto Ernesto Santos Silva — Rui Carlos Pereira — José Manuel Santos de Magalhães — José António Fonseca Vieira da Silva — António Manuel Soares Serrano — António Augusto da Ascenção Mendonça — Dulce dos Prazeres Fidalgo Álvaro Pássaro — Maria Helena dos Santos André — Ana Maria Teodoro Jorge — Maria Isabel Girão de Melo Veiga Vilar — José Mariano Rebelo Pires Gago — Maria Gabriela da Silveira Ferreira Canavilhas — Jorge Lacão Costa.*

Promulgado em 2 de Março de 2011.

Publique-se.

O Presidente da República, ANÍBAL CAVACO SILVA.

Referendado em 7 de Março de 2011.

O Primeiro-Ministro, *José Sócrates Carvalho Pinto de Sousa.*

ANEXO I

(a que refere o artigo 2.º)

Listas de CAE (Rev. 3)

Lista A

Estabelecimentos de comércio

(a que se refere o n.º 1 do artigo 2.º)

Comércio por grosso — Secção G, divisão 46, subclasses

46311 Comércio por grosso de fruta e de produtos hortícolas, excepto batata.

46312 Comércio por grosso de batata.

46320 Comércio por grosso de carne e produtos à base de carne que não exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

46331 Comércio por grosso de leite, seus derivados e ovos que não exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

46332 Comércio por grosso de azeite, óleos e gorduras alimentares que não exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

46341 Comércio por grosso de bebidas alcoólicas.

46342 Comércio por grosso de bebidas não alcoólicas.

46361 Comércio por grosso de açúcar.

46362 Comércio por grosso de chocolate e de produtos de confeitaria.

46370 Comércio por grosso de café, chá, cacau e especiarias.

46381 Comércio por grosso de peixe, crustáceos e moluscos que não exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

46382 Comércio por grosso de outros produtos alimentares, n. e. que não exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

46390 Comércio por grosso não especializado de produtos alimentares, de bebidas e tabaco.

46732 Comércio por grosso de tintas e vernizes para a construção (CAE parcial).

46750 Comércio por grosso de produtos químicos.

46762 Comércio por grosso de outros bens intermédios, n. e.

Comércio a retalho — Secção G, divisão 47, subclasses

47111 Comércio a retalho em supermercados e hipermercados.

47112 Comércio a retalho em outros estabelecimentos não especializados, com predominância de produtos alimentares, bebidas ou tabaco.

47191 Comércio a retalho não especializado, sem predominância de produtos alimentares, bebidas ou tabaco, em grandes armazéns e similares.

47192 Comércio a retalho em outros estabelecimentos não especializados, sem predominância de produtos alimentares, bebidas ou tabaco.

47210 Comércio a retalho de frutas e produtos hortícolas, em estabelecimentos especializados.

47220 Comércio a retalho de carne e produtos à base de carne, em estabelecimentos especializados.

47230 Comércio a retalho de peixe, crustáceos e moluscos, em estabelecimentos especializados.

47240 Comércio a retalho de pão, de produtos de pastaria e de confeitaria, em estabelecimentos especializados.

47250 Comércio a retalho de bebidas, em estabelecimentos especializados.

47291 Comércio a retalho de leite e de derivados, em estabelecimentos especializados.

47292 Comércio a retalho de produtos alimentares, naturais e dietéticos, em estabelecimentos especializados.

47293 Outro comércio a retalho de produtos alimentares, em estabelecimentos especializados, n. e.

47522 Comércio a retalho de tintas, vernizes e produtos similares, em estabelecimentos especializados.

47761 Comércio a retalho de fertilizantes fitossanitários para plantas e flores, em estabelecimentos especializados (CAE parcial).

47762 Comércio a retalho de animais de companhia e respectivos alimentos, em estabelecimentos especializados.

47784 Comércio a retalho de artigos de drogaria (CAE parcial).

Lista B

Estabelecimentos de prestação de serviços

(a que se refere o n.º 1 do artigo 2.º)

Estabelecimentos de prestação de serviços cujo funcionamento pode envolver riscos para a saúde e para a segurança das pessoas

45200 Oficinas de manutenção e reparação de veículos automóveis.

45402 Oficinas de manutenção e reparação de motociclos e de ciclomotores.

96010 Lavandarias e tinturarias.

96021 Salões de cabeleireiro.

96022 Institutos de beleza.

96040 Centros de bronzeamento artificial.

96091 Colocação de *piercings* e tatuagens.

Estabelecimentos de restauração ou de bebidas

5610 Restaurantes (inclui actividades de restauração em meios móveis).

5630 Estabelecimentos de bebidas.

Lista C

Armazéns

(a que se refere o n.º 1 do artigo 2.º)

52101 Armazenagem frigorífica de géneros alimentícios que não exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea *c*) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

52102 Armazenagem não frigorífica de géneros alimentícios (CAE parcial).

Lista D

Operações industriais realizadas em estabelecimentos comerciais especializados ou em secções acessórias de estabelecimentos comerciais

[a que se refere a alínea *a*) do n.º 2 do artigo 2.º]

Secção C, divisão 10, subclasses

10130 Fabricação de produtos à base de carne.
10201 Preparação de produtos da pesca e da aquicultura.
10203 Conservação de produtos da pesca.
10320 Fabricação de sumos de frutos e de produtos hortícolas.

10520 Fabricação de gelados e sorvetes.

10711 Panificação.

10712 Pastelaria.

10720 Fabricação de bolachas, biscoitos, tostas e pastelaria de conservação.

10393 Fabricação de doces, compotas, geleias e marmeladas.

10395 Preparação e conservação de frutos e de produtos hortícolas por outros processos.

Secção D, divisão 35, subclasses

35302 Produção de gelo.

Lista E

Estabelecimentos de restauração ou de bebidas que disponham de instalações destinadas ao fabrico próprio de pastelaria, panificação, gelados e actividades industriais similares ou que vendam produtos alimentares a que corresponda alguma das CAE previstas na divisão 10 da secção C, na secção D e na secção I do anexo I do Decreto-Lei n.º 209/2008, de 29 de Outubro.

[a que se refere a alínea *b*) do n.º 2 do artigo 2.º]

Secção C, divisão 10, subclasses

10130 Fabricação de produtos à base de carne.

10201 Preparação de produtos da pesca e da aquicultura.

10202 Congelação de produtos da pesca e da aquicultura.

10203 Conservação de produtos da pesca e da aquicultura em azeite e outros óleos vegetais e outros molhos.

10204 Salga, secagem e outras actividades de transformação de produtos da pesca e aquicultura.

10310 Preparação e conservação de batatas.

10320 Fabricação de sumos de frutos e de produtos hortícolas.

10391 Congelação de frutos e de produtos hortícolas.

10392 Secagem e desidratação de frutos e de produtos hortícolas.

10393 Fabricação de doces, compotas, geleias e marmelada.

10394 Descasque e transformação de frutos de casca rija comestíveis.

10395 Preparação e conservação de frutos e de produtos hortícolas por outros processos.

10411 Produção de óleos e gorduras animais brutos.

10412 Produção de azeite.

10413 Produção de óleos vegetais brutos (excepto azeite).

10414 Refinação de azeite, óleos e gorduras.

10420 Fabricação de margarinas e de gorduras alimentares similares.

10510 Indústrias do leite e derivados.

10520 Fabricação de gelados e sorvetes.

10611 Moagem de cereais.

10612 Descasque, branqueamento e outros tratamentos do arroz.

10613 Transformação de cereais e leguminosas, n. e.

10620 Fabricação de amidos, féculas e produtos afins.

10711 Panificação.

10712 Pastelaria.

10720 Fabricação de bolachas, biscoitos, tostas e pastelaria de conservação.

10730 Fabricação de massas alimentícias, cuscuz e similares.

10810 Indústria do açúcar.

- 10821 Fabricação de cacau e de chocolate.
- 10822 Fabricação de produtos de confeitaria.
- 10830 Indústria do café e do chá.
- 10840 Fabricação de condimentos e temperos.
- 10850 Fabricação de refeições e pratos pré-cozinhados.
- 10860 Fabricação de alimentos homogeneizados e dietéticos.
- 10891 Fabricação de fermentos, leveduras e adjuvantes para panificação e pastelaria.
- 10892 Fabricação de caldos, sopas e sobremesas.
- 10893 Fabricação de outros produtos alimentares diversos, n. e.

Secção D, divisão 35, subclasses

- 35302 Produção de gelo

Secção I, divisão 56, subclasses

- 56210 Fornecimento de refeições para eventos (apenas quando o local de preparação das refeições não é o local onde decorrem os eventos).
- 56290 Outras actividades de serviço de refeições (apenas actividade de preparação de refeições para fornecimento e consumo em local distinto do local de preparação).

Lista F

Estabelecimentos de comércio

[a que se refere a alínea a) do n.º 3 do artigo 2.º]

Comércio de veículos automóveis, motociclos, suas peças e acessórios — Secção G, divisão 45, subclasses

- 45110 Comércio de veículos automóveis ligeiros.
- 45190 Comércio de outros veículos automóveis.
- 45310 Comércio por grosso de peças e acessórios para veículos automóveis.
- 45320 Comércio a retalho de peças e acessórios para veículos automóveis.
- 45401 Comércio por grosso e a retalho de motociclos, de suas peças e acessórios.

Comércio por grosso — Secção G, divisão 46, subclasses

- 46211 Comércio por grosso de alimentos para animais.
- 46212 Comércio por grosso de tabaco em bruto.
- 46213 Comércio por grosso de cortiça em bruto.
- 46214 Comércio por grosso de cereais, sementes, leguminosas, oleaginosas e outras matérias-primas agrícolas.
- 46220 Comércio por grosso de flores e plantas.
- 46230 Comércio por grosso de animais vivos.
- 46240 Comércio por grosso de peles e couro.
- 46320 Comércio por grosso de carne e produtos à base de carne que exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.
- 46331 Comércio por grosso de leite, seus derivados e ovos que exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.
- 46332 Comércio por grosso de gorduras alimentares que exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE)

n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.

- 46350 Comércio por grosso de tabaco.
- 46381 Comércio por grosso de peixe, crustáceos e moluscos que exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.
- 46382 Comércio por grosso de outros produtos alimentares, n. e. que exijam condições de temperatura controlada nos termos da alínea c) do n.º 2 do artigo 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril.
- 46410 Comércio por grosso de têxteis.
- 46421 Comércio por grosso de vestuário e de acessórios.
- 46422 Comércio por grosso de calçado.
- 46430 Comércio por grosso de electrodomésticos, aparelhos de rádio e de televisão.
- 46441 Comércio por grosso de louças em cerâmica e em vidro.
- 46442 Comércio por grosso de produtos de limpeza.
- 46450 Comércio por grosso de perfumes e de produtos de higiene.
- 46460 Comércio por grosso de produtos farmacêuticos.
- 46470 Comércio por grosso de móveis para uso doméstico, carpetes, tapetes e artigos de iluminação.
- 46480 Comércio por grosso de relógios e de artigos de ourivesaria e joalheria.
- 46491 Comércio por grosso de artigos de papelaria.
- 46492 Comércio por grosso de livros, revistas e jornais.
- 46493 Comércio por grosso de brinquedos, jogos e artigos de desporto.
- 46494 Outro comércio por grosso de bens de consumo, n. e.
- 46510 Comércio por grosso de computadores, equipamentos periféricos e programas informáticos.
- 46520 Comércio por grosso de equipamentos electrónicos, de telecomunicações e suas partes.
- 46610 Comércio por grosso de máquinas e equipamentos agrícolas.
- 46620 Comércio por grosso de máquinas-ferramentas.
- 46630 Comércio por grosso de máquinas para a indústria extractiva, construção e engenharia civil.
- 46640 Comércio por grosso de máquinas para a indústria têxtil, máquinas de costura e de tricotar.
- 46650 Comércio por grosso de mobiliário de escritório.
- 46660 Comércio por grosso de outras máquinas e material de escritório.
- 46690 Comércio por grosso de outras máquinas e equipamentos.
- 46711 Comércio por grosso de produtos petrolíferos.
- 46712 Comércio por grosso de combustíveis sólidos, líquidos e gasosos, não derivados do petróleo.
- 46720 Comércio por grosso de minérios e de metais.
- 46731 Comércio por grosso de madeira em bruto e de produtos derivados.
- 46732 Comércio por grosso de materiais de construção (excepto madeira) e equipamento sanitário (com exclusão de tintas e vernizes iteradas na lista A do presente anexo).
- 46740 Comércio por grosso de ferragens, ferramentas manuais e artigos para canalizações e aquecimento.
- 46761 Comércio por grosso de fibras têxteis naturais, artificiais e sintéticas.

46771 Comércio por grosso de sucatas e de desperdícios metálicos.

46772 Comércio por grosso de desperdícios têxteis, de cartão e papéis velhos.

46773 Comércio por grosso de desperdícios de materiais, n. e.

46900 Comércio por grosso não especializado.

Comércio a retalho — Secção G, divisão 47, subclasses

47260 Comércio a retalho de tabaco, em estabelecimentos especializados.

47300 Comércio a retalho de combustível para veículos a motor, em estabelecimentos especializados.

47410 Comércio a retalho de computadores, unidades periféricas e programas informáticos, em estabelecimentos especializados.

47420 Comércio a retalho de equipamento de telecomunicações, em estabelecimentos especializados.

47430 Comércio a retalho de equipamento audiovisual, em estabelecimentos especializados.

47510 Comércio a retalho de têxteis, em estabelecimentos especializados,

47521 Comércio a retalho de ferragens e de vidro plano, em estabelecimentos especializados.

47523 Comércio a retalho de material de *bricolage*, equipamento sanitário, ladrilhos e materiais similares, em estabelecimentos especializados.

47530 Comércio a retalho de carpetes, tapetes, cortinados e revestimentos para paredes e pavimentos, em estabelecimentos especializados.

47540 Comércio a retalho de electrodomésticos, em estabelecimentos especializados.

47591 Comércio a retalho de mobiliário e artigos de iluminação, em estabelecimentos especializados.

47592 Comércio a retalho de louças, cutelaria e de outros artigos similares para uso doméstico, em estabelecimentos especializados.

47593 Comércio a retalho de outros artigos para o lar, n. e., em estabelecimentos especializados.

47610 Comércio a retalho de livros, em estabelecimentos especializados.

47620 Comércio a retalho de jornais, revistas e artigos de papelaria, em estabelecimentos especializados.

47630 Comércio a retalho de discos, CD, DVD, cassetes e similares, em estabelecimentos especializados.

47640 Comércio a retalho de artigos de desporto, de campismo e lazer, em estabelecimentos especializados.

47650 Comércio a retalho de jogos e brinquedos, em estabelecimentos especializados.

47711 Comércio a retalho de vestuário para adultos, em estabelecimentos especializados.

47712 Comércio a retalho de vestuário para bebés e crianças, em estabelecimentos especializados.

47721 Comércio a retalho de calçado, em estabelecimentos especializados.

47722 Comércio a retalho de marroquinaria e artigos de viagem, em estabelecimentos especializados.

47730 Comércio a retalho de produtos farmacêuticos, em estabelecimentos especializados.

47740 Comércio a retalho de produtos médicos e ortopédicos, em estabelecimentos especializados.

47750 Comércio a retalho de produtos cosméticos e de higiene, em estabelecimentos especializados.

47761 Comércio a retalho de flores, plantas e sementes em estabelecimentos especializados (com exclusão dos

estabelecimentos de fertilizantes fitossanitários para flores e plantas integrados na lista A do presente anexo).

47770 Comércio a retalho de relógios e de artigos de ourivesaria e joalheria, em estabelecimentos especializados.

47781 Comércio a retalho de máquinas e de outro material de escritório, em estabelecimentos especializados.

47782 Comércio a retalho de material óptico, fotográfico, cinematográfico e de instrumentos de precisão, em estabelecimentos especializados.

47783 Comércio a retalho de combustíveis para uso doméstico, em estabelecimentos especializados.

47784 Comércio a retalho de outros produtos novos, em estabelecimentos especializados, n. e. (com exclusão dos estabelecimentos de artigos de droguaria iterados na lista A do presente anexo).

47790 Comércio a retalho de artigos em segunda mão, em estabelecimentos especializados.

Lista G

Actividades de comércio sem estabelecimento

[a que se refere a alínea b) do n.º 3 do artigo 2.º]

Distribuidores grossistas enquadrados no Grupo 463 com excepção da CAE 46350 Comércio por grosso de tabaco

47810 Comércio a retalho em bancas de mercados municipais, de produtos alimentares e de bebidas (CAE parcial).

47820 Comércio a retalho em bancas de mercados municipais de têxteis, vestuário, calçado, malas e similares (CAE parcial).

47890 Comércio a retalho em bancas de mercados municipais, de outros produtos (CAE parcial).

47910 Comércio a retalho por correspondência ou via Internet.

47990 Comércio a retalho por outros métodos, não efectuado em estabelecimentos, bancas, feiras ou unidades móveis de venda.

ANEXO II

(a que se referem os n.ºs 4 do artigo 2.º e 5 do artigo 10.º)

Definições

1 — Restauração e bebidas, comércio e prestação de serviços:

a) «Actividade de comércio por grosso», a actividade de venda ou revenda em quantidade a outros comerciantes, retalhistas ou grossistas, a industriais, a utilizadores institucionais e profissionais ou a intermediários de bens novos ou usados, sem transformação, tal como foram adquiridos, ou após a realização de algumas operações associadas ao comércio por grosso, como sejam a escolha, a classificação em lotes, o acondicionamento e o engarrafamento;

b) «Actividade de comércio a retalho», a actividade de revenda ao consumidor final, incluindo profissionais e institucionais, de bens novos ou usados, tal como são adquiridos, ou após a realização de algumas operações associadas ao comércio a retalho, como a escolha, a classificação e o acondicionamento, desenvolvida em estabelecimentos e fora dos estabelecimentos, em feiras, mercados municipais,

de modo ambulante, à distância, ao domicílio e através de máquinas automáticas;

c) «Estabelecimento», a instalação, de carácter fixo e permanente, onde é exercida, exclusiva ou principalmente, de modo habitual e profissional, uma ou mais actividades económicas;

d) «Estabelecimentos de bebidas», os estabelecimentos destinados a prestar, mediante remuneração, serviços de bebidas e cafetaria no próprio estabelecimento ou fora dele;

e) «Estabelecimento comercial», a instalação, de carácter fixo e permanente, onde é exercida, exclusiva ou principalmente, de modo habitual e profissional, uma ou mais actividades de comércio, por grosso ou a retalho, incluídas na secção G da Classificação Portuguesa das Actividades Económicas (CAE);

f) «Estabelecimentos de restauração», os estabelecimentos destinados a prestar, mediante remuneração, serviços de alimentação e de bebidas no próprio estabelecimento ou fora dele, incluindo outros locais de prestação daqueles serviços através da actividade de *catering* e a oferta de serviços de banquetes ou outras, desde que habitualmente efectuados, entendendo-se como tal a execução de pelo menos 10 eventos anuais;

g) «Grossista», a pessoa singular ou colectiva que exerce, de modo habitual e profissional, a actividade de comércio por grosso;

h) «Prestação de serviços de restauração ou de bebidas com carácter não sedentário», a prestação, mediante remuneração, de serviços de alimentação ou de bebidas em unidades móveis ou amovíveis (tais como tendas de mercado e veículos para venda ambulante) ou em instalações fixas onde se realizem menos de 10 eventos anuais;

i) «Retalhista», a pessoa singular ou colectiva que exerce, de modo habitual e profissional, a actividade de comércio a retalho;

j) «Venda automática», o método de venda a retalho sem a presença física simultânea do fornecedor e do consumidor, que consiste na colocação de um bem à disposição do consumidor para que este o adquira mediante a utilização de qualquer tipo de mecanismo e pagamento antecipado do seu custo;

l) «Venda à distância», o método de venda a retalho sem a presença física simultânea do fornecedor e do consumidor, em que a oferta ao consumidor e a celebração do contrato são efectuadas através de uma ou mais técnicas de comunicação à distância, nomeadamente Internet, telefone, correio;

m) «Venda ao domicílio», o método de venda a retalho, em que o contrato é proposto, pelo vendedor ou seus representantes, e concluído no domicílio do consumidor ou:

i) No seu local de trabalho;

ii) Em reuniões em que a oferta de bens é promovida através de demonstração realizada perante um grupo de pessoas reunidas no domicílio de uma delas, a pedido do fornecedor ou seu representante, sem que tenha havido prévio pedido expresso por parte do consumidor;

iii) Durante deslocações organizadas pelo fornecedor ou seu representante;

iv) No local indicado pelo fornecedor, ao qual o consumidor se desloque, por sua conta e risco, na sequência de uma comunicação comercial feita pelo fornecedor ou pelos seus representantes.

2 — Mobiliário urbano (as coisas instaladas, projectadas ou apoiadas no espaço público, destinadas a uso público, que prestam um serviço colectivo ou que complementam uma actividade, ainda que de modo sazonal ou precário):

a) «Anúncio electrónico», o sistema computadorizado de emissão de mensagens e imagens, com possibilidade de ligação a circuitos de TV e vídeo e similares;

b) «Anúncio iluminado», o suporte publicitário sobre o qual se faça incidir intencionalmente uma fonte de luz;

c) «Anúncio luminoso», o suporte publicitário que emita luz própria;

d) «Bandeirola», o suporte rígido que permaneça oscilante, afixado em poste ou estrutura idêntica;

e) «Chapa», o suporte não luminoso aplicado ou pintado em paramento visível e liso, cuja maior dimensão não excede 0,60 m e a máxima saliência não excede 0,05 m;

f) «Esplanada aberta», a instalação no espaço público de mesas, cadeiras, guarda-ventos, guarda-sóis, estrados, floreiras, tapetes, aquecedores verticais e outro mobiliário urbano, sem qualquer tipo de protecção fixa ao solo, destinada a apoiar estabelecimentos de restauração ou de bebidas e similares ou empreendimentos turísticos;

g) «Expositor», a estrutura própria para apresentação de produtos comercializados no interior do estabelecimento comercial, instalada no espaço público;

h) «Floreira», o vaso ou receptáculo para plantas destinado ao embelezamento, marcação ou protecção do espaço público;

i) «Guarda-vento», a armação que protege do vento o espaço ocupado por uma esplanada;

j) «Letras soltas ou símbolos», a mensagem publicitária não luminosa, directamente aplicada nas fachadas dos edifícios, nas montras, nas portas ou janelas;

l) «Pendão», o suporte não rígido que permaneça oscilante, afixado em poste ou estrutura idêntica;

m) «Placa», o suporte não luminoso aplicado em paramento visível, com ou sem emolduramento, cuja maior dimensão não excede 1,50 m;

n) «Publicidade sonora», a actividade publicitária que utiliza o som como elemento de divulgação da mensagem publicitária;

o) «Sanefa», o elemento vertical de protecção contra agentes climatéricos, feito de lona ou material similar, colocado transversalmente na parte inferior dos toldos, no qual pode estar inserida uma mensagem publicitária;

p) «Suporte publicitário», o meio utilizado para a transmissão de uma mensagem publicitária;

q) «Tabuleta», o suporte não luminoso, afixado perpendicularmente às fachadas dos edifícios, que permite a afixação de mensagens publicitárias em ambas as faces;

r) «Toldo», o elemento de protecção contra agentes climatéricos, feito de lona ou material similar, rebatível, aplicável em qualquer tipo de vãos, como montras, janelas ou portas de estabelecimentos comerciais, no qual pode estar inserida uma mensagem publicitária;

s) «Vitrine», o mostrador envidraçado ou transparente, embutido ou saliente, colocado na fachada dos estabelecimentos comerciais, onde se expõem objectos e produtos ou se afixam informações.

ANEXO III

[a que se refere a alínea f) do n.º 3 do artigo 4.º]

Requisitos que devem observar as instalações e equipamentos dos estabelecimentos comerciais, de prestação de serviços e armazéns para o seu funcionamento

1 — Requisitos a observar em todos os estabelecimentos:

a) Regulamento Geral de Higiene e Segurança do Trabalho nos Estabelecimentos Comerciais, de Escritórios e Serviços — Decreto-Lei n.º 243/86, de 20 de Agosto;

b) Regime jurídico da segurança contra incêndios — Decreto-Lei n.º 220/2008, de 12 de Novembro;

c) Regulamento Geral do Ruído em Edifícios — Decreto-Lei n.º 9/2007, de 17 de Janeiro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 278/2007, de 1 de Agosto;

d) Regime jurídico da conservação da natureza e da biodiversidade:

Decreto-Lei n.º 142/2008, de 24 de Julho;

Decreto-Lei n.º 140/99, de 24 de Abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 49/2005, de 24 de Fevereiro;

e) Regime Geral da Gestão de Resíduos — Decreto-Lei n.º 178/2006, de 5 de Setembro, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 64/2008, de 8 de Abril, e 173/2008, de 26 de Agosto, pela Lei n.º 64-A/2008, de 31 de Dezembro, e pelos Decretos-Leis n.ºs 183/2009, de 10 de Agosto, e 92/2010, de 26 de Julho.

2 — Requisitos a observar em estabelecimentos de restauração ou de bebidas — portaria a que alude o artigo 40.º do presente decreto-lei.

3 — Requisitos a observar em estabelecimentos de comércio de produtos alimentares:

a) Higiene dos géneros alimentícios e comercialização de determinados produtos de origem animal destinados ao consumo humano:

Regulamento (CE) n.º 178/2002, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 28 de Janeiro;

Regulamento (CE) n.º 852/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril;

Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril;

Decreto-Lei n.º 111/2006, de 9 de Junho;

Decreto-Lei n.º 113/2006, de 12 de Junho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 223/2008, de 18 de Novembro;

b) Estabelecimentos de comércio por grosso ou de armazenagem de géneros alimentícios de origem animal abrangidos pelo disposto na alínea b) do n.º 3 do artigo 6.º do Regulamento (CE) n.º 852/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril, e pelos artigos 1.º e 4.º do Regulamento (CE) n.º 853/2004, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 29 de Abril — Decreto-Lei n.º 370/99, de 18 de Setembro;

c) Regulamento das condições higiénicas e técnicas a observar na distribuição e venda de carnes e seus produtos — Decreto-Lei n.º 147/2006, de 31 de Julho, alterado pelo Decreto-Lei n.º 207/2008, de 23 de Outubro;

d) Estabelecimentos de comércio de pão e outros produtos similares — Decreto-Lei n.º 286/86, de 6 de Setembro, alterado pelo Decreto-Lei n.º 275/87, de 4 de Julho;

e) Qualidade da água destinada ao consumo humano — Decreto-Lei n.º 306/2007, de 27 de Agosto, alterado pelo Decreto-Lei n.º 92/2010, de 26 de Julho.

4 — Requisitos a observar em estabelecimentos de comércio de produtos não alimentares, sujeitos a legislação específica:

a) Estabelecimentos de comércio por grosso e a retalho de alimentos para animais abrangidos pelo Regulamento (CE) n.º 183/2005, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de Janeiro — Decreto-Lei n.º 370/99, de 18 de Setembro, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 9/2002, de 24 de Janeiro, e 259/2007, de 17 de Julho.

5 — Requisitos a observar em estabelecimentos de prestação de serviços especializados:

a) Estabelecimentos de serviços de bronzeamento artificial:

Decreto-Lei n.º 205/2005, de 28 de Novembro;
Portaria n.º 1301/2005, de 20 de Dezembro.

6 — Outros requisitos específicos:

a) Medidas de prevenção da poluição atmosférica:

Decreto-Lei n.º 78/2004, de 3 de Abril, alterado pelo Decreto-Lei n.º 126/2006, de 3 de Julho;

Decreto-Lei n.º 242/2001, de 31 de Agosto, alterado pelos Decretos-Leis n.ºs 181/2006, de 6 de Setembro, e 98/2010, de 11 de Agosto;

b) Estabelecimentos onde estejam presentes substâncias perigosas — Decreto-Lei n.º 254/2007, de 12 de Julho;

c) Acessibilidade aos edifícios e estabelecimentos que recebem público — Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de Agosto.

7 — Outras disposições legais e regulamentares publicadas no «Balcão do empreendedor».

ANEXO IV

(a que referem os n.ºs 4 do artigo 11.º e 6 do artigo 1.º da Lei n.º 97/88, de 17 de Agosto)

Critérios subsidiários a observar na ocupação do espaço público e na afixação, inscrição e difusão de mensagens publicitárias de natureza comercial

CAPÍTULO I

Disposições gerais

Artigo 1.º

Objecto

O presente anexo estabelece os critérios subsidiários a que está sujeita a ocupação do espaço público e a afixação, inscrição e difusão de mensagens publicitárias de natureza comercial não sujeitas a licenciamento, nos termos previstos no n.º 3 do artigo 1.º da Lei n.º 97/88, de 17 de Agosto.

Artigo 2.º

Princípios gerais de ocupação do espaço público

Sem prejuízo das regras contidas no n.º 2 do artigo 11.º do presente decreto-lei, a ocupação do espaço público não pode prejudicar:

- a) A saúde e o bem-estar de pessoas, designadamente por ultrapassar níveis de ruído acima dos admissíveis por lei;
- b) O acesso a edifícios, jardins e praças;
- c) A circulação rodoviária e pedonal, designadamente de pessoas com mobilidade reduzida;
- d) A qualidade das áreas verdes, designadamente por contribuir para a sua degradação ou por dificultar a sua conservação;
- e) A eficácia da iluminação pública;
- f) A eficácia da sinalização de trânsito;
- g) A utilização de outro mobiliário urbano;
- h) A acção dos concessionários que operam à superfície ou no subsolo;
- i) O acesso ou a visibilidade de imóveis classificados ou em vias de classificação ou onde funcionem hospitais, estabelecimentos de saúde, de ensino ou outros serviços públicos, locais de culto, cemitérios, elementos de estatuária e arte pública, fontes, fontanários e chafarizes;
- j) Os direitos de terceiros.

Artigo 3.º

Princípios gerais de inscrição e afixação de publicidade

1 — Salvo se a mensagem publicitária se circunscrever à identificação da actividade exercida no imóvel ou daquele que a exerce, não é permitida afixação ou inscrição de mensagens publicitárias em edifícios ou monumentos de interesse histórico, cultural, arquitectónico ou paisagístico, designadamente:

- a) Os imóveis classificados ou em vias de classificação, nomeadamente os de interesse público, nacional ou municipal;
- b) Os imóveis contemplados com prémios de arquitectura.

2 — A afixação ou inscrição de mensagens publicitárias não é permitida sempre que possa causar danos irreparáveis nos materiais de revestimento exterior dos edifícios e que os suportes utilizados prejudiquem o ambiente, afectem a estética ou a salubridade dos lugares ou causem danos a terceiros, nomeadamente quando se trate de:

- a) Faixas de pano, plástico, papel ou outro material semelhante;
- b) Pintura e colagem ou afixação de cartazes nas fachadas dos edifícios ou em qualquer outro mobiliário urbano;
- c) Suportes que excedam a frente do estabelecimento.

3 — A publicidade sonora deve respeitar os limites impostos pela legislação aplicável a actividades ruidosas.

4 — A afixação ou a inscrição de mensagens publicitárias não pode prejudicar a segurança de pessoas e bens, designadamente:

- a) Afectar a iluminação pública;
- b) Prejudicar a visibilidade de placas toponímicas, semáforos e sinais de trânsito;
- c) Afectar a circulação de peões, especialmente dos cidadãos com mobilidade reduzida.

Artigo 4.º

Deveres dos titulares dos suportes publicitários

Constituem deveres do titular do suporte publicitário:

- a) Cumprir as condições gerais e específicas a que a afixação e a inscrição de mensagens publicitárias estão sujeitas;
- b) Conservar o suporte, bem como a mensagem, em boas condições de conservação e segurança;
- c) Eliminar quaisquer danos em bens públicos resultantes da afixação ou inscrição da mensagem publicitária.

CAPÍTULO II

Condições de instalação de mobiliário urbano

Artigo 5.º

Condições de instalação e manutenção de um toldo e da respectiva sanefa

1 — A instalação de um toldo e da respectiva sanefa deve respeitar as seguintes condições:

- a) Em passeio de largura superior a 2 m, deixar livre um espaço igual ou superior a 0,80 m em relação ao limite externo do passeio;
- b) Em passeio de largura inferior a 2 m, deixar livre um espaço igual ou superior a 0,40 m em relação ao limite externo do passeio;
- c) Observar uma distância do solo igual ou superior a 2,50 m, mas nunca acima do nível do tecto do estabelecimento comercial a que pertença;
- d) Não exceder um avanço superior a 3 m;
- e) Não exceder os limites laterais das instalações pertencentes ao respectivo estabelecimento;
- f) O limite inferior de uma sanefa deve observar uma distância do solo igual ou superior a 2,50 m;
- g) Não se sobrepor a cunhais, pilastras, cornijas, emolduramentos de vãos de portas e janelas e outros elementos com interesse arquitectónico ou decorativo.

2 — O toldo e a respectiva sanefa não podem ser utilizados para pendurar ou afixar qualquer tipo de objectos.

3 — O titular do estabelecimento é responsável pelo bom estado de conservação e limpeza do toldo e da respectiva sanefa.

Artigo 6.º

Condições de instalação e manutenção de uma esplanada aberta

1 — Na instalação de uma esplanada aberta devem respeitar-se as seguintes condições:

- a) Ser contígua à fachada do respectivo estabelecimento;
- b) A ocupação transversal não pode exceder a largura da fachada do respectivo estabelecimento;
- c) Deixar um espaço igual ou superior a 0,90 m em toda a largura do vão de porta, para garantir o acesso livre e directo à entrada do estabelecimento;
- d) Não alterar a superfície do passeio onde é instalada, sem prejuízo do disposto no artigo 8.º;
- e) Não ocupar mais de 50% da largura do passeio onde é instalada;

f) Garantir um corredor para peões de largura igual ou superior a 2 m contados;

i) A partir do limite externo do passeio, em passeio sem caldeiras;

ii) A partir do limite interior ou balanço do respectivo elemento mais próximo da fachada do estabelecimento, em passeios com caldeiras ou outros elementos ou tipos de equipamento urbano.

2 — Os proprietários, os concessionários ou os exploradores de estabelecimentos são responsáveis pelo estado de limpeza dos passeios e das esplanadas abertas na parte ocupada e na faixa contígua de 3 m.

Artigo 7.º

Restrições de instalação de uma esplanada aberta

1 — O mobiliário urbano utilizado como componente de uma esplanada aberta deve cumprir os seguintes requisitos:

a) Ser instalado exclusivamente na área comunicada de ocupação da esplanada;

b) Ser próprio para uso no exterior e de uma cor adequada ao ambiente urbano em que a esplanada está inserida;

c) Os guarda-sóis serem instalados exclusivamente durante o período de funcionamento da esplanada e suportados por uma base que garanta a segurança dos utentes;

d) Os aquecedores verticais serem próprios para uso no exterior e respeitarem as condições de segurança.

2 — Nos passeios com paragens de veículos de transportes colectivos de passageiros não é permitida a instalação de esplanada aberta numa zona de 5 m para cada lado da paragem.

Artigo 8.º

Condições de instalação de estrados

1 — É permitida a instalação de estrados como apoio a uma esplanada, quando o desnível do pavimento ocupado pela esplanada for superior a 5 % de inclinação.

2 — Os estrados devem ser amovíveis e construídos, preferencialmente, em módulos de madeira.

3 — Os estrados devem garantir a acessibilidade de pessoas com mobilidade reduzida, nos termos do Decreto-Lei n.º 163/2006, de 8 de Agosto.

4 — Os estrados não podem exceder a cota máxima da soleira da porta do estabelecimento respectivo ou 0,25 m de altura face ao pavimento.

5 — Sem prejuízo da observância das regras estipuladas no n.º 2 do artigo 11.º do presente decreto-lei e do artigo 2.º do presente anexo, na instalação de estrados são salvaguardadas as condições de segurança da circulação pedonal, sobretudo a acessibilidade dos cidadãos com mobilidade reduzida, nos termos da legislação em vigor.

Artigo 9.º

Condições de instalação de um guarda-vento

1 — O guarda-vento deve ser amovível e instalado exclusivamente durante o horário de funcionamento do respectivo estabelecimento.

2 — A instalação de um guarda-vento deve ser feita nas seguintes condições:

a) Junto de esplanadas, perpendicularmente ao plano marginal da fachada;

b) Não ocultar referências de interesse público, nem prejudicar a segurança, salubridade e boa visibilidade local ou as árvores porventura existentes;

c) Não exceder 2 m de altura contados a partir do solo;

d) Sem exceder 3,50 m de avanço, nunca podendo exceder o avanço da esplanada junto da qual está instalado;

e) Garantir no mínimo 0,05 m de distância do seu plano inferior ao pavimento, desde que não tenha ressaltos superiores a 0,02 m;

f) Utilizar vidros inquebráveis, lisos e transparentes, que não excedam as seguintes dimensões:

i) Altura: 1,35 m;

ii) Largura: 1 m;

g) A parte opaca do guarda-vento, quando exista, não pode exceder 0,60 m contados a partir do solo.

3 — Na instalação de um guarda-vento deve ainda respeitar-se uma distância igual ou superior a:

a) 0,80 m entre o guarda-vento e outros estabelecimentos, montras e acessos;

b) 2 m entre o guarda-vento e outro mobiliário urbano.

Artigo 10.º

Condições de instalação de uma vitrina

Na instalação de uma vitrina devem respeitar-se as seguintes condições:

a) Não se sobrepor a cunhais, pilastras, cornijas, emolduramentos de vãos de portas e janelas ou a outros elementos com interesse arquitectónico e decorativo;

b) A altura da vitrina em relação ao solo deve ser igual ou superior a 1,40 m;

c) Não exceder 0,15 m de balanço em relação ao plano da fachada do edifício.

Artigo 11.º

Condições de instalação de um expositor

1 — Por cada estabelecimento é permitido apenas um expositor, instalado exclusivamente durante o seu horário de funcionamento.

2 — O expositor apenas pode ser instalado em passeios com largura igual ou superior a 2 m, devendo respeitar as seguintes condições de instalação:

a) Ser contíguo ao respectivo estabelecimento;

b) Reservar um corredor de circulação de peões igual ou superior a 1,50 m entre o limite exterior do passeio e o prédio;

c) Não prejudicar o acesso aos edifícios contíguos;

d) Não exceder 1,50 m de altura a partir do solo;

e) Reservar uma altura mínima de 0,20 m contados a partir do plano inferior do expositor ao solo ou 0,40 m quando se trate de um expositor de produtos alimentares.

Artigo 12.º

Condições de instalação de uma arca ou máquina de gelados

1 — Na instalação de uma arca ou máquina de gelados devem respeitar-se as seguintes condições de instalação:

a) Ser contígua à fachada do estabelecimento, preferencialmente junto à sua entrada;

- b) Não exceder 1 m de avanço, contado a partir do plano da fachada do edifício;
 c) Deixar livre um corredor no passeio com uma largura não inferior a 1,50 m.

Artigo 13.º

Condições de instalação de um brinquedo mecânico e equipamento similar

1 — Por cada estabelecimento é permitido apenas um brinquedo mecânico e equipamento similar, servindo exclusivamente como apoio ao estabelecimento.

2 — A instalação de um brinquedo mecânico ou de um equipamento similar deve ainda respeitar as seguintes condições:

- a) Ser contígua à fachada do estabelecimento, preferencialmente junto à sua entrada;
 b) Não exceder 1 m de avanço, contado a partir do plano da fachada do edifício;
 c) Deixar livre um corredor no passeio com uma largura não inferior a 1,50 m.

Artigo 14.º

Condições de instalação e manutenção de uma floreira

1 — A floreira deve ser instalada junto à fachada do respectivo estabelecimento.

2 — As plantas utilizadas nas floreiras não podem ter espinhos ou bagas venenosas.

3 — O titular do estabelecimento a que a floreira pertença deve proceder à sua limpeza, rega e substituição das plantas, sempre que necessário.

Artigo 15.º

Condições de instalação e manutenção de um contentor para resíduos

1 — O contentor para resíduos deve ser instalado contiguamente ao respectivo estabelecimento, servindo exclusivamente para seu apoio.

2 — Sempre que o contentor para resíduos se encontre cheio deve ser imediatamente limpo ou substituído.

3 — A instalação de um contentor para resíduos no espaço público não pode causar qualquer perigo para a higiene e limpeza do espaço.

4 — O contentor para resíduos deve estar sempre em bom estado de conservação, nomeadamente no que respeita a pintura, higiene e limpeza.

CAPÍTULO III

Condições de instalação de suportes publicitários e de afixação, inscrição e difusão de mensagens publicitárias

SECÇÃO I

Regras gerais

Artigo 16.º

Condições de instalação de um suporte publicitário

1 — A instalação de um suporte publicitário deve respeitar as seguintes condições:

- a) Em passeio de largura superior a 1,20 m, deixar livre um espaço igual ou superior a 0,80 m em relação ao limite externo do passeio;

- b) Em passeio de largura inferior a 1,20 m, deixar livre um espaço igual ou superior a 0,40 m em relação ao limite externo do passeio.

2 — Em passeios com largura igual ou inferior a 1 m não é permitida a afixação ou inscrição de mensagens publicitárias.

Artigo 17.º

Condições de afixação ou inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial em mobiliário urbano

1 — É permitida a afixação ou inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial em mobiliário urbano.

2 — A afixação ou inscrição de mensagens publicitárias de natureza comercial numa esplanada deve limitar-se ao nome comercial do estabelecimento, a mensagem comercial relacionada com bens ou serviços comercializados no estabelecimento ou ao logótipo da marca comercial, desde que afixados ou inscritos nas costas das cadeiras e nas abas pendentes dos guarda-sóis, com as dimensões máximas de 0,20 m × 0,10 m por cada nome ou logótipo.

Artigo 18.º

Condições e restrições de difusão de mensagens publicitárias sonoras

1 — É permitida a difusão de mensagens publicitárias sonoras de natureza comercial que possam ser ouvidas dentro dos respectivos estabelecimentos ou na via pública, cujo objectivo imediato seja atrair ou reter a atenção do público.

2 — A difusão sonora de mensagens publicitárias de natureza comercial apenas pode ocorrer:

- a) No período compreendido entre as 9 e as 20 horas;
 b) A uma distância mínima de 300 m de edifícios escolares, durante o seu horário de funcionamento, de hospitais, cemitérios e locais de culto.

SECÇÃO II

Regras especiais

Artigo 19.º

Condições e restrições de aplicação de chapas, placas e tabuletas

1 — Em cada edifício, as chapas, placas ou tabuletas devem apresentar dimensão, cores, materiais e alinhamentos adequados à estética do edifício.

2 — A instalação das chapas deve fazer-se a uma distância do solo igual ou superior ao nível do piso do 1.º andar dos edifícios.

3 — A instalação de uma placa deve respeitar as seguintes condições:

- a) Não se sobrepor a gradeamentos ou zonas vazadas em varandas;
 b) Não ocultar elementos decorativos ou outros com interesse na composição arquitectónica das fachadas.

4 — As placas só podem ser instaladas ao nível do rés-do-chão dos edifícios.

5 — Não é permitida a instalação de mais de uma placa por cada fracção autónoma ou fogo, não se considerando

para o efeito as placas de proibição de afixação de publicidade.

6 — A instalação de uma tabuleta deve respeitar as seguintes condições:

- a) O limite inferior da tabuleta deve ficar a uma distância do solo igual ou superior a 2,60 m;
- b) Não exceder o balanço de 1,50 m em relação ao plano marginal do edifício, excepto no caso de ruas sem passeios, em que o balanço não excede 0,20 m;
- c) Deixar uma distância igual ou superior a 3 m entre tabuletas.

Artigo 20.º

Condições de instalação de bandeiras

1 — As bandeiras não podem ser afixadas em áreas de protecção das localidades.

2 — As bandeiras devem permanecer oscilantes, só podendo ser colocadas em posição perpendicular à via mais próxima e afixadas do lado interior do poste.

3 — A dimensão máxima das bandeiras deve ser de 0,60 m de comprimento e 1 m de altura.

4 — A distância entre a fachada do edifício mais próximo e a parte mais saliente da bandeira deve ser igual ou superior a 2 m.

5 — A distância entre a parte inferior da bandeira e o solo deve ser igual ou superior a 3 m.

6 — A distância entre bandeiras afixadas ao longo das vias deve ser igual ou superior a 50 m.

Artigo 21.º

Condições de aplicação de letras soltas ou símbolos

A aplicação de letras soltas ou símbolos deve respeitar as seguintes condições:

- a) Não exceder 0,50 m de altura e 0,15 m de saliência;
- b) Não ocultar elementos decorativos ou outros com interesse na composição arquitectónica das fachadas, sendo aplicados directamente sobre o paramento das paredes;
- c) Ter em atenção a forma e a escala, de modo a respeitar a integridade estética dos próprios edifícios.

Artigo 22.º

Condições de instalação de anúncios luminosos, iluminados, electrónicos e semelhantes

1 — Os anúncios luminosos, iluminados, electrónicos e semelhantes devem ser colocados sobre as saliências das fachadas e respeitar as seguintes condições:

- a) O balanço total não pode exceder 2 m;
- b) A distância entre o solo e a parte inferior do anúncio não pode ser menor do que 2,60 m nem superior a 4 m;
- c) Caso o balanço não exceda 0,15 m, a distância entre a parte inferior do anúncio e o solo não pode ser menor do que 2 m nem superior a 4 m.

2 — As estruturas dos anúncios luminosos, iluminados, sistemas electrónicos ou semelhantes instalados nas fachadas de edifícios e em espaço público devem ficar, tanto quanto possível, encobertas e ser pintadas com a cor que lhes dê o menor destaque.

ANEXO V

(a que refere o artigo 43.º)

Republicação do Decreto-Lei n.º 48/96, de 15 de Maio

Artigo 1.º

1 — Sem prejuízo do regime especial em vigor para actividades não especificadas no presente diploma, os estabelecimentos de venda ao público e de prestação de serviços, incluindo os localizados em centros comerciais, podem estar abertos entre as 6 e as 24 horas de todos os dias da semana.

2 — Os cafés, cervejarias, casas de chá, restaurantes, *snack-bars* e *self-services* poderão estar abertos até às 2 horas de todos os dias da semana.

3 — As lojas de conveniência poderão estar abertas até às 2 horas de todos os dias da semana.

4 — Os clubes, *cabarets*, *boîtes*, *dancings*, casas de fado e estabelecimentos análogos poderão estar abertos até às 4 horas de todos os dias da semana.

5 — São exceptuados dos limites fixados nos n.ºs 1 e 2 os estabelecimentos situados em estações e terminais rodoviários, ferroviários, aéreos ou marítimos, bem como em postos abastecedores de combustível de funcionamento permanente.

6 — *(Revogado pelo Decreto-Lei n.º 111/2010, de 15 de Outubro.)*

7 — *(Revogado pelo Decreto-Lei n.º 111/2010, de 15 de Outubro.)*

Artigo 2.º

A duração semanal e diária do trabalho estabelecida na lei, em instrumento de regulamentação colectiva de trabalho ou no contrato individual de trabalho será observada, sem prejuízo do período de abertura dos estabelecimentos.

Artigo 3.º

As câmaras municipais, ouvidos os sindicatos, as associações patronais, as associações de consumidores e a junta de freguesia onde o estabelecimento se situe, podem:

a) Restringir os limites fixados no artigo 1.º, a vigorar em todas as épocas do ano ou apenas em épocas determinadas, em casos devidamente justificados e que se prendam com razões de segurança ou de protecção da qualidade de vida dos cidadãos;

b) Alargar os limites fixados no artigo 1.º, a vigorar em todas as épocas do ano ou apenas em épocas determinadas, em localidades em que os interesses de certas actividades profissionais, nomeadamente ligadas ao turismo, o justifiquem.

Artigo 4.º

1 — No prazo máximo de 120 dias a contar da data de entrada em vigor do presente diploma, deverão os órgãos autárquicos municipais elaborar ou rever os regulamentos municipais sobre horários de funcionamento dos estabelecimentos comerciais, de acordo com os critérios estabelecidos no artigo 1.º

2 — Após a entrada em vigor do presente diploma, e até que se verifique o disposto no número anterior, devem os titulares dos estabelecimentos comerciais adaptar os

respectivos períodos de abertura aos previstos no artigo 1.º ou manter o período de abertura que vinha sendo praticado com base no regulamento municipal existente para o efeito, comunicando esse facto à câmara municipal da área em que se situa o estabelecimento.

3 — O disposto no número anterior não prejudica a competência dos órgãos autárquicos municipais para, nos termos do disposto no artigo 3.º, restringirem ou alargarem os limites fixados no artigo 1.º

Artigo 4.º-A

1 — O titular da exploração do estabelecimento, ou quem o represente, deve proceder à mera comunicação prévia, no «Balcão do empreendedor», do horário de funcionamento, bem como das suas alterações.

2 — Cada estabelecimento deve afixar o mapa de horário de funcionamento em local bem visível do exterior.

3 — O horário de funcionamento de cada estabelecimento, as suas alterações e o mapa referido no número anterior não estão sujeitos a licenciamento, a autorização, a autenticação, a validação, a certificação, a actos emitidos na sequência de comunicações prévias com prazo, a registo ou a qualquer outro acto permissivo.

Artigo 5.º

1 — *(Revogado.)*

2 — Constitui contra-ordenação punível com coima:

a) De € 150 a € 450, para pessoas singulares, e de € 450 a € 1500, para pessoas colectivas, a falta de mera comunicação prévia do horário de funcionamento, bem como das suas alterações e a falta da afixação do mapa de horário de funcionamento, em violação do disposto nos n.ºs 1 e 2 do artigo 4.º-A;

b) De € 250 a € 3740, para pessoas singulares, e de € 2500 a € 25 000, para pessoas colectivas, o funcionamento fora do horário estabelecido.

3 — *(Revogado pelo Decreto-Lei n.º 111/2010, de 15 de Outubro.)*

4 — A fiscalização do cumprimento do disposto no presente decreto-lei, a instrução dos processos de contra-ordenação, bem como a aplicação das coimas e de sanções acessórias, competem ao presidente da câmara municipal da área em que se situa o estabelecimento.

5 — O produto das coimas reverte para a câmara municipal da área em que se situa o estabelecimento.

6 — Em caso de reincidência e quando a culpa do agente e a gravidade da infracção o justifique, para além das coimas previstas no n.º 2, pode ser aplicada a sanção acessória de encerramento do estabelecimento durante um período não inferior a três meses e não superior a dois anos.

Artigo 6.º

O conceito relativo ao estabelecimento designado como loja de conveniência, no âmbito do n.º 3 do artigo 1.º, será definido, para todos os efeitos legais, por portaria do Ministro da Economia.

Artigo 7.º

É revogado o Decreto-Lei n.º 417/83, de 25 de Novembro, com as alterações introduzidas pelos Decretos-Leis n.ºs 72/94, de 3 de Março, e 86/95, de 28 de Abril.

Artigo 8.º

(Revogado.)

Centro Jurídico

Declaração de Rectificação n.º 10/2011

Ao abrigo da alínea *h*) do n.º 1 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 162/2007, de 3 de Maio, declara-se que a Portaria n.º 62/2011, de 2 de Fevereiro, publicada no *Diário da República*, 1.ª série, n.º 23, de 2 de Fevereiro de 2011, saiu com a seguinte inexactidão, que, mediante declaração da entidade emitente, assim se rectifica:

Na alínea *f*) do artigo 2.º, onde se lê:

«*f*) Artigo 37.º e artigos 39.º a 43.º do regulamento anexo ao Decreto Regulamentar n.º 16/2007, de 28 de Março, que aprova o PROF do Nordeste;»

deve ler-se:

«*f*) Artigo 37.º e artigos 39.º a 43.º do regulamento anexo ao Decreto Regulamentar n.º 2/2007, de 17 de Janeiro, que aprova o PROF do Nordeste;»

Centro Jurídico, 29 de Março de 2011. — A Directora, *Susana de Meneses Brasil de Brito*.

MINISTÉRIO DA ECONOMIA, DA INOVAÇÃO E DO DESENVOLVIMENTO

Portaria n.º 128/2011

de 1 de Abril

O Decreto-Lei n.º 31/2011, de 4 de Março, que aprovou o novo regime jurídico da exploração do jogo do bingo e o funcionamento das salas onde o mesmo é praticado, remeteu a regulamentação de algumas matérias para portaria do membro do Governo responsável pela área do turismo.

A presente portaria visa, assim, regulamentar a matéria relativa à exploração e prática do jogo do bingo, reunindo num único diploma regulamentação dispersa por vários normativos, nomeadamente quanto a requisitos e características das salas de jogo, aos instrumentos e regras técnicas do jogo e prémios em disputa, bem como às categorias profissionais dos trabalhadores, às regras de distribuição de gratificações e, finalmente, no que se refere ao seguro dos bens do Estado, à contabilidade do jogo e princípios gerais quanto à homologação do material e equipamentos de jogo.

Assim:

Nos termos do disposto no n.º 2 do artigo 1.º do Decreto-Lei n.º 31/2011, de 4 de Março, manda o Governo, pelo Secretario de Estado do Turismo, o seguinte:

CAPÍTULO I

Requisitos para a exploração e funcionamento das salas de jogo do bingo

Artigo 1.º

Requisitos gerais

1 — Os concessionários das salas de jogo do bingo devem submeter à aprovação da Comissão de Jogos do Turismo de Portugal, I. P. (Comissão de Jogos), os projectos para instalação de salas de bingo cuja concessão lhes

tenha sido atribuída, obedecendo aos requisitos enunciados no artigo 10.º do Decreto-Lei n.º 31/2011, de 4 de Março.

2 — Caso o concessionário pretenda realizar outras actividades e programas de animação, nos termos previstos no artigo 12.º do diploma referido no número anterior, deve integrá-los no projecto apresentado para aprovação da Comissão de Jogos, sem prejuízo de eventuais alterações ao mesmo, que, após o início da exploração, pretendam vir a efectuar, as quais devem sempre ser submetidas à prévia aprovação da Comissão de Jogos.

3 — A aprovação pela Comissão de Jogos dos projectos para instalação de salas de bingo, que incluam programas de animação para os frequentadores ou prevejam a instalação e exploração de máquinas de jogos de diversão ou meios electrónicos com as mesmas características, contém e integra a autorização prevista no n.º 5 do artigo 12.º do Decreto-Lei n.º 31/2011.

Artigo 2.º

Gabinete do Serviço de Inspeção de Jogos do Turismo de Portugal, I. P.

Nas salas de jogo do bingo, o Serviço de Inspeção de Jogos do Turismo de Portugal, I. P. (Serviço de Inspeção de Jogos), deve dispor de um gabinete privativo que reúna as seguintes condições:

- a) Ter acesso directo à sala de jogo e, sempre que possível, ao átrio de entrada;
- b) Ser dotado de mobiliário e equipamento adequados;
- c) Dispor de uma área útil não inferior a 10 m².

Artigo 3.º

Áreas de apoio

1 — As áreas de apoio incluem o átrio de entrada e áreas ou salas separadas destinadas à prestação de serviços de restauração, de animação e à instalação de equipamentos electrónicos de diversão.

2 — No átrio de entrada ou na zona de espera da sala de jogo do bingo é obrigatória a instalação de um painel de aviso, com indicação de «Espere» e «Entre».

3 — As salas de jogo do bingo podem dispor de áreas destinadas à prestação de serviços complementares aos clientes.

Artigo 4.º

Painéis informativos e instalação sonora

As salas de jogo devem, ainda, ser apetrechadas com dispositivos áudio-visuais que garantam informação em tempo real ao jogador sobre o decurso das operações de jogo, nomeadamente sobre o valor facial dos cartões, a quantidade de cartões vendidos, o valor dos prémios e os números sorteados à medida que vão sendo extraídos.

Artigo 5.º

Sistema interno de televisão

É obrigatória a existência de um sistema interno de televisão ou mecanismo equivalente que garanta a visualização, por parte dos jogadores, das bolas extraídas durante o jogo.

Artigo 6.º

Utilização das salas de jogo para outros fins

É permitida a utilização das salas de jogo do bingo para outros fins, desde que tal não colida com o normal funcionamento das sessões de jogo e não sejam utilizados o material e equipamento de jogo.

CAPÍTULO II

Instrumentos do jogo

Artigo 7.º

Equipamentos e utensílios

Constituem instrumentos do jogo os cartões, um conjunto de bolas numeradas de 1 a 90, os mecanismos de extracção de bolas, os terminais automáticos de validação de cartões, os painéis informativos, a instalação sonora e o sistema interno de televisão.

Artigo 8.º

Cartões de jogo

1 — Apenas é permitida a utilização de cartões de jogo requisitados ao Turismo de Portugal, I. P.

2 — Os cartões de jogo têm valor pecuniário equivalente ao seu valor facial constituindo-se os concessionários seus fiéis depositários até que sejam utilizados.

3 — Os cartões de jogo do bingo têm os valores faciais de € 0,50, € 1, € 1,50, € 2, € 3 e € 5.

4 — A Comissão de Jogos pode autorizar a emissão de cartões com diferentes valores faciais.

5 — Todos os cartões de jogo são seriados e numerados, devendo sempre conter o número e referência à série a que pertencem.

6 — O verso de cada cartão contém um extracto das regras de marcação do cartão, bem como do esquema de distribuição dos prémios.

7 — Cada cartão é composto por 27 rectângulos, distribuídos em 3 filas horizontais, contendo cada uma 5 números, compreendidos entre 1 e 90, ambos incluídos.

8 — Os números são dispostos de modo a que a 1.ª coluna compreenda do 1 ao 9, a 2.ª do 10 ao 19, a 3.ª do 20 ao 29 e assim sucessivamente até à 9.ª coluna, que compreenderá os números entre o 80 e o 90.

9 — Cada coluna deve dispor, no mínimo, de um número e, no máximo, de dois números.

10 — As combinações numéricas de linha ou bingo não podem repetir-se na mesma série de cartões.

Artigo 9.º

Séries

1 — Podem ser editadas as seguintes séries de cartões:

Séries	Número de cartões
A.....	90
B.....	120
C.....	150
D.....	180
E.....	240
F.....	300
G.....	360
H.....	420

Séries	Número de cartões
I	660
J	840
K	1 680
L	1 692

2 — As séries distinguem-se pela cor dominante no reverso e os valores faciais pela cor dominante no anverso dos cartões.

3 — A Comissão de Jogos pode autorizar a emissão de séries com número de cartões diferentes do indicado no n.º 1, bem como permitir a edição de séries constituídas por grupos de seis cartões, que contenham a totalidade dos números de 1 a 90.

4 — As séries devem ser utilizadas por ordem crescente da sua numeração em cada valor facial, competindo aos caixas verificar, antes da sua utilização, não só a correcta ordenação como a existência de cartões com anomalias de impressão, que serão destacados para posterior reclamação junto do fornecedor e para que se proceda ao abate respectivo.

Artigo 10.º

Requisições de cartões

1 — Os cartões para o jogo do bingo são requisitados, por quantidades iguais ou múltiplas de 12 séries, pelos concessionários ao Serviço de Inspeção de Jogos, com a antecedência mínima de 15 dias relativamente à necessidade de utilização.

2 — A requisição deve ser acompanhada do documento comprovativo de transferência bancária da importância correspondente ao custo dos cartões requisitados.

3 — Os concessionários não podem fazer uso dos cartões como se fossem bens da sua propriedade ou transferi-los para utilização noutra sala de jogo do bingo sem prévia autorização do Serviço de Inspeção de Jogos, que define as regras a que deve obedecer essa transferência.

Artigo 11.º

Registo e controlo de cartões

1 — A concessionária deve proceder ao registo dos cartões recebidos na aplicação informática de controlo do jogo, nas 24 horas seguintes à sua recepção.

2 — Após o registo o concessionário deve extrair listagem dos cartões em armazém, ordenados por valor facial, a qual deve ser anexada à requisição mencionada.

3 — Sempre que se verifique o abate, a anulação ou a inutilização de cartões, deve o concessionário extrair listagem dos mesmos, ordenados por valor facial, à qual devem ser anexados os cartões abatidos, anulados ou inutilizados, para efeitos de conferência e destruição a efectuar pelo Serviço de Inspeção de Jogos.

Artigo 12.º

Bolas

1 — Cada jogo de bolas é identificado por um número de série.

2 — Cada uma das bolas tem inscrito na sua superfície, de forma indelével, o número correspondente, que tem de ser visível através do sistema interno de televisão, bem como o número da série respectiva.

3 — As bolas só podem ser utilizadas enquanto mantiverem bom estado de conservação, não podendo, no entanto, exceder 3000 jogadas.

4 — Sempre que uma das bolas do conjunto em utilização se deteriorar deve proceder-se à sua substituição sem que tal determine a substituição da totalidade das demais.

5 — A substituição dos conjuntos de bolas é registada na acta da respectiva sessão de jogo.

Artigo 13.º

Extracção de bolas

1 — O mecanismo de extracção de bolas pode ser manual ou electrónico.

2 — As operações de extracção das bolas têm de ser visíveis por todos os jogadores, directamente ou através do sistema interno de televisão.

CAPÍTULO III

Regras do jogo

Artigo 14.º

Marcação dos cartões

1 — Os números anunciados são assinalados nos cartões de forma indelével de modo a permitir a sua identificação inequívoca, sob pena de os jogadores perderem o direito ao prémio.

2 — As operações de extracção das bolas e de leitura dos números são anunciadas em língua portuguesa e numa cadência adequada, de modo a que os jogadores as possam apreender e assinalar os cartões.

3 — Pode ser usada outra língua além do português nas operações de jogo.

Artigo 15.º

Confirmação dos prémios

1 — Os cartões premiados, assim como os números anunciados, são previamente confirmados com recurso aos dados gerados pelo sistema informático de controlo do jogo, podendo esta operação, sempre que se justificar, ser efectuada com recurso à leitura das bolas extraídas.

2 — Não conferem direito a qualquer prémio os cartões que, por irregularidade das marcações efectuadas ou por danos neles provocados, não permitam a inequívoca compreensão dos seus dados essenciais, nomeadamente o número de identificação, os números sorteados ou o número da série.

Artigo 16.º

Anúncios e extracção das bolas

1 — Terminada a venda de cartões, procede-se à recolha das unidades excedentes e anuncia-se:

- a) O total de cartões vendidos, referenciando os números de identificação dos cartões por série;
- b) O valor dos prémios em disputa;
- c) O início da extracção.

2 — O anúncio sonoro dos números extraídos e a sua afixação nos painéis informativos ocorrem em simultâneo

com a visualização das bolas através do sistema interno de televisão ou outro mecanismo alternativo, a fim de que possa ser confirmada a sua exactidão.

3 — Os números compreendidos entre 60 e 79 devem ser anunciados duas vezes, como se exemplifica: sessenta/seis zero; sessenta e um/seis um; setenta e nove/sete nove.

4 — O disposto nos números anteriores não prejudica a adopção de processos mais detalhados de anúncio dos números extraídos.

Artigo 17.º

Combinações premiadas

1 — São premiadas as seguintes combinações de números:

a) Linha: quando tenham sido anunciados e marcados todos os números que integrem a linha superior, a linha central ou a linha inferior de um cartão;

b) Bingo: quando tenham sido anunciados e marcados todos os 15 números que integram um cartão.

2 — Quando for identificada mais do que uma combinação premiada, para linha ou para bingo, procede-se à distribuição proporcional do valor do prémio.

Artigo 18.º

Valor dos prémios

1 — Os prémios do jogo do bingo são pagos exclusivamente em dinheiro.

2 — O valor dos prémios a distribuir em cada jogada corresponde a 55% do valor facial da totalidade dos cartões vendidos, deduzido da tributação aplicável e será repartido nos seguintes termos:

- a) 5% para a linha;
- b) 50% para o bingo.

3 — Nas salas de jogo do bingo dos casinos a percentagem para o prémio linha é de 10%.

4 — Os concessionários são fiéis depositários e responsáveis pelo pagamento dos prémios do jogo.

Artigo 19.º

Prémios especiais

1 — A Comissão de Jogos pode autorizar, mediante proposta dos concessionários, a adopção de prémios especiais de bingo e de linha, desde que em obediência aos princípios estabelecidos no presente regulamento.

2 — Os prémios a que se refere o número anterior podem ser implementados em uma ou mais salas de jogo, isoladamente ou em associação entre concessionários.

3 — A decisão de autorização estabelece as respectivas regras de funcionamento e condições de atribuição.

Artigo 20.º

Prémio acumulado de bingo

1 — Os concessionários que pretendam adoptar a atribuição do prémio acumulado de bingo devem comunicá-lo ao Serviço de Inspeção de Jogos, com a antecedência de cinco dias em relação à data prevista de início do processo.

2 — O processo de atribuição do prémio acumulado funciona todos os dias, apenas podendo ser interrompido no final de cada ano civil, mediante comunicação do concessionário ao Serviço de Inspeção de Jogos, até 20 de Dezembro desse ano.

3 — Quando houver lugar à interrupção prevista no número anterior, o prémio é atribuído conjuntamente com o prémio de bingo na última jogada da última sessão de jogo do ano a que respeita.

4 — O processo de atribuição do prémio acumulado de bingo decorre por ciclos, procedendo-se à formação do fundo mediante desconto ao prémio líquido de bingo de cada jogada, de valor igual à denominação facial do cartão em venda.

5 — A formação do fundo para constituição do prémio acumulado processa-se, mediante proposta dos concessionários, em duas fases, consoante tenha ou não atingido um montante compreendido entre € 25 000 e € 50 000.

6 — Na primeira fase e até atingir o montante fixado nos termos do número anterior, o valor acumulado até à jogada em que é atribuído o prémio é distribuído na seguinte proporção:

- 70% — valor a pagar como prémio;
- 10% — base de acumulação para o prémio seguinte;
- 20% — base de acumulação para o prémio acumulado de linha.

7 — Na segunda fase, após atingir o montante fixado nos termos do n.º 5, o valor acumulado até à jogada em que é atribuído o prémio é distribuído na seguinte proporção:

- 50% — valor a pagar como prémio;
- 30% — base de acumulação para o prémio seguinte;
- 20% — base de acumulação para o prémio acumulado de linha.

8 — Os concessionários estabelecem, com prévio conhecimento ao Serviço de Inspeção de Jogos, para cada ciclo e para que vigore durante um período mínimo de seis meses, a bola limite para atribuição do prémio, compreendida entre a mínima 37 e a máxima 45.

9 — Durante as sessões de jogo é publicitado, nos painéis informativos, o valor do prémio a pagar, o valor base de acumulação para o prémio seguinte, o número máximo de bolas a que o mesmo é atribuído, assim como o número de bolas extraídas.

10 — O prémio é atribuído ao jogador que complete a combinação de bingo até à bola fixada como limite para a sessão desse dia.

11 — A bola estabelecida como limite mínimo para atribuição do prémio cresce à razão de uma bola por cada dia de funcionamento da exploração de jogo, até à bola máxima fixada no anterior n.º 8, onde permanece até que aquele seja atribuído.

12 — Havendo mais do que um jogador contemplado, a divisão do prémio processa-se nos termos fixados para o prémio de bingo.

13 — O novo ciclo inicia-se na jogada seguinte à da atribuição do prémio do ciclo anterior, utilizando a importância base acumulada.

14 — Os concessionários podem, mediante prévia comunicação ao Serviço de Inspeção de Jogos, participar para o incremento da importância base a que se refere o número anterior.

15 — A quantia suportada pelos concessionários para incremento da importância base, por se destinar a prémios de jogo do bingo, deve apresentar-se líquida de IRS e ser contabilizada como custo da exploração.

Artigo 21.º

Prémio acumulado de linha

1 — Os concessionários que pretendam adoptar a atribuição do prémio acumulado de linha devem comunicá-lo ao Serviço de Inspeção de Jogos com a antecedência de cinco dias em relação à data prevista de início do processo.

2 — O processo de atribuição do prémio acumulado funciona todos os dias, apenas podendo ser interrompido no final de cada ano civil, mediante comunicação do concessionário ao Serviço de Inspeção de Jogos, até 20 de Dezembro desse ano.

3 — Quando houver lugar à interrupção prevista no número anterior, o prémio é atribuído conjuntamente com o prémio de linha na última jogada da última sessão de jogo do ano a que respeita.

4 — O processo de atribuição do prémio acumulado de linha decorre por ciclos, procedendo-se à formação do fundo mediante desconto ao prémio líquido de bingo de cada jogada, nos termos do artigo anterior.

5 — Os concessionários podem, mediante prévia comunicação ao Serviço de Inspeção de Jogos, participar para o incremento da importância base a que se refere o número anterior.

6 — A quantia suportada pelos concessionários, para incremento da importância base, por se destinar a prémios de jogo do bingo, deve apresentar-se líquida de IRS e ser contabilizada como custo da exploração.

7 — Os concessionários estabelecem, com prévio conhecimento ao Serviço de Inspeção de Jogos, para cada ciclo e para que vigore durante um período mínimo de seis meses, a bola limite para atribuição do prémio, compreendida entre a mínima 10 e a máxima 15.

8 — O prémio é atribuído ao jogador que complete a combinação de linha até à bola fixada como limite.

9 — Havendo mais do que um jogador contemplado, a divisão do prémio acumulado processa-se nos termos fixados para o prémio de linha.

10 — O novo ciclo inicia-se na jogada seguinte à da atribuição do prémio do ciclo anterior.

11 — O prémio é atribuído pelo menos uma vez por sessão de jogo.

12 — Quando o prémio não for atribuído até à jogada n.º 100 da sessão de jogo, a bola máxima fixada será aumentada à razão de uma bola por jogada até à sua atribuição.

13 — Nas sessões de jogo em que não se realizar o número de jogadas previsto no número anterior, ou quando a condição aí prevista não se verificar, o prémio será atribuído conjuntamente com o prémio de linha da última jogada da sessão.

Artigo 22.º

Verificação do equipamento no início e termo da sessão

1 — Antes do início de cada sessão de jogo, deve verificar-se o correcto funcionamento do material e equipamento de jogo mediante prévio aviso aos jogadores, permitindo-lhes a conferência das bolas através do meca-

nismo de extracção, do sistema interno de televisão e dos painéis informativos.

2 — O procedimento descrito no número anterior deve repetir-se sempre que ocorrer a mudança do jogo de bolas.

3 — Concluída a verificação do material e equipamento de jogo e confirmado o seu adequado funcionamento, anuncia-se: «Aceite a verificação do material e equipamento de jogo, vai dar-se início à sessão. Para a primeira jogada vão ser postos à venda cartões da série n.º ... (ou séries n.ºs ...), de ... cartões, com o valor facial de € ...».

4 — No final da sessão de jogo e após concluída a atribuição dos prémios da última jogada, deve convidar-se os jogadores a conferir as bolas utilizadas e, não ocorrendo reclamações, dá-se por encerrada a sessão.

Artigo 23.º

Sequência de operações

1 — Após os anúncios a que se refere o n.º 1 do artigo 16.º, inicia-se o processo de extracção de bolas, cujos números são publicitados nos termos previstos nos n.ºs 2 e 3 do mesmo artigo.

2 — A extracção prossegue até ser anunciada linha ou bingo, em voz alta, por algum jogador, após o que é recolhido o cartão premiado e exibido nos painéis informativos para conferência e verificação dos números.

3 — Se da conferência resultarem falhas ou inexactidões o jogo prossegue até ser anunciada uma nova combinação premiada.

4 — Quando são utilizados cartões duplos, o pagamento dos prémios realiza-se depois de concluída a segunda jogada.

5 — Uma vez comprovada a existência de um prémio é perguntado se existe alguma outra combinação premiada, após o que é dada ordem para retomar ou terminar a jogada.

6 — Concluída a validação de um prémio e até que ocorra o seu pagamento, a localização do jogador premiado é assinalada com o distintivo respectivo.

Artigo 24.º

Venda de cartões

1 — A venda de cartões apenas é permitida dentro da sala de jogo e das áreas de apoio de restauração.

2 — A venda de cartões em cada jogada realiza-se por ordem numérica a partir do n.º 1 de cada série ou do número seguinte ao último vendido da série anterior, independentemente de esta ter ocorrido no mesmo dia ou no dia anterior.

3 — Não é permitida a venda de cartões fora da sua ordem numérica, salvo se o jogador pretender adquirir uma sequência completa de seis cartões, caso em que, por alterar a ordem dos cartões vendidos, obriga à anulação dos cartões de numeração intermédia que ficarem por vender nessa jogada.

4 — Se o número de cartões da série posta em venda for insuficiente para satisfazer a procura, poderá pôr-se em circulação, para a mesma jogada, cartões da série seguinte, desde que se tenham em conta as seguintes normas:

a) A segunda série a utilizar terá de ter o mesmo valor facial da primeira;

b) A venda da segunda série começará pelo cartão n.º 1;

c) Os cartões da segunda série poderão vender-se até ao limite máximo do número do cartão da primeira série com

que se iniciou a venda, de tal forma que em caso algum poderão vender-se na mesma jogada cartões iguais.

5 — Na primeira jogada, a venda de cartões inicia-se após as operações enunciadas no artigo anterior e, nas jogadas seguintes, depois de comprovada a existência de um cartão premiado com bingo, que será exibido através do sistema interno de televisão ou outro mecanismo autorizado, e após o anúncio de bingo «bingo correcto».

6 — Os cartões são pagos em dinheiro, não sendo permitida a utilização de cheque ou de qualquer outro meio de pagamento, nem a concessão de crédito aos jogadores.

7 — Nas salas de bingo instaladas em casinos podem ser utilizadas as fichas das outras salas de jogos na compra de cartões.

8 — Os cartões usados em cada jogada são recolhidos e destruídos, salvo se constituírem meio de prova em processo de averiguação ou sancionatório, caso em que são entregues ao Serviço de Inspeção de Jogos, conjuntamente com a acta da sessão a que respeitam.

Artigo 25.º

Jogadas

1 — Desde que não seja objecto de reclamação com esse fundamento, é válida a jogada em que hajam sido vendidos cartões em desrespeito pela ordem estabelecida no artigo anterior, devendo, na jogada seguinte, ser postos à venda os cartões da série devida, a partir do último cartão consumido na jogada precedente, repondo-se assim a ordem sequencial da numeração.

2 — Os cartões da série indevidamente utilizada que não tiverem sido consumidos e os da série reposta em jogo com os números equivalentes aos vendidos são anulados.

3 — Se o erro a que se alude no presente artigo for detectado antes da extracção das bolas para início da jogada seguinte, procede-se à anulação da jogada.

4 — Os erros verificados no anúncio dos números que, de algum modo, afectem a credibilidade do jogo obrigam à anulação das jogadas, com entrega aos jogadores do valor dos cartões adquiridos contra a sua devolução.

5 — A saída de um jogador no decurso da jogada não dá lugar à devolução da importância despendida com a aquisição de cartões, embora possa transferi-los para outro jogador.

Artigo 26.º

Entrega dos prémios

1 — O direito aos prémios anunciados pelos jogadores é confirmado mediante entrega dos cartões respectivos, que devem apresentar-se íntegros e sem alterações que induzam em erro.

2 — O pagamento dos prémios depende ainda de os cartões se mostrarem regularmente marcados pelos jogadores, salvo se forem utilizados terminais automáticos de validação de cartões, devendo ser assinalados no verso com o tipo de prémio atribuído e o número da jogada a que respeitam.

3 — Os cartões premiados são conservados durante oito dias, após o que serão destruídos se não respeitarem a qualquer processo pendente.

4 — Os prémios são pagos contra termo de recebimento.

5 — O pagamento dos prémios acumulados tem lugar nos seguintes termos:

a) Quando se verificarem as condições estabelecidas nos artigos 20.º e 21.º;

b) Quando o concessionário comunicar a interrupção do processo de atribuição na última jogada do ano, mantendo embora a sala em exploração.

6 — Quando solicitado pelo jogador, os concessionários das salas de jogo do bingo podem pagar o prémio especial acumulado através de cheque nominativo devendo, nesse caso, ficar registado na acta da sessão de jogo o seu número e valor.

7 — Quando ocorram prémios em litígio, o concessionário constitui-se fiel depositário do valor respectivo até decisão do processo.

8 — Quando ocorrer o encerramento definitivo da sala de jogo, o valor do prémio, deduzido da última participação do concessionário, é entregue, até ao dia 8 do mês seguinte, ao Turismo de Portugal, I. P., que deve promover a sua entrega a entidade com reconhecida relevância social local.

Artigo 27.º

Acessos

Não é facultado o acesso à sala de jogo enquanto não for anunciado o primeiro bingo correcto de cada jogada.

Artigo 28.º

Avarias dos equipamentos e erros de operação

1 — Se durante a realização de uma jogada e antes da extracção da primeira bola se produzirem falhas ou avarias nos mecanismos ou instalações ou até incidentes que impeçam a continuação da mesma, suspende-se a jogada até que o problema seja solucionado e, se decorridos 15 minutos não for encontrada solução, procede-se à entrega aos jogadores do valor pago pelos cartões contra a sua devolução.

2 — Se a irregularidade referida no número anterior apenas for detectada após a extracção de uma ou mais bolas, a jogada é anulada, entregando-se aos jogadores o valor pago pelos cartões.

3 — Sempre que uma bola entrar irregularmente na cuba suspende-se a jogada até que a mesma seja retirada.

4 — Em caso de avaria ocasional dos mecanismos de contagem ou extracção de bolas, procede-se manualmente em relação às bolas que se encontrem na serpentina ou expositor do equipamento.

5 — Não são consideradas as reclamações que incidam sobre erros no anúncio dos números ou sobre o direito a prémios depois de ter sido anunciado o termo da jogada a que respeitem.

6 — Dos incidentes ocorridos em cada jogada são lavrados termos e anexados às actas das sessões de jogo pelo chefe de sala.

Artigo 29.º

Encerramento da sala de jogo

1 — O anúncio da última jogada deve ter lugar no intervalo entre jogadas, nunca menos de 10 minutos antes da hora prevista de encerramento da sala de jogo.

2 — É permitido aos concessionários antecipar o encerramento das salas de jogo sempre que motivos ponderáveis o justifiquem, devendo do mesmo lavrar termo em anexo à acta da sessão de jogo.

Artigo 30.º

Ofertas e iniciativas promocionais nas salas de jogo

- 1 — Não são permitidas ofertas de cartões para jogar.
- 2 — São permitidas iniciativas promocionais mediante sorteios, associados ou não aos prémios de bingo em disputa, sob condição de não implicarem dispêndio para os jogadores.
- 3 — As iniciativas a que se refere o número anterior estão sujeitas às autorizações legalmente previstas sempre que integrem modalidades afins dos jogos de fortuna ou azar.

CAPÍTULO IV

Seguros

Artigo 31.º

Apólices de seguro

1 — Os bens inventariados são seguros pelos concessionários contra os riscos de incêndio, fenómenos sísmicos, furto e roubo, por importância igual à mencionada no inventário, a qual é actualizada em conformidade com os aumentos ou abatimentos que anualmente se venham a verificar.

2 — O concessionário procede, no prazo de 60 dias a contar da data do início de exploração, à entrega ao Serviço de Inspeção de Jogos do duplicado da apólice de seguro, de que é beneficiário o presidente do conselho directivo do Turismo de Portugal, I. P., bem como de cópia de todos os recibos comprovativos do pagamento dos prémios.

3 — Os duplicados da apólice e as cópias dos recibos referidos no número anterior são acompanhados da relação dos bens objecto do seguro nos exactos termos em que constam no mapa de cadastro quanto à quantidade, descrição, valor unitário e valor total.

4 — Sempre que ocorram alterações derivadas da aquisição ou abate de material e equipamento do jogo do bingo, o concessionário entrega ao Serviço de Inspeção de Jogos, no prazo de 60 dias a contar da data da ocorrência, os duplicados das actas adicionais às respectivas apólices, onde constem discriminados a quantidade, a descrição, o valor unitário e o valor total dos bens.

Artigo 32.º

Vigência e termos

1 — Os contratos de seguro vigoram por períodos anuais, com início em 1 de Janeiro ou a partir do início da exploração e termo em 31 de Dezembro de cada ano a partir do início da exploração.

2 — As apólices de seguro devem obrigatoriamente conter uma cláusula nos seguintes termos: «Em caso de incêndio, fenómenos sísmicos e de furto ou roubo, a indemnização devida, por força do presente contrato, será depositada pela companhia seguradora, através de transferência bancária, no Instituto de Gestão de Crédito Público, à ordem do Turismo de Portugal, I. P., que deve promover ao respectivo levantamento e entrega aos concessionários

à medida que estes efectuem a reparação ou substituição dos bens sinistrados, furtados ou roubados».

CAPÍTULO V

Homologação do material e equipamento de jogo

Artigo 33.º

Homologação

A definição dos termos de homologação do material de equipamento de jogo é objecto de diploma próprio.

Artigo 34.º

Operação

1 — O fabrico, exportação, importação, armazenamento e transporte de material e equipamento destinados à exploração do jogo do bingo são autorizados pela Comissão de Jogos.

2 — As pessoas ou entidades autorizadas nos termos do n.º 1 do artigo anterior são inscritas em registo a criar pelo Turismo de Portugal, I. P., nos termos a definir em diploma próprio.

Artigo 35.º

Destruição do material e equipamento de jogo

1 — O material e equipamento de jogo que não reúna as condições adequadas de funcionamento é substituído e, caso não seja alienado pelo Turismo de Portugal, I. P., é destruído.

2 — A destruição de material e equipamento de jogo é autorizada pela Comissão de Jogos, devendo do acto ser lavrado o auto respectivo e os bens identificados em conformidade com a descrição do cadastro e inventário.

Artigo 36.º

Transporte de equipamento de jogo

Não é permitido o transporte de material e equipamento de jogo sem que este seja acompanhado de guia de trânsito emitida pelo Serviço de Inspeção de Jogos, devendo a entidade requerente devolver um exemplar averbado dos números de série dos bens aí referenciados.

CAPÍTULO VI

Contabilidade do jogo

Artigo 37.º

Sistemas informáticos

1 — O Turismo de Portugal, I. P., disponibiliza um conjunto de programas informáticos que são de uso obrigatório para o tratamento contabilístico dos resultados do jogo do bingo, visando, nomeadamente:

- a) A elaboração das actas das sessões de jogo e respectivos resumos;
- b) O controlo da sequência da venda dos cartões, através da comparação, em tempo real com as respectivas reservas em armazém;
- c) Assegurar o controlo contabilístico da exploração e a extracção dos mapas de exploração.

2 — Os programas informáticos referidos no número anterior são propriedade do Turismo de Portugal, I. P., que os cede aos concessionários sob condição de os mesmos se equiparem com meios técnicos compatíveis.

Artigo 38.º

Actas de sessões de jogo

1 — É elaborada acta de cada sessão de jogo, registada jogada a jogada, não se podendo iniciar nova extracção de bolas sem que na mesma seja inscrita a informação relativa aos cartões vendidos.

2 — É obrigatória a utilização do modelo de acta gerado pela aplicação informática de controlo do jogo a que se refere o artigo anterior.

3 — Da acta constam, nomeadamente, a data e hora do início da partida, o número da série de cartões, o número e preço dos cartões, o número de cartões vendidos, a importância total recolhida; importâncias pagas por linha e por bingo, valor do imposto do selo e hora do termo da partida.

4 — As actas são numeradas e devem manter-se em arquivo durante um ano.

5 — Um exemplar de acta diária é entregue ao Serviço de Inspeção de Jogos, depois de assinada pelo director da concessão ou quem o substitua.

6 — Após o encerramento da sessão de jogo são efectuadas cópias de segurança.

Artigo 39.º

Mapas mensais

Um exemplar do mapa mensal de exploração é entregue ao Serviço de Inspeção de Jogos, depois de assinada pelo director da concessão ou quem o substitua, até ao 2.º dia do mês imediato àquele a que respeita, acompanhado de listagem da reserva de cartões de todos os valores faciais.

Artigo 40.º

Balancetes analíticos

1 — Os concessionários obrigam-se a entregar ao Serviço de Inspeção de Jogos até ao último dia útil dos meses de Julho e Janeiro, relativo, respectivamente, a 30 de Junho e a 31 de Dezembro de cada ano, o balancete analítico do razão geral.

2 — As obrigações relativas às operações do fim do exercício obedecem ao calendário seguinte:

a) Mapa provisório demonstrativo dos resultados líquidos do exercício, devidamente discriminado, a entregar até 28 de Fevereiro de cada ano, acompanhado do balancete analítico do razão geral depois do apuramento, do mapa de amortizações e reintegrações do exercício e de mapas discriminativos de eventuais provisões para impostos;

b) Balanço sintético, mapa definitivo demonstrativo dos resultados líquidos do exercício e outras peças a indicar para cada caso particular, a entregar no prazo de 30 dias após notificação da decisão produzida sobre a auditoria;

c) Caso se verifique interposição de recurso, os 30 dias serão contados a partir da data em que houver lugar à notificação do despacho definitivo do Secretário de Estado do Turismo, previsto no contrato de concessão.

3 — As peças contabilísticas a que se refere o número anterior são assinadas pelos órgãos gestores dos conces-

sionários, bem como pelos técnicos oficiais de contas responsáveis.

4 — As auditorias à contabilidade comercial da exploração são acompanhadas pelo director da concessão e pelo técnico oficial de contas responsável.

Artigo 41.º

Conta bancária

1 — Os concessionários obrigam-se à constituição de uma conta bancária, de que são titulares únicos, por onde correm exclusivamente os movimentos financeiros da exploração de jogo.

2 — Os concessionários obrigam-se à apresentação ao Serviço de Inspeção de Jogos, até ao 5.º dia útil de cada mês, de extractos bancários reportados aos movimentos da conta bancária até último dia útil do mês anterior.

3 — Os saldos diários da conta bancária devem permitir o pagamento do valor total dos prémios acumulados.

CAPÍTULO VII

Receitas da assistência

Artigo 42.º

Procedimento

1 — Os valores provenientes de prémios abandonados ou cujo dono não seja possível determinar, o valor facial dos cartões que, em jogadas anuladas, não forem recolhidos ou outras importâncias abandonadas nas salas de jogo do bingo destinam-se a fins de assistência e solidariedade social.

2 — Os concessionários obrigam-se a enviar ao Serviço de Inspeção de Jogos, juntamente com a acta diária respectiva, um mapa onde constem as importâncias a que se refere o número anterior.

3 — As importâncias a que se refere o n.º 1 são depositadas, até ao dia 15 do mês subsequente àquele em que foram arrecadadas, em conta bancária do Turismo de Portugal, I. P., que deve promover à sua entrega semestral a entidade com reconhecida relevância social local.

CAPÍTULO VIII

Gratificações dos trabalhadores

Artigo 43.º

Gratificações

1 — O presente capítulo respeita exclusivamente às gratificações recebidas pelos trabalhadores que exerçam funções de jogo.

2 — As gratificações dadas pelos jogadores são depositadas em caixas assinaladas para o efeito, instaladas na mesa de controlo ou em lugar visível da sala de jogo.

3 — Não é permitido aos trabalhadores arrecadar individualmente gratificações dadas por jogadores.

4 — As gratificações são apuradas e registadas em acta, após o termo da sessão de jogo e do encerramento da sala, devendo o resultado ser comunicado à comissão de distribuição de gratificações e afixado nas instalações do pessoal.

5 — As gratificações são distribuídas mensalmente, em partes iguais, pelos trabalhadores.

6 — Os trabalhadores mantêm o direito às gratificações, nos seguintes casos:

a) Quando as ausências ao trabalho sejam justificadas e não determinem perda de retribuição nos termos das disposições legais aplicáveis;

b) Durante o período de suspensão preventiva da actividade profissional por motivo de processo disciplinar, até ao limite de 30 dias;

c) Por motivo de doença verificada por médico do Serviço Nacional de Saúde, até ao limite de seis meses em cada três anos.

7 — Cabe ao concessionário informar a comissão de distribuição de gratificações sobre as ausências ao trabalho, com indicação dos motivos e períodos de tempo, sempre que, nos termos da legislação aplicável, tal determine a perda da remuneração.

Artigo 44.º

Comissão de distribuição de gratificações

1 — Em cada sala de bingo é eleita uma comissão de distribuição de gratificações, composta por dois representantes dos trabalhadores e um representante do concessionário, que tem por missão garantir o adequado apuramento e distribuição das gratificações dadas pelos jogadores e responder perante o Serviço de Inspeção de Jogos e as autoridades tributárias sobre a matéria.

2 — Os trabalhadores podem aprovar um regulamento da comissão de distribuição de gratificações do qual conste, designadamente, a forma de eleição, o processo de votação e de destituição, a duração do mandato e o processo de substituição dos membros demissionários, aplicando-se em tudo o que for omissivo as normas previstas na legislação laboral para as comissões de trabalhadores.

3 — Os membros da comissão de distribuição de gratificações são solidariamente responsáveis pela liquidação, distribuição e pagamento das gratificações aos trabalhadores beneficiários, bem como por quaisquer irregularidades cometidas no âmbito das suas atribuições, salvo se em acta tiverem votado contra a deliberação ou nela não tiverem participado.

4 — A distribuição das gratificações pode ser efectuada com recurso a qualquer meio de pagamento, devendo ser confirmada por cada um dos beneficiários mediante termo de recebimento.

Artigo 45.º

Recrutamento de pessoal

1 — Ao recrutamento do pessoal de jogo do bingo aplicam-se as normas estabelecidas no Código do Trabalho, garantida que seja a condição de maioridade.

2 — As salas de jogo do bingo devem dispor de quadros de pessoal em número ajustado à procura e que garantam uma adequada prestação do serviço aos jogadores.

Artigo 46.º

Categorias profissionais

1 — O recrutamento de pessoal para o serviço de jogo das salas de bingo deve obedecer ao preenchimento das seguintes categorias profissionais:

a) Chefe de sala;

b) Adjunto do chefe de sala;

c) Caixa;

d) Caixa auxiliar volante;

e) Porteiro-contínuo.

2 — Nas salas de jogo do bingo cujo funcionamento não seja diário ou que funcionem até quatro horas por dia podem ser dispensadas as categorias de adjunto do chefe de sala e de porteiro-contínuo.

Artigo 47.º

Mobilidade funcional

É permitida a acumulação de funções e a mobilidade entre categorias, desde que seja garantido o exercício de todas as funções de suporte e segurança e não seja condicionado o normal funcionamento da exploração.

Artigo 48.º

Trajo e distintivo de identificação

1 — Os concessionários devem providenciar uniforme para os trabalhadores em serviço em todas as áreas funcionais das salas de jogo do bingo.

2 — Todos os trabalhadores são identificados com um distintivo, donde conste o nome e categoria profissional.

CAPÍTULO IX

Disposições finais

Artigo 49.º

Entrada em vigor

O presente Regulamento entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

O Secretário de Estado do Turismo, *Bernardo Luís Amador Trindade*, em 18 de Março de 2011.

MINISTÉRIO DO AMBIENTE E DO ORDENAMENTO DO TERRITÓRIO

Portaria n.º 129/2011

de 1 de Abril

O Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, estabelece as normas e os critérios para a delimitação de perímetros de protecção de captações de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público, com a finalidade de proteger a qualidade das águas dessas captações.

Os perímetros de protecção visam prevenir, reduzir e controlar a poluição das águas subterrâneas (por infiltração de águas pluviais lixiviantes e de águas excedentes de rega e de lavagens), potenciar os processos naturais de diluição e de autodepuração, prevenir, reduzir e controlar as descargas acidentais de poluentes e, por último, proporcionar a criação de sistemas de aviso e alerta para a protecção dos sistemas de abastecimento de água.

Todas as captações de água subterrânea destinadas ao abastecimento público de água para consumo humano, e a delimitação dos respectivos perímetros de protecção, estão sujeitas às regras estabelecidas no mencionado Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, bem como ao disposto no

artigo 37.º da Lei da Água (Lei n.º 58/2005, de 29 de Dezembro) e na Portaria n.º 702/2009, de 6 de Julho.

Na sequência de uma proposta dos Serviços Municipalizados de Água e Saneamento das Caldas da Rainha, a Administração da Região Hidrográfica (ARH) do Tejo, I. P., ao abrigo do n.º 2 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, elaborou uma proposta de delimitação e respectivos condicionamentos dos perímetros de protecção para as captações nos pólos de captação de Ameal, Espinheira, Tornada, Talvai, Nadadouro, Vidais, São Gregório, Ribeira de Crastos, A-dos-Francos, Vimeira, Porto Moinho, Almofala e Mata de Porto Mouro, no concelho das Caldas da Rainha.

Compete, agora, ao Governo aprovar as referidas zonas de protecção.

Assim:

Ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, na redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 226-A/2007, de 31 de Maio, manda o Governo, pela Ministra do Ambiente e do Ordenamento do Território, o seguinte:

Artigo 1.º

Delimitação de perímetros de protecção

1 — É aprovada a delimitação dos perímetros de protecção das captações designadas por:

- a) JK25A e PS7 do pólo de captação de Ameal;
- b) RA23, RA25, JK26, JK27, PS9B, RA5, RA8 e RA9 do pólo de captação de Espinheira;
- c) PS6 e RA22 do pólo de captação de Tornada;
- d) RA11, RA14, RA16, JK28, RA20 e RA21 do pólo de captação de Talvai;
- e) JK20, RA3 e RA6 do pólo de captação de Nadadouro;
- f) JK31 e PS12 do pólo de captação de Vidais;
- g) JK30 do pólo de captação de São Gregório;
- h) RA10 do pólo de captação de Ribeira de Crastos;
- i) JK29, PS11, RA7 e RA24 do pólo de captação de A-dos-Francos;
- j) JK13, RA27 e PS3 do pólo de captação de Vimeira;
- l) JK14 do pólo de captação de Porto Moinho;
- m) JK15, PS2 e RA2 do pólo de captação de Almofala;
- n) RA13, JK18 e RA26 do pólo de captação de Mata de Porto Mouro;

localizadas no concelho das Caldas da Rainha, nos termos dos artigos seguintes.

2 — As coordenadas das captações referidas no número anterior constam do anexo I da presente portaria, que dela faz parte integrante.

Artigo 2.º

Zona de protecção imediata

1 — A zona de protecção imediata respeitante aos perímetros de protecção mencionados no artigo anterior corresponde à área da superfície do terreno envolvente à captação delimitada através de polígonos que resultam da união dos vértices indicados nos quadros constantes do anexo II da presente portaria, que dela faz parte integrante.

2 — É interdita qualquer instalação ou actividade na zona de protecção imediata a que se refere o número anterior, com excepção das que têm por objectivo a con-

servação, manutenção e melhor exploração da captação, devendo o terreno nesta zona ser vedado e mantido limpo de quaisquer resíduos, produtos ou líquidos que possam provocar infiltração de substâncias indesejáveis para a qualidade da água da captação, nos termos do n.º 1 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro.

Artigo 3.º

Zona de protecção intermédia

1 — A zona de protecção intermédia respeitante aos perímetros de protecção mencionados no artigo 1.º corresponde à área da superfície do terreno delimitada através de polígonos que resultam da união dos vértices indicados nos quadros constantes do anexo III da presente portaria, que dela faz parte integrante.

2 — Na zona de protecção intermédia a que se refere o número anterior são interditas, nos termos dos n.ºs 2 e 3 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, as seguintes actividades e instalações:

- a) Infra-estruturas aeronáuticas;
- b) Oficinas e estações de serviço de automóveis;
- c) Depósitos de materiais radioactivos, de hidrocarbonetos e de resíduos perigosos;
- d) Postos de abastecimento e áreas de serviço de combustíveis;
- e) Transporte de hidrocarbonetos, de materiais radioactivos ou de outras substâncias perigosas;
- f) Canalizações de produtos tóxicos;
- g) Lixeiras e aterros sanitários, incluindo quaisquer tipo de aterros para resíduos perigosos, não perigosos ou inertes;
- h) A instalação de fossas de esgoto em zonas onde estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais, bem como a rejeição e aplicação de efluentes no solo;
- i) Lagos e quaisquer obras ou escavações destinadas à recolha e armazenamento de água ou quaisquer substâncias susceptíveis de se infiltrarem, no caso de não serem impermeabilizadas, incluindo a realização de sondagens de pesquisa e captação de água subterrânea que não se destinem ao abastecimento público, desde que exista a possibilidade de ligação à rede pública de abastecimento de água, devendo ser cimentadas todas as captações de água subterrânea existentes que sejam desactivadas;
- j) Unidades industriais susceptíveis de produzir substâncias poluentes que, de forma directa ou indirecta, possam vir a alterar a qualidade da água subterrânea;
- k) Cemitérios;
- l) Pedreiras e explorações mineiras, bem como quaisquer indústrias extractivas;
- m) Depósitos de sucata.

3 — Na zona de protecção intermédia a que se refere o n.º 1, são condicionadas, nos termos do n.º 2 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, ficando sujeitas a parecer prévio vinculativo da ARH do Tejo, I. P., as seguintes actividades e instalações:

- a) A pastorícia, a qual pode ser desenvolvida desde que não cause problemas de poluição da água subterrânea, nomeadamente através do pastoreio intensivo;
- b) Os usos agrícolas e pecuários, os quais apenas são permitidos desde que não causem problemas de poluição da água subterrânea, nomeadamente através da aplicação

inadequada de fertilizantes e pesticidas móveis e persistentes na água ou que possam formar substâncias tóxicas, persistentes ou bioacumuláveis, ou através da rejeição de efluentes no solo;

c) A construção de edificações, as quais podem ser permitidas desde que seja assegurada a ligação à rede de saneamento municipal ou, na sua impossibilidade, a instalação de fossa do tipo estanque;

d) As estradas e caminhos de ferro, os quais podem ser permitidos desde que sejam tomadas as medidas necessárias para evitar a contaminação dos solos e da água subterrânea;

e) Os espaços destinados a práticas desportivas e a instalação de parques de campismo, os quais podem ser permitidos desde que as instalações e ou actividades não promovam a contaminação da água subterrânea e seja assegurada a ligação das infra-estruturas de saneamento à rede municipal;

f) A instalação de colectores de águas residuais e estações de tratamento de águas residuais, os quais podem ser permitidos desde que respeitem critérios rigorosos de estanquicidade, devendo as estações de tratamento de águas residuais estar ainda sujeitas a verificações periódicas do seu estado de conservação;

g) As fossas de esgoto, as quais podem ser permitidas desde que respeitem rigorosos critérios de estanquicidade, devendo as fossas existentes ser substituídas e ou reconvertidas em sistemas estanques e, logo que estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais nestas zonas, devem ser desactivadas todas as fossas com a efectivação da ligação predial ao sistema de saneamento.

Artigo 4.º

Zona de protecção alargada

1 — A zona de protecção alargada respeitante aos perímetros de protecção mencionados no artigo 1.º corresponde à área da superfície do terreno delimitada através de polígonos que resultam da união dos vértices indicados nos quadros constantes do anexo IV da presente portaria, que dela faz parte integrante.

2 — Na zona de protecção alargada referida no número anterior são interditas, nos termos dos n.ºs 4 e 5 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, as seguintes actividades e instalações:

a) Transporte de hidrocarbonetos, de materiais radioactivos ou de outras substâncias perigosas;

b) Depósitos de materiais radioactivos, de hidrocarbonetos e de resíduos perigosos;

c) Canalizações de produtos tóxicos;

d) Refinarias e indústrias químicas;

e) Lixeiras e aterros sanitários, incluindo quaisquer tipo de aterros para resíduos perigosos, não perigosos ou inertes;

f) A instalação de fossas de esgoto em zonas onde estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais, bem como a rejeição e aplicação de efluentes no solo;

g) Cemitérios;

h) Depósitos de sucata;

i) Pedreiras e explorações mineiras, bem como quaisquer indústrias extractivas.

3 — Na zona de protecção alargada referida no n.º 1 são condicionadas, nos termos do n.º 4 do artigo 6.º do

Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, ficando sujeitas a parecer prévio vinculativo da ARH do Tejo, I. P., as seguintes actividades e instalações:

a) Utilização de pesticidas móveis e persistentes na água ou que possam formar substâncias tóxicas, persistentes ou bioacumuláveis;

b) A instalação de colectores de águas residuais e estações de tratamento de águas residuais, os quais podem ser permitidos desde que respeitem critérios rigorosos de estanquicidade, devendo as estações de tratamento de águas residuais estar ainda sujeitas a verificações periódicas do seu estado de conservação;

c) As fossas de esgoto, as quais podem ser permitidas desde que respeitem rigorosos critérios de estanquicidade, devendo as fossas existentes ser substituídas e ou reconvertidas em sistemas estanques e, logo que estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais nestas zonas, devem ser desactivadas todas as fossas com a efectivação da ligação predial ao sistema de saneamento;

d) Lagos e quaisquer obras ou escavações destinadas à recolha e armazenamento de água ou quaisquer substâncias susceptíveis de se infiltrarem, no caso de não serem impermeabilizadas, incluindo a realização de sondagens de pesquisa e captação de água subterrânea, devendo ser cimentadas todas as captações de água subterrânea existentes que sejam desactivadas;

e) As oficinas, estações de serviço de automóveis, postos de abastecimento e áreas de serviço de combustíveis e infra-estruturas aeronáuticas são permitidas desde que seja garantida a impermeabilização do solo sob as zonas afectas à manutenção, reparação e circulação de automóveis e aeronaves, bem como as zonas de armazenamento de óleos e lubrificantes, devendo, em qualquer caso, ser garantida a recolha e ou tratamento de efluentes.

Artigo 5.º

Representação das zonas de protecção

As zonas de protecção intermédia e alargada, respeitantes aos perímetros de protecção mencionados no artigo 1.º, encontram-se representadas no anexo V da presente portaria, que dela faz parte integrante.

Artigo 6.º

Entrada em vigor

A presente portaria entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

A Ministra do Ambiente e do Ordenamento do Território, *Dulce dos Prazeres Fidalgo Álvaro Pássaro*, em 11 de Março de 2011.

ANEXO I

Coordenadas das captações

Pólo de captação	Captação	M (metros)	P (metros)
Ameal	JK25A	- 87 414,1	- 29 181,2
	PS7	- 87 537,6	- 29 074,6
Espinheira	RA23	- 88 907,4	- 24 099,1
	RA25	- 89 233,2	- 24 551,7
	JK26	- 88 804,2	- 24 592,3
	JK27	- 88 463,6	- 23 127,0
	PS9B	- 88 879,9	- 24 289,8

Pólo de captação	Captação	M (metros)	P (metros)
Tornada	RA5	- 88 621,7	- 23 370,4
	RA8	- 89 173,4	- 24 038,5
	RA9	- 88 876,5	- 23 181,5
	PS6	- 88 682,0	- 23 666,1
	RA22	- 88 515,5	- 24 230,2
Talvai	RA11	- 87 225,9	- 20 269,5
	RA14	- 87 284,8	- 21 004,2
	RA16	- 87 150,6	- 20 785,7
	JK28	- 87 912,1	- 21 432,7
	RA20	- 87 935,6	- 20 319,6
Nadadouro	RA21	- 87 161,4	- 20 192,0
	JK20	- 91 287,4	- 26 049,0
	RA3	- 91 351,3	- 25 854,6
	RA6	- 91 213,4	- 25 839,7
	JK31	- 79 198,5	- 34 459,9
Vidais	PS12	- 78 716,1	- 32 995,0
	JK30	- 78 943,4	- 33 022,1
São Gregório	RA10	- 77 804,5	- 33 531,8
Ribeira de Crastos	JK29	- 77 589,4	- 38 895,9
A-dos-Francos	PS11	- 77 355,7	- 38 624,9
	RA7	- 77 700,3	- 38 760,3
	RA24	- 77 319,8	- 39 097,5
	JK13	- 80 447,2	- 26 217,0
	RA27	- 79 075,5	- 28 632,2
Vimeira	PS3	- 80 079,8	- 26 333,1
	JK14	- 75 247,1	- 38 175,9
Porto Moinho	JK15	- 76 234,9	- 30 562,0
Almofala	PS2	- 76 461,8	- 30 102,7
	RA2	- 76 240,7	- 30 025,1
Mata de Porto Mouro	RA13	- 79 382,7	- 28 861,1
	JK18	- 77 213,7	- 26 741,7
	RA26	- 79 594,0	- 28 919,2

ANEXO II

Zona de protecção imediata

Pólo de captação de Ameal

Captação JK25A

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 415,8	- 29 177,6
2	- 87 409,4	- 29 182,7
3	- 87 416,0	- 29 188,8
4	- 87 421,5	- 29 182,5

Captação PS7

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 552,8	- 29 057,5
2	- 87 515,7	- 29 081,1
3	- 87 536,2	- 29 092,5
4	- 87 559,5	- 29 084,6

Pólo de captação de Espinheira

Captação RA23

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 947,7	- 24 059,5
2	- 88 867,7	- 24 059,5
3	- 88 867,7	- 24 139,5
4	- 88 947,7	- 24 139,5

Captação RA25

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 89 221,7	- 24 546,5
2	- 89 221,1	- 24 558,7
3	- 89 244,1	- 24 559,4
4	- 89 244,6	- 24 547,3

Captação JK26

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 787,8	- 24 567,4
2	- 88 780,4	- 24 598,0
3	- 88 798,2	- 24 623,8
4	- 88 813,6	- 24 621,3
5	- 88 812,2	- 24 607,2
6	- 88 825,6	- 24 588,9

Captação JK27

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 474,0	- 23 124,9
2	- 88 458,6	- 23 125,1
3	- 88 459,1	- 23 133,8
4	- 88 473,8	- 23 133,8

Captação PS9B

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 880,1	- 24 283,5
2	- 88 875,5	- 24 286,5
3	- 88 880,1	- 24 295,3
4	- 88 885,1	- 24 291,4

Captação RA5

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 610,1	- 23 365,7
2	- 88 619,3	- 23 387,8
3	- 88 633,4	- 23 377,8
4	- 88 620,2	- 23 361,1

Captação RA8

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 89 168,7	- 24 025,5
2	- 89 157,4	- 24 047,8
3	- 89 166,1	- 24 065,2
4	- 89 192,6	- 24 068,6
5	- 89 206,4	- 24 043,6
6	- 89 196,6	- 24 026,2

Captação RA9

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 869,9	- 23 172,8
2	- 88 872,0	- 23 184,7
3	- 88 881,6	- 23 182,5
4	- 88 879,6	- 23 171,0

Pólo de captação de Tornada**Captação PS6**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 682,5	- 23 660,9
2	- 88 675,6	- 23 662,5
3	- 88 686,5	- 23 690,7
4	- 88 692,7	- 23 687,8

Captação RA22

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 509,3	- 24 209,3
2	- 88 501,3	- 24 238,7
3	- 88 530,2	- 24 250,1
4	- 88 544,5	- 24 217,1

Pólo de captação de Talvai**Captação RA11**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 201,7	- 20 234,9
2	- 87 203,2	- 20 284,6
3	- 87 252,9	- 20 282,0
4	- 87 251,1	- 20 232,2

Captação RA14

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 287,1	- 20 998,6
2	- 87 278,0	- 21 009,9
3	- 87 282,7	- 21 013,8
4	- 87 292,0	- 21 002,5

Captação RA16

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 153,4	- 20 781,5
2	- 87 144,9	- 20 785,5
3	- 87 146,6	- 20 789,7
4	- 87 153,8	- 20 791,5
5	- 87 157,2	- 20 790,1

Captação JK28

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 951,6	- 21 392,5
2	- 87 871,6	- 21 392,5
3	- 87 871,6	- 21 472,5
4	- 87 951,6	- 21 472,5

Captação RA20

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 933,4	- 20 315,9
2	- 87 931,5	- 20 327,4
3	- 87 939,7	- 20 327,9
4	- 87 941,3	- 20 317,0

Captação RA21

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 120,4	- 20 180,9
2	- 87 122,3	- 20 230,7
3	- 87 171,4	- 20 229,0
4	- 87 170,1	- 20 179,3

Pólo de captação de Nadadouro**Captação JK20**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 91 295,1	- 26 042,8
2	- 91 283,1	- 26 044,4
3	- 91 284,5	- 26 053,4
4	- 91 296,2	- 26 051,7

Captação RA3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 91 361,4	- 25 805,4
2	- 91 322,2	- 25 815,9
3	- 91 344,5	- 25 879,0
4	- 91 379,6	- 25 859,6

Captação RA6

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 91 219,4	- 25 831,7
2	- 91 196,8	- 25 838,5
3	- 91 197,8	- 25 842,9
4	- 91 220,9	- 25 839,7

Pólo de captação de Vidais**Captação JK31**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 204,0	- 34 460,8
2	- 79 197,0	- 34 459,5
3	- 79 193,7	- 34 476,4
4	- 79 201,0	- 34 475,9

Captação PS12

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 78 716,1	- 32 993,1
2	- 78 709,4	- 32 993,5
3	- 78 710,6	- 33 013,1
4	- 78 717,2	- 33 012,6

Pólo de captação de São Gregório**Captação JK30**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 78 945,4	- 33 014,1
2	- 78 938,4	- 33 016,1

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	- 78 948,4	- 33 036,1
4	- 78 955,4	- 33 032,1

Pólo de captação de Ribeira de Crastos**Captação RA10**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 785,5	- 33 486,6
2	- 77 773,1	- 33 506,3
3	- 77 810,4	- 33 546,3
4	- 77 821,8	- 33 523,0

Pólo de captação de A-dos-Francos**Captação JK29**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 590,1	- 38 892,0
2	- 77 578,8	- 38 900,1
3	- 77 585,0	- 38 909,1
4	- 77 596,8	- 38 901,3

Captação PS11

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 354,0	- 38 622,6
2	- 77 350,8	- 38 625,0
3	- 77 358,2	- 38 632,8
4	- 77 361,9	- 38 630,6

Captação RA7

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 699,8	- 38 756,7
2	- 77 692,4	- 38 761,4
3	- 77 695,1	- 38 765,5
4	- 77 702,3	- 38 760,9

Captação RA24

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 319,1	- 39 087,3
2	- 77 309,8	- 39 091,2
3	- 77 320,9	- 39 108,0
4	- 77 330,2	- 39 103,8

Pólo de captação de Vimeira**Captação JK13**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 80 443,5	- 26 198,6
2	- 80 434,2	- 26 202,1
3	- 80 445,3	- 26 227,0
4	- 80 454,4	- 26 222,8

Captação RA27

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 078,9	- 28 615,7
2	- 79 071,7	- 28 622,6
3	- 79 075,1	- 28 634,4
4	- 79 084,4	- 28 630,4

Captação PS3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 80 084,7	- 26 332,1
2	- 80 077,7	- 26 330,4
3	- 80 078,0	- 26 335,0
4	- 80 082,6	- 26 337,0
5	- 80 084,6	- 26 333,1

Pólo de captação de Porto Moinho**Captação JK14**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 75 243,8	- 38 165,9
2	- 75 226,3	- 38 177,4
3	- 75 234,5	- 38 189,3
4	- 75 251,0	- 38 177,0

Pólo de captação de Almofala**Captação JK15**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 227,6	- 30 549,5
2	- 76 224,4	- 30 550,4
3	- 76 230,1	- 30 565,7
4	- 76 236,4	- 30 568,2
5	- 76 238,7	- 30 561,5

Captação PS2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 461,6	- 30 097,9
2	- 76 449,7	- 30 107,9
3	- 76 451,5	- 30 113,5
4	- 76 457,3	- 30 112,4
5	- 76 467,1	- 30 106,3

Captação RA2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 240,0	- 30 018,6
2	- 76 233,7	- 30 030,4
3	- 76 244,3	- 30 032,4
4	- 76 246,6	- 30 027,4

Pólo de captação de Mata de Porto Mouro**Captação RA13**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 388,8	- 28 854,7
2	- 79 381,6	- 28 854,0
3	- 79 380,6	- 28 863,3
4	- 79 387,6	- 28 864,1

Captação JK18

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 219,3	- 26 738,6
2	- 77 205,1	- 26 738,9
3	- 77 205,4	- 26 748,8
4	- 77 219,6	- 26 748,6

Captação RA26

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 604,4	- 28 917,4
2	- 79 591,3	- 28 915,4
3	- 79 591,4	- 28 927,6
4	- 79 607,3	- 28 928,1

ANEXO III

Zona de protecção intermédia**Pólo de captação de Ameal****Captação JK25A**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 462,7	- 29 127,5
2	- 87 363,7	- 29 127,5
3	- 87 363,7	- 29 226,5
4	- 87 462,7	- 29 226,5

Captação PS7

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 596,7	- 29 014,5
2	- 87 478,7	- 29 014,5
3	- 87 478,7	- 29 131,5
4	- 87 596,7	- 29 131,5

Pólo de captação de Espinheira**Captação RA23**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 967,7	- 24 039,5
2	- 88 847,7	- 24 039,5
3	- 88 847,7	- 24 159,5
4	- 88 967,7	- 24 159,5

Captação RA25

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 89 279,7	- 24 507,5
2	- 89 189,7	- 24 507,5
3	- 89 189,7	- 24 597,5
4	- 89 279,7	- 24 597,5

Captação JK26

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 851,7	- 24 547,5
2	- 88 759,7	- 24 547,5
3	- 88 759,7	- 24 639,5
4	- 88 851,7	- 24 639,5

Captação JK27

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 513,7	- 23 080,5
2	- 88 417,7	- 23 080,5
3	- 88 417,7	- 23 176,5
4	- 88 513,7	- 23 176,5

Captação PS9B

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 927,7	- 24 243,5
2	- 88 833,7	- 24 243,5
3	- 88 833,7	- 24 337,5
4	- 88 927,7	- 24 337,5

Captação RA5

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 677,7	- 23 317,5
2	- 88 570,7	- 23 317,5
3	- 88 570,7	- 23 425,5
4	- 88 674,7	- 23 425,5

Captação RA8

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 89 234,7	- 23 978,5
2	- 89 113,7	- 23 978,5
3	- 89 113,7	- 24 099,5
4	- 89 234,7	- 24 099,5

Captação RA9

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 933,7	- 23 125,5
2	- 88 820,7	- 23 125,5
3	- 88 820,7	- 23 238,5
4	- 88 933,7	- 23 238,5

Pólo de captação de Tornada**Captação PS6**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 739,7	- 23 610,5
2	- 88 625,7	- 23 610,5
3	- 88 625,7	- 23 724,5
4	- 88 739,7	- 23 724,5

Captação RA22

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 88 565,7	- 24 178,5
2	- 88 463,7	- 24 178,5
3	- 88 463,7	- 24 280,5
4	- 88 565,7	- 24 280,5

Pólo de captação de Talvai**Captações RA11 e RA21**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 214,6	- 20 134,5
2	- 87 147,6	- 20 114,5
3	- 87 091,6	- 20 161,5
4	- 87 093,6	- 20 229,5
5	- 87 230,6	- 20 331,5
6	- 87 282,6	- 20 280,5

Captação RA14

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 333,6	- 20 954,5
2	- 87 234,6	- 20 954,5
3	- 87 234,6	- 21 053,5
4	- 87 333,6	- 21 053,5

Captação RA16

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 217,5	- 20 721,4
2	- 87 086,5	- 20 721,4
3	- 87 086,5	- 20 852,4
4	- 87 217,5	- 20 852,4

Captação JK28

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 971,6	- 21 372,5
2	- 87 851,6	- 21 372,5
3	- 87 851,6	- 21 492,5
4	- 87 971,6	- 21 492,5

Captação RA20

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 968,6	- 20 286,5
2	- 87 902,6	- 20 286,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	- 87 902,6	- 20 352,5
4	- 87 968,6	- 20 352,5

Pólo de captação de Nadadouro**Captação JK20**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 91 334,7	- 25 990,5
2	- 91 240,7	- 25 990,5
3	- 91 240,7	- 26 087,5
4	- 91 334,7	- 26 087,5

Captação RA3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 91 372,7	- 25 788,5
2	- 91 277,7	- 25 798,5
3	- 91 277,7	- 25 857,5
4	- 91 330,7	- 25 904,5
5	- 91 407,7	- 25 904,5
6	- 91 407,7	- 25 825,5

Captação RA6

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 91 252,3	- 25 794,4
2	- 91 172,3	- 25 794,4
3	- 91 172,3	- 25 874,4
4	- 91 252,3	- 25 874,4

Pólo de captação de Vidais**Captação JK31**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 238,7	- 34 419,5
2	- 79 158,7	- 34 419,5
3	- 79 158,7	- 34 499,5
4	- 79 238,7	- 34 499,5

Captação PS12

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 78 735,7	- 32 975,5
2	- 78 695,7	- 32 975,5
3	- 78 695,7	- 33 015,5
4	- 78 735,7	- 33 015,5

Pólo de captação de São Gregório**Captação JK30**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 78 964,7	- 33 000,5
2	- 78 924,7	- 33 000,5
3	- 78 924,7	- 33 040,5
4	- 78 964,7	- 33 040,5

Pólo de captação de Ribeira de Crastos**Captação RA10**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 873,5	- 33 463,1
2	- 77 733,5	- 33 463,1
3	- 77 733,5	- 33 603,1
4	- 77 873,5	- 33 603,1

Pólo de captação de A-dos-Francos**Captação JK29**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 638,8	- 38 846,4
2	- 77 538,8	- 38 846,4
3	- 77 538,8	- 38 946,4
4	- 77 638,8	- 38 946,4

Captação PS11

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 385,8	- 38 594,4
2	- 77 325,8	- 38 594,4
3	- 77 325,8	- 38 654,4
4	- 77 385,8	- 38 654,4

Captação RA7

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 719,8	- 38 740,4
2	- 77 679,8	- 38 740,4
3	- 77 679,8	- 38 780,4
4	- 77 719,8	- 38 780,4

Captação RA24

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 339,8	- 39 078,4
2	- 77 303,8	- 39 078,4
3	- 77 303,8	- 39 114,4
4	- 77 339,8	- 39 114,4

Pólo de captação de Vimeira**Captação JK13**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 80 476,6	- 26 186,5
2	- 80 417,6	- 26 186,5
3	- 80 417,7	- 26 246,5
4	- 80 476,7	- 26 246,5

Captação PS3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 80 109,7	- 26 303,5
2	- 80 049,6	- 26 303,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	- 80 049,7	- 26 363,5
4	- 80 109,7	- 26 363,5

Captação RA27

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 108,5	- 28 601,2
2	- 79 048,5	- 28 601,2
3	- 79 048,5	- 28 661,2
4	- 79 108,5	- 28 661,2

Pólo de captação de Porto Moinho**Captação JK14**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 75 266,8	- 38 155,4
2	- 75 225,8	- 38 155,4
3	- 75 225,8	- 38 195,4
4	- 75 266,8	- 38 195,4

Pólo de captação de Almofala**Captação JK15**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 254,7	- 30 541,5
2	- 76 214,7	- 30 541,5
3	- 76 214,7	- 30 581,5
4	- 76 254,7	- 30 581,5

Captação PS2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 491,7	- 30 072,5
2	- 76 431,7	- 30 073,5
3	- 76 431,7	- 30 132,5
4	- 76 491,7	- 30 132,5

Captação RA2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 272,7	- 29 995,5
2	- 76 212,7	- 29 995,5
3	- 76 212,7	- 30 055,5
4	- 76 272,7	- 30 055,5

Pólo de captação de Mata de Porto Mouro**Captação JK18**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 233,6	- 26 721,5
2	- 77 193,6	- 26 721,5
3	- 77 193,6	- 26 761,5
4	- 77 233,6	- 26 761,5

Captação RA13

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 412,7	- 28 831,5
2	- 79 352,7	- 28 831,5
3	- 79 352,7	- 28 891,5
4	- 79 412,7	- 28 891,5

Captação RA26

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 623,7	- 28 889,5
2	- 79 563,7	- 28 889,5
3	- 79 563,7	- 28 949,5
4	- 79 623,7	- 28 949,5

ANEXO IV**Zona de protecção alargada****Pólo de captação de Ameal****Captações JK25A e PS7**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 376,7	- 28 368,5
2	- 87 052,7	- 28 588,5
3	- 87 052,7	- 29 188,5
4	- 87 460,7	- 29 547,5
5	- 88 021,7	- 29 278,5
6	- 88 021,7	- 28 615,5

Pólos de captação de Espinheira e Tornada**Captações RA23, RA25, JK26, JK27, PS9B, RA5, RA8, RA9, PS6 e RA22**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 89 232,7	- 22 701,5
2	- 88 182,6	- 22 901,5
3	- 88 155,7	- 24 451,5
4	- 88 792,7	- 25 116,5
5	- 89 642,7	- 24 940,5
6	- 89 765,7	- 24 041,5

Pólo de captação de Talvai**Captações RA11, RA21, RA14, RA16, JK28 e RA20**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 87 416,6	- 19 727,5
2	- 86 760,6	- 19 731,5
3	- 86 539,6	- 21 648,5
4	- 88 254,6	- 21 800,5
5	- 88 253,6	- 21 200,5
6	- 87 749,6	- 21 200,5
7	- 87 749,6	- 20 724,5
8	- 88 239,6	- 20 516,5
9	- 88 240,6	- 20 178,5

Pólo de captação de Nadadouro**Captações JK20, RA3 e RA6**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 91 374,7	- 24 699,5
2	- 91 145,7	- 24 699,5
3	- 90 976,7	- 25 248,5
4	- 90 976,7	- 25 595,5
5	- 91 204,7	- 26 119,5
6	- 91 330,7	- 26 119,5
7	- 91 726,7	- 25 779,5
8	- 91 726,7	- 25 141,5

Pólos de captação de Vidais e São Gregório**Captação JK31**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 527,7	- 34 130,5
2	- 78 868,7	- 34 130,5
3	- 78 868,7	- 34 789,5
4	- 79 527,7	- 34 789,5

Captações PS12 e JK30

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 78 625,7	- 32 905,5
2	- 78 625,7	- 33 085,5
3	- 78 794,7	- 33 085,5
4	- 78 794,7	- 33 170,5
5	- 79 094,7	- 33 170,5
6	- 79 094,7	- 32 870,5
7	- 78 794,7	- 32 870,5
8	- 78 794,7	- 32 905,5

Pólo de captação de Ribeira de Crastos**Captação RA10**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 943,5	- 33 393,1
2	- 77 663,5	- 33 393,1
3	- 77 663,5	- 33 673,1
4	- 77 943,4	- 33 673,1

Pólo de captação de A-dos-Francos**Captações JK29, PS11, RA 7 e RA24**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 913,8	- 38 594,4
2	- 77 327,8	- 38 362,4
3	- 77 105,8	- 38 521,4
4	- 77 215,8	- 39 180,4
5	- 77 751,8	- 39 393,4
6	- 78 025,8	- 38 950,4

Pólos de captação de Vimeira e Mata de Porto Mouro

Captações JK13 e PS3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 80 472,6	- 25 959,5
2	- 79 867,6	- 26 188,5
3	- 79 867,7	- 26 434,5
4	- 80 034,7	- 26 564,5
5	- 80 678,7	- 26 395,5
6	- 80 678,6	- 26 093,5

Captações RA13, RA26 e RA27

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 79 799,7	- 28 749,5
2	- 79 115,7	- 28 382,5
3	- 78 932,7	- 28 433,5
4	- 78 796,7	- 28 612,5
5	- 78 940,7	- 28 857,5
6	- 79 565,7	- 29 183,5
7	- 79 758,7	- 29 128,5
8	- 79 860,7	- 28 950,5

Captação JK18

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 77 353,6	- 26 601,5
2	- 77 073,6	- 26 601,5
3	- 77 073,6	- 26 881,5
4	- 77 353,6	- 26 881,5

Pólo de captação de Porto Moinho

Captação JK14

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 75 366,8	- 38 055,4
2	- 75 126,8	- 38 055,4
3	- 75 126,8	- 38 295,4
4	- 75 366,8	- 38 295,4

Pólo de captação de Almofala

Captação JK15

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 404,7	- 30 391,5
2	- 76 064,7	- 30 391,5
3	- 76 064,7	- 30 732,5
4	- 76 404,7	- 30 732,5

Captações PS2 e RA2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 76 642,7	- 29 923,5
2	- 76 138,7	- 29 789,5
3	- 76 025,7	- 30 008,5
4	- 76 081,7	- 30 172,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
5	- 76 504,7	- 30 362,5
6	- 76 707,7	- 30 172,5

Nota. — As coordenadas das captações e dos vértices que delimitam as zonas de protecção encontram-se no sistema de coordenadas EPSG 3763 (PT-TM06/ETRS89, origem no ponto central).

ANEXO V

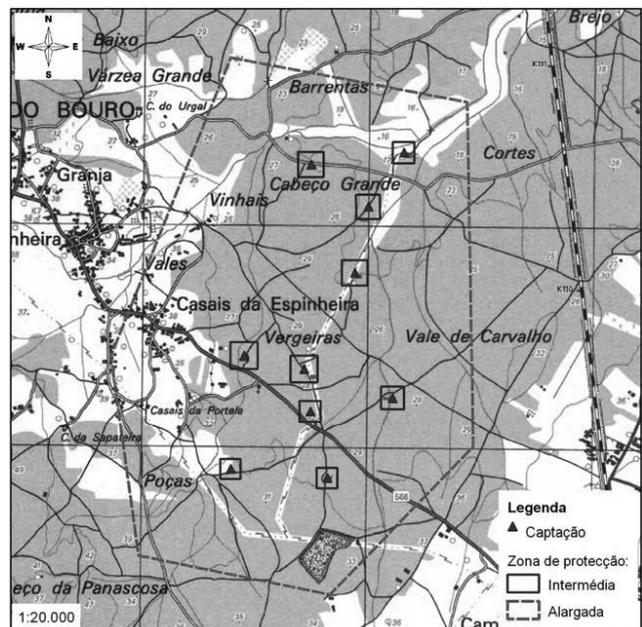
Planta de localização das zonas de protecção

**Extracto da Carta Militar de Portugal
Série M888 — 1:25 000 (IGeoE)**

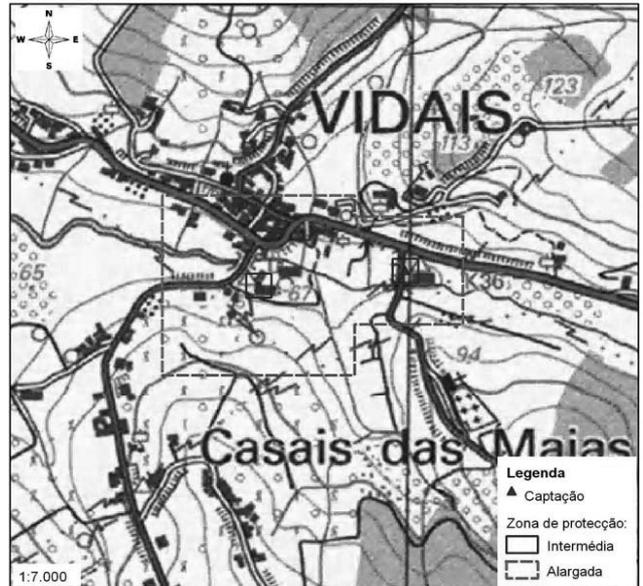
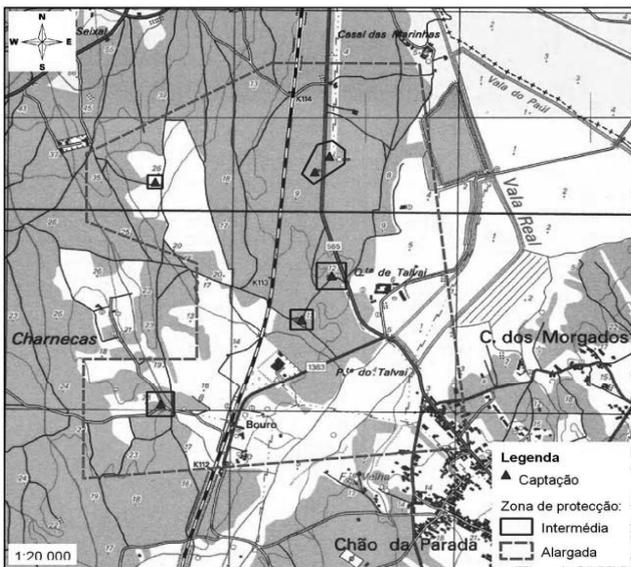
Pólo de captação de Ameal



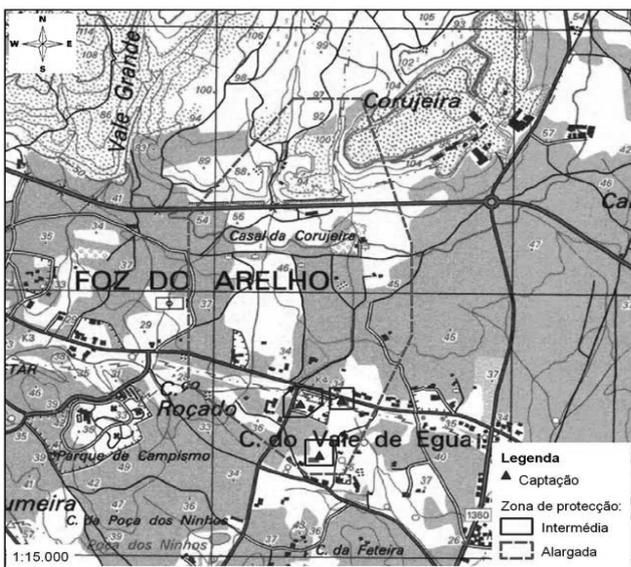
Pólos de captação de Espinheira e Tornada



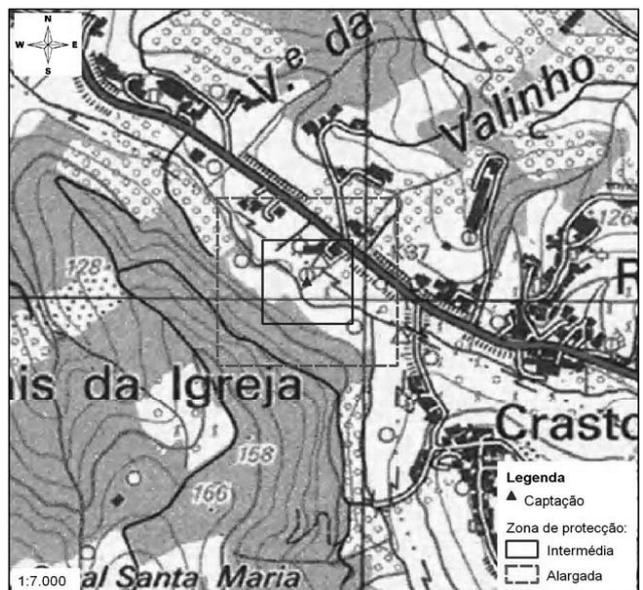
Pólo de captação de Talvai



Pólo de captação de Nadadouro



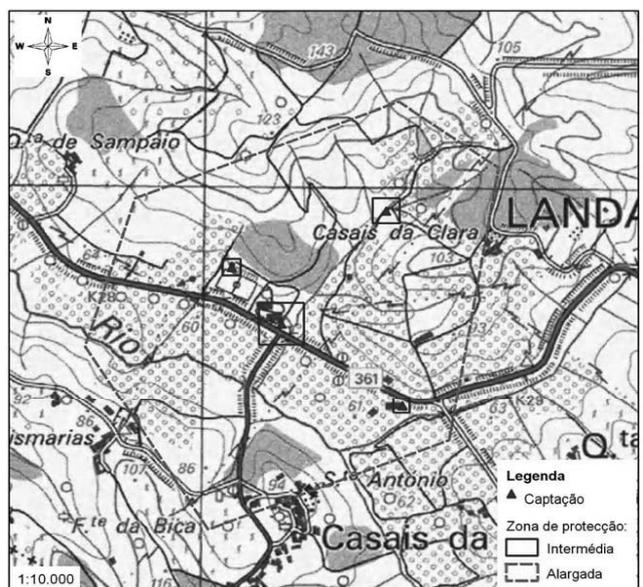
Pólo de captação de Ribeira de Crastos



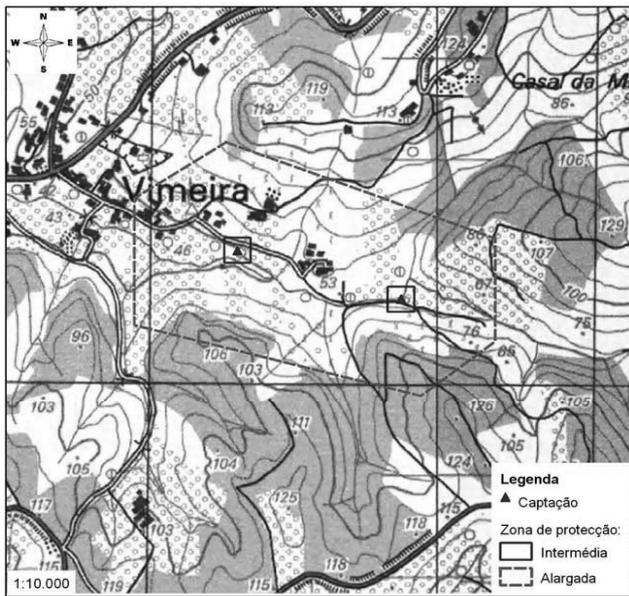
Pólos de captação de Vidais e São Gregório



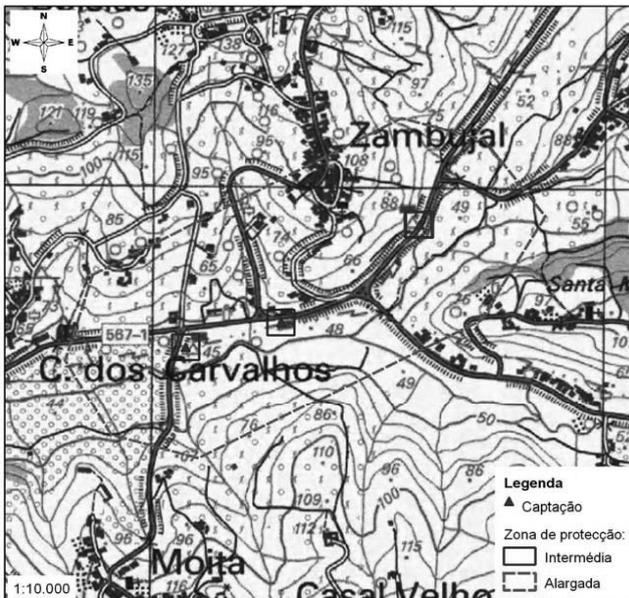
Pólo de captação de A-dos-Francos



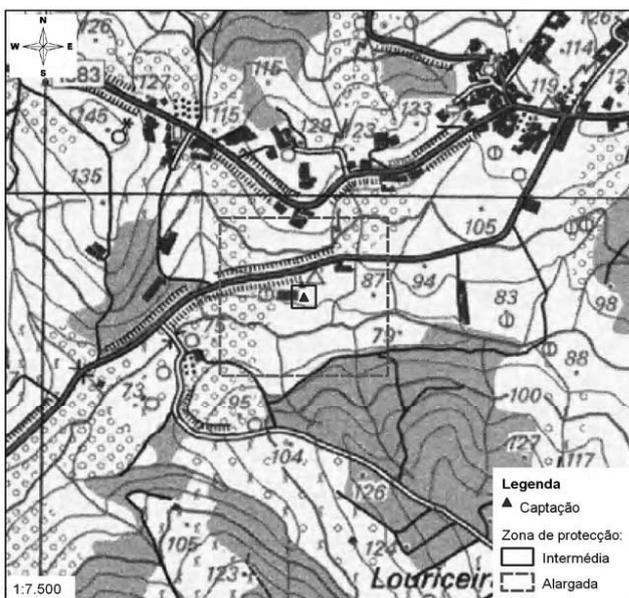
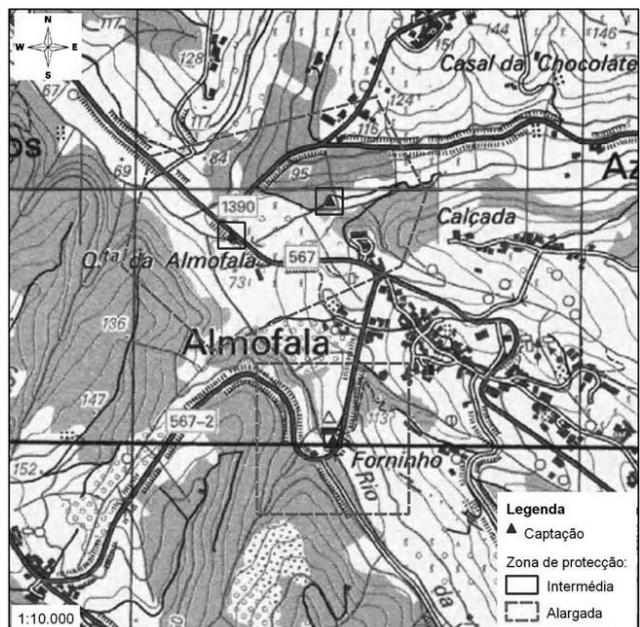
Pólos de captação de Vimeira e Mata de Porto Mouro



Pólo de captação de Porto Moinho



Pólo de captação de Almofala



Portaria n.º 130/2011

de 1 de Abril

O Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, estabelece as normas e os critérios para a delimitação de perímetros de protecção de captações de águas subterrâneas destinadas ao abastecimento público, com a finalidade de proteger a qualidade das águas dessas captações.

Os perímetros de protecção visam prevenir, reduzir e controlar a poluição das águas subterrâneas (por infiltração de águas pluviais lixiviantes e de águas excedentes de rega e de lavagens), potenciar os processos naturais de diluição e de autodepuração, prevenir, reduzir e controlar as descargas acidentais de poluentes e, por último, proporcionar a criação de sistemas de aviso e alerta para a protecção dos sistemas de abastecimento de água.

Todas as captações de água subterrânea destinadas ao abastecimento público de água para consumo humano, e a delimitação dos respectivos perímetros de protecção, estão sujeitas às regras estabelecidas no mencionado Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, bem como ao disposto no artigo 37.º da Lei da Água (Lei n.º 58/2005, de 29 de Dezembro) e na Portaria n.º 702/2009, de 6 de Julho.

Na sequência de uma proposta da Águas de Santarém — E. M., S. A., a Administração da Região Hidrográfica (ARH) do Tejo, I. P., ao abrigo do n.º 2 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, elaborou uma proposta de delimitação e respectivos condicionamentos dos perímetros de protecção para as captações nos pólos de captação de Santarém, Póvoa da Isenta, Almofter, Moçaria, Abitureiras, Tremez, Romeira, Gançaria, Abrã, Amiais de Baixo, Arneiro das Milhariças, Pernes, Vaqueiros, Casével, Pombalinho e Alcanhões, no concelho de Santarém.

Compete, agora, ao Governo aprovar as referidas zonas de protecção.

Assim:

Ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 4.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, na redacção dada pelo Decreto-Lei n.º 226-A/2007, de 31 de Maio, manda o Governo, pela Ministra do Ambiente e do Ordenamento do Território, o seguinte:

Artigo 1.º

Delimitação de perímetros de protecção

1 — É aprovada a delimitação dos perímetros de protecção das captações designadas por:

- a) AC1, AC2, AC3, PS20, PS17, PS9, PS1 e PS19 do pólo de captação de Santarém;
- b) PS24, PS18 e PS15 do pólo de captação de Póvoa da Isenta;
- c) JK1, JK5, JK8 e PS1 do pólo de captação de Almofter;
- d) PS6 e PS1 do pólo de captação de Moçaria;
- e) PS10 e PS13 do pólo de captação de Abitureiras;
- f) FR1 e AC2 do pólo de captação de Tremez;
- g) AC1 do pólo de captação de Romeira;
- h) PS23 e PS25 do pólo de captação de Gançaria;
- i) JK10A do pólo de captação de Abrã;
- j) AC2 e AC1 do pólo de captação de Amiais de Baixo;
- l) PS26, AC1 e AC2 do pólo de captação de Arneiro das Milhariças;
- m) PS16, PS4 e AC2 do pólo de captação de Pernes;
- n) PS14 e PS8 do pólo de captação de Vaqueiros;
- o) RA2 e JK7 do pólo de captação de Casével;
- p) RA1 do pólo de captação de Pombalinho;
- q) PS22 e RA3 do pólo de captação de Alcanhões;

localizadas no concelho de Santarém, nos termos dos artigos seguintes.

2 — As coordenadas das captações referidas no número anterior constam do anexo I à presente portaria, que dela faz parte integrante.

Artigo 2.º

Zona de protecção imediata

1 — A zona de protecção imediata respeitante aos perímetros de protecção mencionados no artigo anterior corresponde à área da superfície do terreno envolvente à captação delimitada através de polígonos que resultam da união dos

vértices indicados nos quadros constantes do anexo II à presente portaria, que dela faz parte integrante.

2 — É interdita qualquer instalação ou actividade na zona de protecção imediata a que se refere o número anterior, com excepção das que têm por objectivo a conservação, manutenção e melhor exploração da captação, devendo o terreno nesta zona ser vedado e mantido limpo de quaisquer resíduos, produtos ou líquidos que possam provocar infiltração de substâncias indesejáveis para a qualidade da água da captação, nos termos do n.º 1 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro.

Artigo 3.º

Zona de protecção intermédia

1 — A zona de protecção intermédia respeitante aos perímetros de protecção mencionados no artigo 1.º corresponde à área da superfície do terreno delimitada através de polígonos que resultam da união dos vértices indicados nos quadros constantes do anexo III à presente portaria, que dela faz parte integrante.

2 — Na zona de protecção intermédia a que se refere o número anterior são interditas, nos termos dos n.ºs 2 e 3 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, as seguintes actividades e instalações:

- a) Infra-estruturas aeronáuticas;
- b) Oficinas e estações de serviço de automóveis;
- c) Depósitos de materiais radioactivos, de hidrocarbonetos e de resíduos perigosos;
- d) Postos de abastecimento e áreas de serviço de combustíveis;
- e) Transporte de hidrocarbonetos, de materiais radioactivos ou de outras substâncias perigosas;
- f) Canalizações de produtos tóxicos;
- g) Lixeiras e aterros sanitários, incluindo quaisquer tipo de aterros para resíduos perigosos, não perigosos ou inertes;
- h) A instalação de fossas de esgoto em zonas onde estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais, bem como a rejeição e aplicação de efluentes no solo;
- i) Lagos e quaisquer obras ou escavações destinadas à recolha e armazenamento de água ou quaisquer substâncias susceptíveis de se infiltrarem, no caso de não serem impermeabilizadas, incluindo a realização de sondagens de pesquisa e captação de água subterrânea que não se destinem ao abastecimento público, desde que exista a possibilidade de ligação à rede pública de abastecimento de água, devendo ser cimentadas todas as captações de água subterrânea existentes que sejam desactivadas;
- j) Unidades industriais susceptíveis de produzir substâncias poluentes que, de forma directa ou indirecta, possam vir a alterar a qualidade da água subterrânea;
- l) Cemitérios;
- m) Pedreiras e explorações mineiras, bem como quaisquer indústrias extractivas;
- n) Depósitos de sucata.

3 — Na zona de protecção intermédia a que se refere o n.º 1, são condicionadas, nos termos do n.º 2 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, ficando sujeitas a parecer prévio vinculativo da ARH do Tejo, I. P., as seguintes actividades e instalações:

- a) A pastorícia, a qual pode ser desenvolvida desde que não cause problemas de poluição da água subterrânea, nomeadamente através do pastoreio intensivo;

b) Os usos agrícolas e pecuários, os quais apenas são permitidos desde que não causem problemas de poluição da água subterrânea, nomeadamente através da aplicação inadequada de fertilizantes e pesticidas móveis e persistentes na água ou que possam formar substâncias tóxicas, persistentes ou bioacumuláveis, ou através da rejeição de efluentes no solo, incluindo o armazenamento de estrumes ou produtos potencialmente contaminantes, em locais que não estejam devidamente impermeabilizados e sem sistema de recolha de efluentes;

c) A construção de edificações, as quais podem ser permitidas desde que seja assegurada a ligação à rede de saneamento municipal ou, na sua impossibilidade, a instalação de fossa do tipo estanque;

d) As estradas e caminhos de ferro, os quais podem ser permitidos desde que sejam tomadas as medidas necessárias para evitar a contaminação dos solos e da água subterrânea;

e) Os espaços destinados a práticas desportivas e a instalação de parques de campismo, os quais podem ser permitidos desde que as instalações e ou actividades não promovam a contaminação da água subterrânea e seja assegurada a ligação das infra-estruturas de saneamento à rede municipal;

f) A instalação de colectores de águas residuais e estações de tratamento de águas residuais, os quais podem ser permitidos desde que respeitem critérios rigorosos de estanquicidade, devendo as estações de tratamento de águas residuais estar ainda sujeitas a verificações periódicas do seu estado de conservação;

g) As fossas de esgoto, as quais podem ser permitidas desde que respeitem rigorosos critérios de estanquicidade, devendo as fossas existentes ser substituídas e ou reconvertidas em sistemas estanques e, logo que estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais nestas zonas, devem ser desactivadas todas as fossas com a efectivação da ligação predial ao sistema de saneamento.

Artigo 4.º

Zona de protecção alargada

1 — A zona de protecção alargada respeitante aos perímetros de protecção mencionados no artigo 1.º corresponde à área da superfície do terreno delimitada através de polígonos que resultam da união dos vértices indicados nos quadros constantes do anexo IV à presente portaria, que dela faz parte integrante.

2 — Na zona de protecção alargada referida no número anterior são interditas, nos termos dos n.ºs 4 e 5 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, as seguintes actividades e instalações:

a) Transporte de hidrocarbonetos, de materiais radioactivos ou de outras substâncias perigosas;

b) Depósitos de materiais radioactivos, de hidrocarbonetos e de resíduos perigosos;

c) Canalizações de produtos tóxicos;

d) Refinarias e indústrias químicas;

e) Lixeiras e aterros sanitários, incluindo quaisquer tipo de aterros para resíduos perigosos, não perigosos ou inertes;

f) A instalação de fossas de esgoto em zonas onde estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais, bem como a rejeição e aplicação de efluentes no solo;

g) Instalação de cemitérios;

h) Instalação de oficinas, estações de serviço de automóveis, postos de abastecimento e áreas de serviço de combustíveis;

i) Instalação de infra-estruturas aeronáuticas;

j) Depósitos de sucata.

3 — Na zona de protecção alargada referida no n.º 1 são condicionadas, nos termos do n.º 4 do artigo 6.º do Decreto-Lei n.º 382/99, de 22 de Setembro, ficando sujeitas a parecer prévio vinculativo da ARH do Tejo, I. P., as seguintes actividades e instalações:

a) Utilização de pesticidas móveis e persistentes na água ou que possam formar substâncias tóxicas, persistentes ou bioacumuláveis;

b) A instalação de colectores de águas residuais e estações de tratamento de águas residuais, os quais podem ser permitidos desde que respeitem critérios rigorosos de estanquicidade, devendo as estações de tratamento de águas residuais estar ainda sujeitas a verificações periódicas do seu estado de conservação;

c) As fossas de esgoto, as quais podem ser permitidas desde que respeitem rigorosos critérios de estanquicidade, devendo as fossas existentes ser substituídas e ou reconvertidas em sistemas estanques e, logo que estejam disponíveis sistemas públicos de saneamento de águas residuais nestas zonas, devem ser desactivadas todas as fossas com a efectivação da ligação predial ao sistema de saneamento;

d) Lagos e quaisquer obras ou escavações destinadas à recolha e armazenamento de água ou quaisquer substâncias susceptíveis de se infiltrarem, no caso de não serem impermeabilizadas, incluindo a realização de sondagens de pesquisa e captação de água subterrânea, devendo ser cimentadas todas as captações de água subterrânea existentes que sejam desactivadas;

e) Os cemitérios existentes à data da presente portaria, devendo estar sujeitos a medidas de monitorização da qualidade da água;

f) As pedreiras e explorações mineiras, bem como quaisquer indústrias extractivas, as quais podem ser permitidas desde que não provoquem a deterioração da qualidade da água e ou diminuição das disponibilidades hídricas que comprometam o normal funcionamento dos sistemas de abastecimento;

g) As oficinas, estações de serviço de automóveis, postos de abastecimento e áreas de serviço de combustíveis e infra-estruturas aeronáuticas são permitidos desde que seja garantida a impermeabilização do solo sob as zonas afectas à manutenção, reparação e circulação de automóveis e aeronaves, bem como as zonas de armazenamento de óleos e lubrificantes, devendo, em qualquer caso, ser garantida a recolha e ou tratamento de efluentes.

4 — Na zona de protecção alargada referida no n.º 1 deve ser feita, pela entidade responsável pelas captações, a monitorização da qualidade da água nos cemitérios existentes à data de entrada em vigor da presente portaria, devendo os resultados dessa monitorização ser comunicados à ARH do Tejo, I. P.

Artigo 5.º

Representação das zonas de protecção

As zonas de protecção intermédia e alargada, respeitantes aos perímetros de protecção mencionados no artigo 1.º,

encontram-se representadas no anexo v da presente portaria, que dela faz parte integrante.

Artigo 6.º

Entrada em vigor

A presente portaria entra em vigor no dia seguinte ao da sua publicação.

A Ministra do Ambiente e do Ordenamento do Território, *Dulce dos Prazeres Fidalgo Álvaro Pássaro*, em 11 de Março de 2011.

ANEXO I

Coordenadas das captações

Pólo de captação	Captação	M (metros)	P (metros)
Santarém	AC1	-46 850,4	-47 135,9
	AC2	-47 045,3	-46 902,0
	AC3	-46 050,4	-46 979,0
	PS20	-46 961,1	-45 582,1
	PS17	-47 292,5	-45 295,0
	PS9	-47 877,0	-46 360,1
Póvoa da Isenta	PS1	-47 850,6	-46 793,6
	PS19	-51 171,5	-46 089,9
	PS24	-52 456,1	-51 859,9
	PS18	-53 732,5	-50 628,8
Almoster	PS15	-53 704,6	-50 603,9
	JK1	-57 322,9	-46 837,6
	JK5	-57 333,0	-46 839,9
Moçaria	JK8	-62 861,7	-46 916,2
	PS1	-63 485,4	-47 056,5
	PS6	-54 982,6	-42 242,2
Abitureiras	PS1	-55 141,4	-41 984,0
	PS10	-55 676,0	-38 979,4
Tremez	PS13	-55 690,3	-38 945,2
	FR1	-52 841,2	-34 211,6
Romeira	AC2	-52 789,1	-34 181,3
	AC1	-52 044,2	-38 876,1
Gançaria	PS23	-60 588,9	-29 295,4
	PS25	-63 325,4	-28 883,2
Abrã	JK10A	-55 404,3	-26 623,4
Amiais de Baixo	AC2	-53 554,0	-24 327,2
	AC1	-52 901,2	-24 511,1
Arneiro das Milhariças	PS26	-49 245,6	-29 858,4
	AC1	-49 240,4	-29 849,5
	AC2	-48 889,3	-29 791,1
Pernes	PS16	-45 482,1	-32 332,1
	PS4	-45 507,4	-32 345,8
	AC2	-45 583,8	-32 383,0
Vaqueiros	PS14	-43 317,7	-29 495,8
	PS8	-42 128,9	-30 694,2
Casével	RA2	-41 373,4	-29 128,6
	JK7	-41 786,1	-33 869,0
Pombalinho	RA1	-36 140,0	-36 120,6
Alcanhões	PS22	-44 545,1	-40 170,2
	RA3	-44 974,1	-40 185,0

ANEXO II

Zona de protecção imediata

Pólo de captação de Santarém

Captação AC1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-46 848,7	-47 138,5
2	-46 853,7	-47 138,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	-46 853,7	-47 132,5
4	-46 848,7	-47 132,5

Captação AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-47 042,7	-46 911,5
2	-47 057,7	-46 902,5
3	-47 049,7	-46 890,5
4	-47 034,7	-46 901,5

Captação AC3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-46 092,7	-46 939,5
2	-46 063,7	-46 915,5
3	-46 010,7	-47 020,5
4	-46 041,7	-47 035,5

Captação PS20

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-46 955,7	-45 590,5
2	-46 960,7	-45 589,5
3	-46 965,7	-45 583,5
4	-46 961,7	-45 579,5
5	-46 959,7	-45 579,5
6	-46 951,7	-45 585,5

Captação PS17

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-47 294,7	-45 305,5
2	-47 299,7	-45 306,5
3	-47 295,7	-45 283,5
4	-47 283,7	-45 291,5

Captação PS9

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-47 876,7	-46 354,5
2	-47 869,7	-46 359,5
3	-47 882,7	-46 369,5
4	-47 886,7	-46 366,5

Captação PS1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-47 849,7	-46 797,5
2	-47 854,7	-46 793,5
3	-47 850,7	-46 787,5
4	-47 845,7	-46 791,5

Captação PS19

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 51 176,7	- 46 088,5
2	- 51 169,7	- 46 084,5
3	- 51 163,7	- 46 094,5
4	- 51 170,7	- 46 098,5

Pólo de captação de Póvoa da Isenta

Captação PS24

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 52 430,7	- 51 875,4
2	- 52 444,7	- 51 886,4
3	- 52 460,7	- 51 866,4
4	- 52 453,7	- 51 841,4

Captações PS18 e PS15

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 53 729,7	- 50 642,5
2	- 53 742,7	- 50 623,5
3	- 53 723,7	- 50 612,5
4	- 53 730,7	- 50 601,5
5	- 53 703,7	- 50 584,5
6	- 53 693,7	- 50 599,5
7	- 53 728,7	- 50 622,5
8	- 53 719,7	- 50 635,5

Pólo de captação de Almoester

Captações JK1 e JK5

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 57 336,6	- 46 833,5
2	- 57 320,6	- 46 833,5
3	- 57 320,6	- 46 844,5
4	- 57 335,6	- 46 844,5

Captação JK8

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 62 848,7	- 46 933,5
2	- 62 884,7	- 46 924,5
3	- 62 881,7	- 46 913,5
4	- 62 841,7	- 46 909,5

Captação PS1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 63 485,7	- 47 067,5
2	- 63 494,7	- 47 055,5
3	- 63 481,7	- 47 047,5
4	- 63 472,7	- 47 059,5

Pólo de captação de Moçaria

Captação PS6

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 54 976,7	- 42 239,5
2	- 54 980,7	- 42 248,5
3	- 54 987,7	- 42 244,5
4	- 54 983,7	- 42 237,5

Captação PS1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 55 135,7	- 41 966,5
2	- 55 126,7	- 41 980,5
3	- 55 150,7	- 41 996,5
4	- 55 163,7	- 41 984,5

Pólo de captação de Abitureiras

Captações PS10 e PS13

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 55 684,7	- 38 988,5
2	- 55 696,7	- 38 929,5
3	- 55 672,7	- 38 945,5
4	- 55 654,7	- 38 990,5

Pólo de captação de Tremez

Captações FR1 e AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 52 840,7	- 34 214,5
2	- 52 865,7	- 34 210,5
3	- 52 860,7	- 34 206,5
4	- 52 854,7	- 34 200,5
5	- 52 793,7	- 34 179,5
6	- 52 794,7	- 34 177,5
7	- 52 794,7	- 34 175,5
8	- 52 784,7	- 34 175,5
9	- 52 782,7	- 34 196,5
10	- 52 836,7	- 34 198,5

Pólo de captação de Romeira

Captação AC1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 52 045,7	- 38 864,5
2	- 52 026,7	- 38 888,5
3	- 52 033,7	- 38 895,5
4	- 52 052,7	- 38 871,5

Pólo de captação de Gançaria

Captação PS23

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 60 593,7	- 29 293,6
2	- 60 586,7	- 29 290,6

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	-60 584,7	-29 299,6
4	-60 591,7	-29 300,6

Captação PS25

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-63 325,7	-28 885,6
2	-63 333,7	-28 877,6
3	-63 326,7	-28 871,6
4	-63 327,7	-28 869,6
5	-63 325,7	-28 867,6
6	-63 320,7	-28 873,6
7	-63 319,7	-28 880,6

Pólo de captação de Abrã**Captação JK10A**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-55 399,7	-26 618,6
2	-55 405,7	-26 646,6
3	-55 406,7	-26 647,6
4	-55 408,7	-26 646,6
5	-55 412,7	-26 643,6
6	-55 407,7	-26 617,6

Pólo de captação de Amiais de Baixo**Captação AC2**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-53 543,6	-24 315,5
2	-53 544,6	-24 338,5
3	-53 566,6	-24 338,5
4	-53 564,6	-24 305,5

Captação AC1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-52 887,6	-24 488,5
2	-52 897,6	-24 520,5
3	-52 917,6	-24 512,5
4	-52 909,6	-24 483,5
5	-52 906,6	-24 482,5

Pólo de captação de Arneiro das Milharias**Captações PS26 e AC1**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-49 272,7	-29 842,5
2	-49 266,7	-29 824,5
3	-49 228,7	-29 844,5
4	-49 226,7	-29 848,5
5	-49 241,7	-29 869,5
6	-49 254,7	-29 858,5
7	-49 257,7	-29 851,5

Captação AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-48 879,7	-29 767,5
2	-48 882,7	-29 781,5
3	-48 876,7	-29 783,5
4	-48 881,7	-29 802,5
5	-48 901,7	-29 797,5
6	-48 896,7	-29 778,5
7	-48 888,7	-29 780,5
8	-48 884,7	-29 765,5

Pólo de captação de Pernes**Captações PS16, PS4 e AC2**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-45 469,7	-32 341,5
2	-45 586,7	-32 402,5
3	-45 597,7	-32 377,5
4	-45 577,7	-32 368,5
5	-45 568,7	-32 386,5
6	-45 509,7	-32 357,5
7	-45 512,7	-32 352,5
8	-45 507,7	-32 348,5
9	-45 517,7	-32 328,5
10	-45 480,7	-32 313,5

Pólo de captação de Vaqueiros**Captação PS14**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-43 312,7	-29 512,5
2	-43 325,7	-29 505,5
3	-43 318,7	-29 492,5
4	-43 305,7	-29 499,5

Captação PS8

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-42 116,7	-30 695,5
2	-42 131,7	-30 699,5
3	-42 133,7	-30 691,5
4	-42 121,7	-30 689,5

Pólo de captação de Casével**Captação RA2**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-41 358,6	-29 153,5
2	-41 396,6	-29 156,5
3	-41 400,6	-29 113,5
4	-41 379,6	-29 114,5
5	-41 353,6	-29 145,5

Captação JK7

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-41 794,7	-33 873,5
2	-41 787,7	-33 861,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	-41 775,7	-33 869,5
4	-41 781,7	-33 878,5

Pólo de captação de Pombalinho**Captação RA1**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-36 131,7	-36 097,5
2	-36 129,7	-36 120,5
3	-36 144,7	-36 123,5
4	-36 148,7	-36 101,5

Pólo de captação de Alcanhões**Captação PS22**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-44 541,7	-40 148,5
2	-44 534,7	-40 168,5
3	-44 550,7	-40 176,5
4	-44 565,7	-40 149,5

Captação RA3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-44 957,7	-40 195,5
2	-44 967,7	-40 201,5
3	-44 985,7	-40 191,5
4	-44 973,7	-40 177,5

ANEXO III**Zona de protecção intermédia****Pólo de captação de Santarém****Captação AC1**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-46 842,7	-47 196,5
2	-46 864,7	-47 197,5
3	-46 885,7	-47 192,5
4	-46 905,7	-47 182,5
5	-46 924,7	-47 167,5
6	-46 937,7	-47 147,5
7	-46 944,7	-47 126,5
8	-46 945,7	-47 102,5
9	-46 940,7	-47 080,5
10	-46 929,7	-47 060,5
11	-46 913,7	-47 043,5
12	-46 893,7	-47 031,5
13	-46 872,7	-47 024,5
14	-46 849,7	-47 023,5
15	-46 826,7	-47 029,5
16	-46 806,7	-47 039,5
17	-46 789,7	-47 055,5
18	-46 777,7	-47 074,5
19	-46 770,7	-47 097,5
20	-46 772,7	-47 121,5
21	-46 777,7	-47 142,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
22	-46 787,7	-47 162,5
23	-46 802,7	-47 178,5
24	-46 821,7	-47 189,5

Captação AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-47 033,7	-46 928,5
2	-47 040,7	-46 930,5
3	-47 047,7	-46 930,5
4	-47 055,7	-46 929,5
5	-47 062,7	-46 925,5
6	-47 069,7	-46 920,5
7	-47 073,7	-46 913,5
8	-47 075,7	-46 905,5
9	-47 076,7	-46 898,5
10	-47 074,7	-46 890,5
11	-47 070,7	-46 883,5
12	-47 065,7	-46 877,5
13	-47 058,7	-46 873,5
14	-47 051,7	-46 870,5
15	-47 042,7	-46 870,5
16	-47 035,7	-46 872,5
17	-47 028,7	-46 876,5
18	-47 022,7	-46 882,5
19	-47 018,7	-46 889,5
20	-47 015,7	-46 896,5
21	-47 016,7	-46 905,5
22	-47 018,7	-46 912,5
23	-47 021,7	-46 918,5
24	-47 027,7	-46 924,5

Captação AC3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-46 037,7	-47 039,5
2	-46 053,7	-47 041,5
3	-46 068,7	-47 039,5
4	-46 085,7	-47 032,5
5	-46 096,7	-47 023,5
6	-46 106,7	-47 012,5
7	-46 115,7	-46 998,5
8	-46 119,7	-46 985,5
9	-46 120,7	-46 970,5
10	-46 120,7	-46 956,5
11	-46 116,7	-46 944,5
12	-46 111,7	-46 935,5
13	-46 105,7	-46 927,5
14	-46 098,7	-46 919,5
15	-46 091,7	-46 915,5
16	-46 083,7	-46 909,5
17	-46 074,7	-46 906,5
18	-46 064,7	-46 904,5
19	-46 056,7	-46 902,5
20	-46 044,7	-46 904,5
21	-46 036,7	-46 905,5
22	-46 030,7	-46 908,5
23	-46 022,7	-46 912,5
24	-46 013,7	-46 918,5
25	-46 005,7	-46 925,5
26	-45 998,7	-46 934,5
27	-45 992,7	-46 944,5
28	-45 987,7	-46 958,5
29	-45 986,7	-46 970,5
30	-45 987,7	-46 983,5
31	-45 989,7	-46 994,5
32	-45 993,7	-47 002,5
33	-45 996,7	-47 009,5
34	-46 002,7	-47 017,5
35	-46 008,7	-47 023,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
36	-46 013,7	-47 027,5
37	-46 025,7	-47 033,5

Captação PS1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-47 832,7	-46 821,5
2	-47 840,7	-46 826,5
3	-47 850,7	-46 829,5
4	-47 859,7	-46 829,5
5	-47 867,7	-46 827,5
6	-47 876,7	-46 823,5
7	-47 885,7	-46 816,5
8	-47 890,7	-46 808,5
9	-47 893,7	-46 798,5
10	-47 893,7	-46 788,5
11	-47 892,7	-46 778,5
12	-47 887,7	-46 769,5
13	-47 880,7	-46 762,5
14	-47 872,7	-46 757,5
15	-47 862,7	-46 754,5
16	-47 852,7	-46 753,5
17	-47 843,7	-46 756,5
18	-47 833,7	-46 761,5
19	-47 825,7	-46 767,5
20	-47 821,7	-46 775,5
21	-47 817,7	-46 786,5
22	-47 817,7	-46 796,5
23	-47 820,7	-46 805,5
24	-47 825,7	-46 814,5

As zonas de protecção imediata e intermédia das captações PS20, PS17, PS9 e PS19 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Póvoa da Isenta**Captações PS18 e PS15**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-53 703,7	-50 584,5
2	-53 692,7	-50 599,5
3	-53 712,7	-50 628,5
4	-53 713,7	-50 633,5
5	-53 714,7	-50 637,5
6	-53 716,7	-50 641,5
7	-53 718,7	-50 644,5
8	-53 722,7	-50 646,5
9	-53 726,7	-50 647,5
10	-53 730,7	-50 647,5
11	-53 734,7	-50 646,5
12	-53 738,7	-50 645,5
13	-53 742,7	-50 642,5
14	-53 744,7	-50 638,5
15	-53 745,7	-50 634,5
16	-53 745,7	-50 629,5
17	-53 745,7	-50 625,5
18	-53 743,7	-50 621,5
19	-53 740,7	-50 618,5
20	-53 731,7	-50 600,5

As zonas de protecção imediata e intermédia da captação PS24 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Almoester**Captações JK1 e JK5**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-57 353,6	-46 794,5
2	-57 351,6	-46 793,5
3	-57 348,6	-46 793,5
4	-57 344,6	-46 794,5
5	-57 341,6	-46 795,5
6	-57 338,6	-46 797,5
7	-57 333,6	-46 799,5
8	-57 329,6	-46 800,5
9	-57 326,6	-46 801,5
10	-57 322,6	-46 805,5
11	-57 320,6	-46 808,5
12	-57 318,6	-46 813,5
13	-57 316,6	-46 816,5
14	-57 315,6	-46 820,5
15	-57 314,6	-46 824,5
16	-57 313,6	-46 828,5
17	-57 313,6	-46 830,5
18	-57 313,6	-46 835,5
19	-57 314,6	-46 838,5
20	-57 315,6	-46 841,5
21	-57 317,6	-46 844,5
22	-57 320,6	-46 846,5
23	-57 324,6	-46 847,5
24	-57 326,6	-46 847,5
25	-57 329,6	-46 847,5
26	-57 332,6	-46 847,5
27	-57 334,6	-46 847,5
28	-57 337,6	-46 846,5
29	-57 340,6	-46 845,5
30	-57 342,6	-46 843,5
31	-57 344,6	-46 841,5
32	-57 346,6	-46 838,5
33	-57 349,6	-46 834,5
34	-57 352,6	-46 830,5
35	-57 355,6	-46 825,5
36	-57 358,6	-46 819,5
37	-57 360,6	-46 814,5
38	-57 361,6	-46 809,5
39	-57 361,6	-46 805,5
40	-57 360,6	-46 801,5
41	-57 357,6	-46 797,5
42	-57 355,6	-46 795,5

As zonas de protecção imediata e intermédia das captações JK8 e PS1 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Moçaria**Captação PS6**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-54 980,7	-42 260,5
2	-54 986,7	-42 259,5
3	-54 991,7	-42 257,5
4	-54 995,7	-42 254,5
5	-54 999,7	-42 249,5
6	-55 001,7	-42 244,5
7	-55 002,7	-42 239,5
8	-55 001,7	-42 234,5
9	-54 999,7	-42 228,5
10	-54 995,7	-42 224,5
11	-54 991,7	-42 220,5
12	-54 986,7	-42 219,5
13	-54 980,7	-42 218,5
14	-54 975,7	-42 218,5
15	-54 970,7	-42 221,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
16	- 54 966,7	- 42 225,5
17	- 54 962,7	- 42 229,5
18	- 54 960,7	- 42 234,5
19	- 54 959,7	- 42 239,5
20	- 54 960,7	- 42 244,5
21	- 54 962,7	- 42 249,5
22	- 54 966,7	- 42 253,5
23	- 54 969,7	- 42 257,5
24	- 54 975,7	- 42 258,5

As zonas de protecção imediata e intermédia da captação PS1 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Abitureiras

As zonas de protecção imediata e intermédia das captações PS10 e PS13 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Tremez

Captações FR1 e AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 52 837,7	- 34 230,5
2	- 52 873,7	- 34 216,5
3	- 52 860,7	- 34 205,5
4	- 52 854,7	- 34 200,5
5	- 52 796,7	- 34 179,5
6	- 52 795,7	- 34 177,5
7	- 52 794,7	- 34 174,5
8	- 52 783,7	- 34 174,5
9	- 52 781,7	- 34 197,5
10	- 52 836,7	- 34 200,5

Pólo de captação de Romeira

Captação AC1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 52 045,2	- 38 863,8
2	- 52 026,1	- 38 888,4
3	- 52 039,2	- 38 900,9
4	- 52 058,9	- 38 876,7

Pólo de captação de Gançaria

As zonas de protecção imediata e intermédia das captações PS23 e PS25 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Abrã

As zonas de protecção imediata e intermédia da captação JK10A são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Amiais de Baixo

Captação AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 53 555,6	- 24 357,5
2	- 53 563,6	- 24 357,5
3	- 53 571,6	- 24 355,5
4	- 53 577,6	- 24 349,5
5	- 53 582,6	- 24 342,5
6	- 53 587,6	- 24 335,5
7	- 53 587,6	- 24 327,5
8	- 53 586,6	- 24 318,5
9	- 53 583,6	- 24 311,5
10	- 53 578,6	- 24 305,5
11	- 53 572,6	- 24 299,5
12	- 53 562,6	- 24 296,5
13	- 53 555,6	- 24 296,5
14	- 53 547,6	- 24 297,5
15	- 53 538,6	- 24 301,5
16	- 53 531,6	- 24 306,5
17	- 53 527,6	- 24 314,5
18	- 53 524,6	- 24 320,5
19	- 53 523,6	- 24 328,5
20	- 53 526,6	- 24 336,5
21	- 53 529,6	- 24 342,5
22	- 53 533,6	- 24 349,5
23	- 53 539,6	- 24 354,5
24	- 53 545,6	- 24 357,5

As zonas de protecção imediata e intermédia da captação AC1 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Arneiro das Milhariças

Captações PS26 e AC1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 49 251,7	- 29 928,5
2	- 49 261,7	- 29 926,5
3	- 49 274,7	- 29 921,5
4	- 49 291,7	- 29 911,5
5	- 49 306,7	- 29 894,5
6	- 49 313,7	- 29 870,5
7	- 49 313,7	- 29 849,5
8	- 49 308,7	- 29 828,5
9	- 49 298,7	- 29 813,5
10	- 49 285,7	- 29 800,5
11	- 49 264,7	- 29 792,5
12	- 49 248,7	- 29 788,5
13	- 49 230,7	- 29 789,5
14	- 49 209,7	- 29 794,5
15	- 49 195,7	- 29 804,5
16	- 49 179,7	- 29 822,5
17	- 49 171,7	- 29 838,5
18	- 49 167,7	- 29 858,5
19	- 49 169,7	- 29 878,5
20	- 49 179,7	- 29 895,5
21	- 49 196,7	- 29 912,5
22	- 49 212,7	- 29 920,5
23	- 49 227,7	- 29 927,5
24	- 49 240,7	- 29 929,5

Captação AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 48 859,7	- 29 970,5
2	- 48 884,7	- 29 974,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	-48 912,7	-29 969,5
4	-48 939,7	-29 960,5
5	-48 962,7	-29 947,5
6	-48 982,7	-29 929,5
7	-48 999,7	-29 912,5
8	-49 015,7	-29 880,5
9	-49 024,7	-29 854,5
10	-49 027,7	-29 819,5
11	-49 025,7	-29 790,5
12	-49 020,7	-29 767,5
13	-49 010,7	-29 746,5
14	-48 995,7	-29 724,5
15	-48 981,7	-29 708,5
16	-48 959,7	-29 689,5
17	-48 933,7	-29 676,5
18	-48 912,7	-29 670,5
19	-48 892,7	-29 666,5
20	-48 866,7	-29 666,5
21	-48 845,7	-29 670,5
22	-48 819,7	-29 677,5
23	-48 795,7	-29 689,5
24	-48 776,7	-29 703,5
25	-48 755,7	-29 724,5
26	-48 740,7	-29 746,5
27	-48 729,7	-29 772,5
28	-48 721,7	-29 800,5
29	-48 720,7	-29 823,5
30	-48 723,7	-29 848,5
31	-48 727,7	-29 870,5
32	-48 736,7	-29 891,5
33	-48 748,7	-29 909,5
34	-48 764,7	-29 927,5
35	-48 781,7	-29 943,5
36	-48 822,7	-29 964,5

Pólo de captação de Pernes

Captações PS16, PS4 e AC2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-45 598,7	-32 395,5
2	-45 601,7	-32 378,5
3	-45 541,7	-32 335,5
4	-45 477,7	-32 312,2
5	-45 467,7	-32 342,5
6	-45 592,6	-32 405,7

Pólo de captação de Vaqueiros

Captação PS8

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-42 119,7	-30 742,5
2	-42 130,7	-30 742,5
3	-42 140,7	-30 740,5
4	-42 146,7	-30 736,5
5	-42 153,7	-30 729,5
6	-42 160,7	-30 719,5
7	-42 164,7	-30 707,5
8	-42 163,7	-30 695,5
9	-42 159,7	-30 685,5
10	-42 155,7	-30 679,5
11	-42 151,7	-30 674,5
12	-42 145,7	-30 669,5
13	-42 135,7	-30 665,5
14	-42 126,7	-30 664,5
15	-42 117,7	-30 665,5
16	-42 107,7	-30 667,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
17	-42 100,7	-30 671,5
18	-42 094,7	-30 678,5
19	-42 088,7	-30 685,5
20	-42 084,7	-30 695,5
21	-42 084,7	-30 704,5
22	-42 086,7	-30 717,5
23	-42 092,7	-30 727,5
24	-42 100,7	-30 735,5
25	-42 109,7	-30 740,5

As zonas de protecção imediata e intermédia da captação PS14 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Casével

Captação RA2

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-41 358,6	-29 195,5
2	-41 366,6	-29 196,5
3	-41 376,6	-29 194,5
4	-41 390,6	-29 191,5
5	-41 401,6	-29 184,5
6	-41 411,6	-29 175,5
7	-41 420,6	-29 163,5
8	-41 424,6	-29 151,5
9	-41 426,6	-29 143,5
10	-41 426,6	-29 129,5
11	-41 423,6	-29 117,5
12	-41 420,6	-29 108,5
13	-41 415,6	-29 100,5
14	-41 408,6	-29 092,5
15	-41 400,6	-29 086,5
16	-41 388,6	-29 079,5
17	-41 377,6	-29 077,5
18	-41 367,6	-29 076,5
19	-41 358,6	-29 076,5
20	-41 347,6	-29 078,5
21	-41 338,6	-29 082,5
22	-41 330,6	-29 087,5
23	-41 323,6	-29 094,5
24	-41 315,6	-29 103,5
25	-41 310,6	-29 113,5
26	-41 307,6	-29 122,5
27	-41 306,6	-29 133,5
28	-41 306,6	-29 141,5
29	-41 309,6	-29 153,5
30	-41 313,6	-29 164,5
31	-41 320,6	-29 175,5
32	-41 326,6	-29 180,5
33	-41 332,6	-29 187,5
34	-41 342,6	-29 192,5
35	-41 349,6	-29 194,5

As zonas de protecção imediata e intermédia da captação JK7 são coincidentes. Como tal, as coordenadas dos vértices de referência do polígono são as indicadas no anexo II da presente portaria.

Pólo de captação de Pombalinho

Captação RA1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-36 128,7	-36 187,5
2	-36 142,7	-36 190,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	-36 159,7	-36 188,5
4	-36 175,7	-36 181,5
5	-36 192,7	-36 168,5
6	-36 205,7	-36 153,5
7	-36 213,7	-36 132,5
8	-36 216,7	-36 115,5
9	-36 213,7	-36 097,5
10	-36 202,7	-36 073,5
11	-36 188,7	-36 059,5
12	-36 174,7	-36 050,5
13	-36 161,7	-36 047,5
14	-36 144,7	-36 044,5
15	-36 127,7	-36 045,5
16	-36 115,7	-36 049,5
17	-36 103,7	-36 057,5
18	-36 092,7	-36 064,5
19	-36 083,7	-36 075,5
20	-36 076,7	-36 089,5
21	-36 071,7	-36 105,5
22	-36 070,7	-36 119,5
23	-36 073,7	-36 137,5
24	-36 080,7	-36 154,5
25	-36 090,7	-36 167,5
26	-36 101,7	-36 176,5
27	-36 115,7	-36 184,5

Pólo de captação de Alcanhões**Captação PS22**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-44 525,7	-40 246,5
2	-44 532,7	-40 245,5
3	-44 543,7	-40 244,5
4	-44 557,7	-40 241,5
5	-44 568,7	-40 236,5
6	-44 580,7	-40 228,5
7	-44 589,7	-40 219,5
8	-44 595,7	-40 209,5
9	-44 603,7	-40 194,5
10	-44 604,7	-40 182,5
11	-44 604,7	-40 168,5
12	-44 602,7	-40 156,5
13	-44 599,7	-40 145,5
14	-44 594,7	-40 133,5
15	-44 586,7	-40 123,5
16	-44 580,7	-40 117,5
17	-44 572,7	-40 112,5
18	-44 562,7	-40 105,5
19	-44 553,7	-40 102,5
20	-44 542,7	-40 100,5
21	-44 529,7	-40 099,5
22	-44 517,7	-40 101,5
23	-44 508,7	-40 104,5
24	-44 496,7	-40 109,5
25	-44 487,7	-40 116,5
26	-44 476,7	-40 126,5
27	-44 470,7	-40 136,5
28	-44 465,7	-40 145,5
29	-44 461,7	-40 156,5
30	-44 460,7	-40 165,5
31	-44 460,7	-40 177,5
32	-44 462,7	-40 189,5
33	-44 465,7	-40 199,5
34	-44 470,7	-40 209,5
35	-44 477,7	-40 218,5
36	-44 484,7	-40 226,5
37	-44 491,7	-40 232,5
38	-44 500,7	-40 237,5
39	-44 506,7	-40 240,5
40	-44 512,7	-40 243,5
41	-44 519,7	-40 245,5

Captação RA3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-44 973,7	-40 210,5
2	-44 977,7	-40 209,5
3	-44 983,7	-40 207,5
4	-44 989,7	-40 203,5
5	-44 994,7	-40 199,5
6	-44 997,7	-40 194,5
7	-44 999,7	-40 187,5
8	-45 000,7	-40 181,5
9	-44 999,7	-40 175,5
10	-44 998,7	-40 171,5
11	-44 996,7	-40 167,5
12	-44 991,7	-40 162,5
13	-44 984,7	-40 157,5
14	-44 976,7	-40 155,5
15	-44 970,7	-40 155,5
16	-44 963,7	-40 156,5
17	-44 958,7	-40 159,5
18	-44 953,7	-40 163,5
19	-44 950,7	-40 168,5
20	-44 947,7	-40 172,5
21	-44 946,7	-40 178,5
22	-44 946,7	-40 186,5
23	-44 948,7	-40 192,5
24	-44 950,7	-40 197,5
25	-44 953,7	-40 200,5
26	-44 957,7	-40 204,5
27	-44 961,7	-40 206,5
28	-44 965,7	-40 208,5
29	-44 968,7	-40 209,5

ANEXO IV**Zona de protecção alargada****Pólo de captação de Santarém****Captações AC1, AC2, AC3, PS20, PS17, PS9 e PS1**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-45 989,7	-47 140,5
2	-46 745,7	-47 324,5
3	-47 494,7	-47 232,5
4	-48 073,7	-47 069,5
5	-48 603,7	-46 511,5
6	-48 687,7	-45 925,5
7	-48 638,7	-45 452,5
8	-48 412,7	-45 106,5
9	-48 306,7	-44 696,5
10	-48 101,7	-44 435,5
11	-47 670,7	-44 400,5
12	-47 218,7	-44 527,5
13	-46 851,7	-44 767,5
14	-46 441,7	-45 311,5
15	-46 166,7	-45 855,5
16	-45 890,7	-46 561,5
17	-45 813,7	-46 857,5
18	-45 841,7	-46 999,5

Captação PS19

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-51 260,7	-46 170,5
2	-51 287,7	-46 149,5
3	-51 306,7	-46 121,5
4	-51 314,7	-46 088,5
5	-51 315,7	-46 057,5
6	-51 309,7	-46 025,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
7	- 51 293,7	- 45 995,5
8	- 51 271,7	- 45 973,5
9	- 51 242,7	- 45 955,5
10	- 51 213,7	- 45 945,5
11	- 51 178,7	- 45 943,5
12	- 51 146,7	- 45 951,5
13	- 51 117,7	- 45 966,5
14	- 51 093,7	- 45 989,5
15	- 51 078,7	- 46 016,5
16	- 51 069,7	- 46 048,5
17	- 51 069,7	- 46 084,5
18	- 51 077,7	- 46 114,5
19	- 51 091,7	- 46 143,5
20	- 51 113,7	- 46 165,5
21	- 51 140,7	- 46 181,5
22	- 51 170,7	- 46 191,5
23	- 51 201,7	- 46 192,5
24	- 51 231,7	- 46 186,5

Pólo de captação de Póvoa da Isenta**Captação PS24**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 52 199,7	- 51 811,4
2	- 52 218,7	- 51 887,4
3	- 52 254,7	- 51 952,4
4	- 52 305,7	- 52 004,4
5	- 52 365,7	- 52 045,4
6	- 52 433,7	- 52 066,4
7	- 52 509,7	- 52 072,4
8	- 52 582,7	- 52 056,4
9	- 52 653,7	- 52 015,4
10	- 52 721,7	- 51 963,4
11	- 52 849,7	- 51 792,4
12	- 52 870,7	- 51 708,4
13	- 52 879,7	- 51 621,4
14	- 52 857,7	- 51 534,4
15	- 52 816,7	- 51 455,4
16	- 52 756,7	- 51 396,4
17	- 52 683,7	- 51 347,4
18	- 52 601,7	- 51 319,4
19	- 52 509,7	- 51 325,4
20	- 52 428,7	- 51 344,4
21	- 52 354,7	- 51 382,4
22	- 52 284,7	- 51 442,4
23	- 52 240,7	- 51 518,4
24	- 52 194,7	- 51 727,4

Captações PS18 e PS15

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 53 358,7	- 50 599,5
2	- 53 389,7	- 50 677,5
3	- 53 433,7	- 50 738,5
4	- 53 511,7	- 50 823,5
5	- 53 610,7	- 50 888,5
6	- 53 732,7	- 50 925,5
7	- 53 871,7	- 50 928,5
8	- 54 003,7	- 50 891,5
9	- 54 149,7	- 50 748,5
10	- 54 248,7	- 50 613,5
11	- 54 326,7	- 50 460,5
12	- 54 360,7	- 50 348,5
13	- 54 363,7	- 50 219,5
14	- 54 333,7	- 50 100,5
15	- 54 278,7	- 49 998,5
16	- 54 204,7	- 49 903,5
17	- 54 082,7	- 49 825,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
18	- 53 973,7	- 49 798,5
19	- 53 861,7	- 49 794,5
20	- 53 732,7	- 49 828,5
21	- 53 623,7	- 49 886,5
22	- 53 528,7	- 49 964,5
23	- 53 467,7	- 50 073,5
24	- 53 385,7	- 50 219,5
25	- 53 355,7	- 50 368,5

Pólo de captação de Almoester**Captações JK1 e JK5**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 57 388,6	- 46 809,5
2	- 57 536,6	- 46 507,5
3	- 57 711,6	- 46 148,5
4	- 58 251,6	- 44 986,5
5	- 58 532,6	- 44 361,5
6	- 58 466,6	- 44 320,5
7	- 58 412,6	- 44 345,5
8	- 58 234,6	- 44 692,5
9	- 57 891,6	- 45 428,5
10	- 57 612,6	- 46 082,5
11	- 57 313,6	- 46 755,5
12	- 57 273,6	- 46 852,5
13	- 57 343,6	- 46 884,5
14	- 57 363,6	- 46 861,5

Captação JK8

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 62 860,7	- 46 948,5
2	- 62 870,7	- 46 949,5
3	- 62 880,7	- 46 945,5
4	- 62 889,7	- 46 941,5
5	- 62 898,7	- 46 935,5
6	- 62 905,7	- 46 924,5
7	- 62 908,7	- 46 913,5
8	- 62 908,7	- 46 902,5
9	- 62 906,7	- 46 892,5
10	- 62 901,7	- 46 883,5
11	- 62 893,7	- 46 875,5
12	- 62 884,7	- 46 869,5
13	- 62 874,7	- 46 866,5
14	- 62 863,7	- 46 866,5
15	- 62 852,7	- 46 869,5
16	- 62 841,7	- 46 874,5
17	- 62 833,7	- 46 882,5
18	- 62 828,7	- 46 890,5
19	- 62 825,7	- 46 900,5
20	- 62 826,7	- 46 911,5
21	- 62 829,7	- 46 922,5
22	- 62 834,7	- 46 931,5
23	- 62 840,7	- 46 939,5
24	- 62 850,7	- 46 944,5

Captação PS1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 63 481,7	- 47 120,5
2	- 63 503,7	- 47 121,5
3	- 63 526,7	- 47 117,5
4	- 63 542,7	- 47 107,5
5	- 63 561,7	- 47 091,5
6	- 63 574,7	- 47 074,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
7	-63 580,7	-47 052,5
8	-63 582,7	-47 030,5
9	-63 577,7	-47 006,5
10	-63 567,7	-46 987,5
11	-63 549,7	-46 970,5
12	-63 531,7	-46 958,5
13	-63 509,7	-46 951,5
14	-63 486,7	-46 953,5
15	-63 463,7	-46 956,5
16	-63 445,7	-46 966,5
17	-63 427,7	-46 981,5
18	-63 416,7	-47 002,5
19	-63 408,7	-47 025,5
20	-63 409,7	-47 048,5
21	-63 415,7	-47 070,5
22	-63 427,7	-47 087,5
23	-63 441,7	-47 103,5
24	-63 459,7	-47 117,5

Pólo de captação de Moçaria**Captações PS6 e PS1**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-55 091,7	-42 827,5
2	-55 306,7	-42 835,5
3	-55 526,7	-42 779,5
4	-55 732,7	-42 715,5
5	-55 883,7	-42 603,5
6	-55 995,7	-42 491,5
7	-56 059,7	-42 349,5
8	-56 098,7	-42 194,5
9	-56 106,7	-41 975,5
10	-56 020,7	-41 790,5
11	-55 887,7	-41 639,5
12	-55 668,7	-41 510,5
13	-55 461,7	-41 476,5
14	-55 298,7	-41 459,5
15	-55 095,7	-41 502,5
16	-54 863,7	-41 635,5
17	-54 743,7	-41 743,5
18	-54 670,7	-41 928,5
19	-54 614,7	-42 125,5
20	-54 609,7	-42 285,5
21	-54 670,7	-42 457,5
22	-54 769,7	-42 611,5
23	-54 911,7	-42 710,5

Pólo de captação de Abitureiras**Captações PS10 e PS13**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-55 625,7	-39 117,5
2	-55 664,7	-39 138,5
3	-55 704,7	-39 147,5
4	-55 736,7	-39 149,5
5	-55 775,7	-39 140,5
6	-55 812,7	-39 122,5
7	-55 843,7	-39 094,5
8	-55 866,7	-39 063,5
9	-55 883,7	-39 021,5
10	-55 890,7	-38 980,5
11	-55 889,7	-38 950,5
12	-55 882,7	-38 911,5
13	-55 869,7	-38 870,5
14	-55 841,7	-38 833,5
15	-55 805,7	-38 807,5
16	-55 774,7	-38 795,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
17	-55 732,7	-38 789,5
18	-55 695,7	-38 795,5
19	-55 660,7	-38 806,5
20	-55 628,7	-38 824,5
21	-55 592,7	-38 860,5
22	-55 570,7	-38 888,5
23	-55 552,7	-38 928,5
24	-55 545,7	-38 971,5
25	-55 551,7	-39 014,5
26	-55 570,7	-39 051,5
27	-55 598,7	-39 086,5

Pólo de captação de Tremez**Captações FR1 e AC2**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-52 822,7	-34 678,5
2	-52 965,7	-34 729,5
3	-53 133,7	-34 740,5
4	-53 281,7	-34 683,5
5	-53 404,7	-34 586,5
6	-53 490,7	-34 467,5
7	-53 550,7	-34 327,5
8	-53 572,7	-34 178,5
9	-53 538,7	-34 042,6
10	-53 487,7	-33 888,6
11	-53 398,7	-33 776,6
12	-53 293,7	-33 682,5
13	-53 142,7	-33 622,5
14	-53 002,7	-33 594,5
15	-52 839,7	-33 619,5
16	-52 697,7	-33 702,5
17	-52 580,7	-33 816,5
18	-52 503,7	-33 928,5
19	-52 451,7	-34 044,5
20	-52 429,7	-34 178,5
21	-52 446,7	-34 318,5
22	-52 500,7	-34 441,5
23	-52 588,7	-34 546,5
24	-52 694,7	-34 629,5

Pólo de captação de Romeira**Captação AC1**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-51 937,7	-39 203,5
2	-52 025,7	-39 263,5
3	-52 142,7	-39 290,5
4	-52 257,7	-39 288,5
5	-52 369,7	-39 236,5
6	-52 459,7	-39 170,5
7	-52 527,7	-39 075,5
8	-52 571,7	-38 968,5
9	-52 590,7	-38 848,5
10	-52 576,7	-38 739,5
11	-52 538,7	-38 624,5
12	-52 456,7	-38 542,5
13	-52 374,7	-38 477,5
14	-52 262,7	-38 425,5
15	-52 156,7	-38 409,5
16	-52 030,7	-38 428,5
17	-51 937,7	-38 488,5
18	-51 842,7	-38 561,5
19	-51 779,7	-38 643,5
20	-51 738,7	-38 752,5
21	-51 727,7	-38 848,5
22	-51 746,7	-38 960,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
23	- 51 787,7	- 39 050,5
24	- 51 847,7	- 39 140,5

Pólo de captação de Gançaria

Captação PS23

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 60 532,7	- 29 249,6
2	- 60 524,7	- 29 269,6
3	- 60 521,7	- 29 292,6
4	- 60 524,7	- 29 315,6
5	- 60 533,7	- 29 337,6
6	- 60 547,7	- 29 354,6
7	- 60 565,7	- 29 368,6
8	- 60 586,7	- 29 379,6
9	- 60 608,7	- 29 382,6
10	- 60 635,7	- 29 380,6
11	- 60 660,7	- 29 371,6
12	- 60 677,7	- 29 354,6
13	- 60 694,7	- 29 335,6
14	- 60 701,7	- 29 314,6
15	- 60 705,7	- 29 289,6
16	- 60 701,7	- 29 265,6
17	- 60 691,7	- 29 244,6
18	- 60 677,7	- 29 225,6
19	- 60 658,7	- 29 209,6
20	- 60 638,7	- 29 202,6
21	- 60 612,7	- 29 198,6
22	- 60 585,7	- 29 202,6
23	- 60 565,7	- 29 213,6
24	- 60 546,7	- 29 227,6

Captação PS25

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 63 297,7	- 28 928,6
2	- 63 309,7	- 28 937,6
3	- 63 326,7	- 28 944,6
4	- 63 342,7	- 28 946,6
5	- 63 358,7	- 28 945,6
6	- 63 376,7	- 28 939,6
7	- 63 390,7	- 28 927,6
8	- 63 400,7	- 28 914,6
9	- 63 407,7	- 28 899,6
10	- 63 409,7	- 28 880,6
11	- 63 406,7	- 28 862,6
12	- 63 400,7	- 28 849,6
13	- 63 387,7	- 28 834,6
14	- 63 375,7	- 28 823,6
15	- 63 359,7	- 28 817,6
16	- 63 343,7	- 28 815,6
17	- 63 325,7	- 28 817,6
18	- 63 308,7	- 28 824,6
19	- 63 296,7	- 28 836,6
20	- 63 285,7	- 28 852,6
21	- 63 278,7	- 28 867,6
22	- 63 278,7	- 28 884,6
23	- 63 280,7	- 28 900,6
24	- 63 286,7	- 28 914,6

Pólo de captação de Abrã

Captação JK10A

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 55 314,7	- 26 848,6
2	- 55 379,7	- 26 888,6

Vértices	M (metros)	P (metros)
3	- 55 453,7	- 26 899,6
4	- 55 540,7	- 26 891,6
5	- 55 621,7	- 26 859,6
6	- 55 685,7	- 26 806,6
7	- 55 729,7	- 26 740,6
8	- 55 763,7	- 26 665,6
9	- 55 769,7	- 26 589,6
10	- 55 764,7	- 26 506,6
11	- 55 729,7	- 26 426,6
12	- 55 680,7	- 26 371,6
13	- 55 613,7	- 26 320,6
14	- 55 540,7	- 26 291,6
15	- 55 462,7	- 26 280,6
16	- 55 379,7	- 26 291,6
17	- 55 302,7	- 26 326,6
18	- 55 247,7	- 26 379,6
19	- 55 205,7	- 26 452,6
20	- 55 174,7	- 26 522,6
21	- 55 165,7	- 26 593,6
22	- 55 178,7	- 26 668,6
23	- 55 203,7	- 26 738,6
24	- 55 252,7	- 26 798,6

Pólo de captação de Amiais de Baixo

Captações AC2 e AC1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	- 54 864,6	- 23 569,5
2	- 54 795,6	- 23 456,5
3	- 54 695,6	- 23 370,5
4	- 54 591,6	- 23 305,5
5	- 54 449,6	- 23 240,5
6	- 54 241,6	- 23 192,5
7	- 54 051,6	- 23 205,5
8	- 53 877,6	- 23 249,5
9	- 53 730,6	- 23 305,5
10	- 53 566,6	- 23 409,5
11	- 53 462,6	- 23 500,5
12	- 53 349,6	- 23 603,5
13	- 53 254,6	- 23 707,5
14	- 53 181,6	- 23 837,5
15	- 53 081,6	- 24 001,5
16	- 52 938,6	- 24 101,5
17	- 52 796,6	- 24 179,5
18	- 52 683,6	- 24 283,5
19	- 52 631,6	- 24 408,5
20	- 52 627,6	- 24 525,5
21	- 52 657,6	- 24 655,5
22	- 52 770,6	- 24 754,5
23	- 52 878,6	- 24 802,5
24	- 53 051,7	- 24 819,5
25	- 53 194,7	- 24 785,5
26	- 53 298,7	- 24 767,5
27	- 53 384,7	- 24 802,5
28	- 53 501,7	- 24 832,5
29	- 53 652,7	- 24 880,5
30	- 53 800,7	- 24 897,5
31	- 54 007,7	- 24 889,5
32	- 54 176,7	- 24 845,5
33	- 54 392,7	- 24 759,5
34	- 54 570,7	- 24 668,5
35	- 54 674,7	- 24 568,5
36	- 54 773,7	- 24 478,5
37	- 54 842,6	- 24 374,5
38	- 54 916,6	- 24 265,5
39	- 54 955,6	- 24 131,5
40	- 54 972,6	- 23 976,5
41	- 54 981,6	- 23 833,5
42	- 54 942,6	- 23 681,5
43	- 54 907,6	- 23 612,5

Pólo de captação de Arneiro das Milhاريças**Captações PS26, AC1 e AC2**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-48 965,7	-29 388,5
2	-48 621,7	-29 446,5
3	-48 318,7	-29 648,5
4	-48 042,7	-30 017,5
5	-47 748,7	-30 554,5
6	-47 513,7	-31 049,5
7	-47 345,7	-31 461,5
8	-47 211,7	-31 855,5
9	-47 102,7	-32 208,5
10	-47 076,7	-32 552,5
11	-47 185,7	-32 904,5
12	-47 454,7	-33 173,5
13	-47 723,7	-33 265,5
14	-48 109,7	-33 232,5
15	-48 453,7	-32 980,5
16	-48 721,7	-32 569,5
17	-49 015,7	-31 796,5
18	-49 175,7	-31 276,5
19	-49 359,7	-30 814,5
20	-49 678,7	-30 470,5
21	-49 812,7	-30 118,5
22	-49 745,7	-29 732,5
23	-49 519,7	-29 488,5
24	-49 217,7	-29 363,5

Pólo de captação de Pernes**Captações PS16, PS4 e AC2**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-45 433,7	-33 135,5
2	-45 550,7	-33 139,5
3	-45 680,7	-33 115,5
4	-45 809,7	-33 034,5
5	-45 902,7	-32 933,5
6	-45 959,7	-32 823,5
7	-46 012,7	-32 674,5
8	-46 024,7	-32 532,5
9	-46 004,7	-32 386,5
10	-45 951,7	-32 281,5
11	-45 870,7	-32 168,5
12	-45 773,7	-32 059,5
13	-45 668,7	-31 978,5
14	-45 534,7	-31 933,5
15	-45 393,7	-31 917,5
16	-45 267,7	-31 953,5
17	-45 146,7	-32 006,5
18	-45 032,7	-32 103,5
19	-44 931,7	-32 204,5
20	-44 887,7	-32 350,5
21	-44 850,7	-32 516,5
22	-44 875,7	-32 657,5
23	-44 955,7	-32 811,5
24	-45 081,7	-32 937,5
25	-45 182,7	-33 038,5
26	-45 312,7	-33 107,5

Pólo de captação de Vaqueiros**Captação PS14**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-43 239,7	-29 687,5
2	-43 281,7	-29 700,5
3	-43 322,7	-29 701,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
4	-43 364,7	-29 690,5
5	-43 398,7	-29 666,5
6	-43 430,7	-29 635,5
7	-43 447,7	-29 598,5
8	-43 454,7	-29 556,5
9	-43 452,7	-29 515,5
10	-43 439,7	-29 475,5
11	-43 421,7	-29 443,5
12	-43 392,7	-29 417,5
13	-43 357,7	-29 396,5
14	-43 320,7	-29 387,5
15	-43 274,7	-29 388,5
16	-43 235,7	-29 398,5
17	-43 203,7	-29 422,5
18	-43 175,7	-29 449,5
19	-43 153,7	-29 488,5
20	-43 144,7	-29 526,5
21	-43 146,7	-29 568,5
22	-43 159,7	-29 605,5
23	-43 180,7	-29 637,5
24	-43 204,7	-29 668,5

Captação PS8

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-42 095,7	-30 567,5
2	-42 042,7	-30 578,5
3	-41 989,7	-30 598,5
4	-41 937,7	-30 635,5
5	-41 886,7	-30 679,5
6	-41 849,7	-30 722,5
7	-41 810,7	-30 775,5
8	-41 778,7	-30 836,5
9	-41 751,7	-30 915,5
10	-41 729,7	-31 005,5
11	-41 721,7	-31 066,5
12	-41 725,7	-31 131,5
13	-41 739,7	-31 194,5
14	-41 770,7	-31 249,5
15	-41 808,7	-31 292,5
16	-41 871,7	-31 320,5
17	-41 930,7	-31 345,5
18	-42 008,7	-31 349,5
19	-42 120,7	-31 312,5
20	-42 199,7	-31 229,5
21	-42 252,7	-31 145,5
22	-42 287,7	-31 035,5
23	-42 313,7	-30 924,5
24	-42 317,7	-30 832,5
25	-42 307,7	-30 720,5
26	-42 268,7	-30 649,5
27	-42 221,7	-30 600,5
28	-42 154,7	-30 565,5

Pólo de captação de Casével**Captação RA2**

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-41 088,6	-29 824,5
2	-41 153,6	-29 850,5
3	-41 224,6	-29 862,5
4	-41 331,6	-29 865,5
5	-41 443,6	-29 844,5
6	-41 529,6	-29 788,5
7	-41 592,6	-29 732,5
8	-41 657,6	-29 658,5
9	-41 725,6	-29 560,5
10	-41 757,6	-29 457,5
11	-41 784,6	-29 335,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
12	-41 763,6	-29 160,5
13	-41 713,6	-29 027,5
14	-41 642,6	-28 929,5
15	-41 523,6	-28 852,5
16	-41 420,6	-28 808,5
17	-41 331,6	-28 793,5
18	-41 245,6	-28 802,5
19	-41 162,6	-28 829,5
20	-41 079,6	-28 873,5
21	-41 002,6	-28 932,5
22	-40 919,6	-29 006,5
23	-40 869,6	-29 086,5
24	-40 831,6	-29 184,5
25	-40 801,6	-29 303,5
26	-40 801,6	-29 415,5
27	-40 825,6	-29 525,5
28	-40 866,6	-29 619,5
29	-40 919,6	-29 699,5
30	-40 970,6	-29 741,5
31	-41 032,6	-29 785,5

Captação JK7

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-41 611,7	-34 331,5
2	-41 696,7	-34 362,5
3	-41 774,7	-34 372,5
4	-41 850,7	-34 368,5
5	-41 931,7	-34 331,5
6	-42 013,7	-34 277,5
7	-42 073,7	-34 202,5
8	-42 117,7	-34 104,5
9	-42 148,7	-33 997,5
10	-42 136,7	-33 890,5
11	-42 114,7	-33 799,5
12	-42 064,7	-33 721,5
13	-41 985,7	-33 655,5
14	-41 891,7	-33 595,5
15	-41 781,7	-33 573,5
16	-41 677,7	-33 582,5
17	-41 592,7	-33 614,5
18	-41 510,7	-33 655,5
19	-41 438,7	-33 724,5
20	-41 378,7	-33 821,5
21	-41 359,7	-33 931,5
22	-41 359,7	-34 038,5
23	-41 384,7	-34 126,5
24	-41 441,7	-34 208,5
25	-41 520,7	-34 277,5

Pólo de captação de Pombalinho

Captação RA1

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-36 093,7	-36 238,5
2	-36 149,7	-36 261,5
3	-36 226,7	-36 261,5
4	-36 283,7	-36 235,5
5	-36 386,7	-36 171,5
6	-36 443,7	-36 095,5
7	-36 519,7	-35 991,5
8	-36 596,7	-35 871,5
9	-36 692,7	-35 708,5
10	-36 766,7	-35 558,5
11	-36 842,7	-35 408,5
12	-36 902,7	-35 288,5
13	-36 962,7	-35 155,5
14	-37 002,7	-35 031,5
15	-37 006,7	-34 941,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
16	-37 012,7	-34 858,5
17	-36 996,7	-34 788,5
18	-36 962,7	-34 735,5
19	-36 919,7	-34 678,5
20	-36 856,7	-34 631,5
21	-36 766,7	-34 595,5
22	-36 662,7	-34 591,5
23	-36 593,7	-34 618,5
24	-36 509,7	-34 655,5
25	-36 459,7	-34 708,5
26	-36 416,7	-34 768,5
27	-36 353,7	-34 861,5
28	-36 306,7	-34 945,5
29	-36 253,7	-35 061,5
30	-36 206,7	-35 171,5
31	-36 169,7	-35 268,5
32	-36 119,7	-35 398,5
33	-36 086,7	-35 488,5
34	-36 046,7	-35 588,5
35	-36 023,7	-35 675,5
36	-35 983,7	-35 778,5
37	-35 963,7	-35 865,5
38	-35 959,7	-35 945,5
39	-35 959,7	-35 988,5
40	-35 966,7	-36 065,5
41	-36 003,7	-36 151,5
42	-36 036,7	-36 208,5

Pólo de captação de Alcanhões

Captações PS22 e RA3

Vértices	M (metros)	P (metros)
1	-44 400,7	-40 457,5
2	-44 520,7	-40 494,5
3	-44 612,7	-40 494,5
4	-44 701,7	-40 485,5
5	-44 803,7	-40 451,5
6	-44 867,7	-40 417,5
7	-44 941,7	-40 365,5
8	-45 030,7	-40 288,5
9	-45 098,7	-40 205,5
10	-45 135,7	-40 137,5
11	-45 184,7	-40 036,5
12	-45 224,7	-39 971,5
13	-45 230,7	-39 900,5
14	-45 236,7	-39 839,5
15	-45 243,7	-39 746,5
16	-45 239,7	-39 642,5
17	-45 218,7	-39 562,5
18	-45 181,7	-39 497,5
19	-45 135,7	-39 420,5
20	-45 089,7	-39 365,5
21	-45 015,7	-39 303,5
22	-44 947,7	-39 267,5
23	-44 892,7	-39 245,5
24	-44 833,7	-39 233,5
25	-44 769,7	-39 233,5
26	-44 661,7	-39 223,5
27	-44 560,7	-39 254,5
28	-44 470,7	-39 285,5
29	-44 403,7	-39 337,5
30	-44 332,7	-39 408,5
31	-44 258,7	-39 488,5
32	-44 194,7	-39 602,5
33	-44 169,7	-39 673,5
34	-44 141,7	-39 749,5
35	-44 123,7	-39 829,5
36	-44 114,7	-39 922,5
37	-44 117,7	-40 042,5
38	-44 135,7	-40 140,5
39	-44 178,7	-40 229,5

Vértices	M (metros)	P (metros)
40	-44 215,7	-40 291,5
41	-44 258,7	-40 355,5

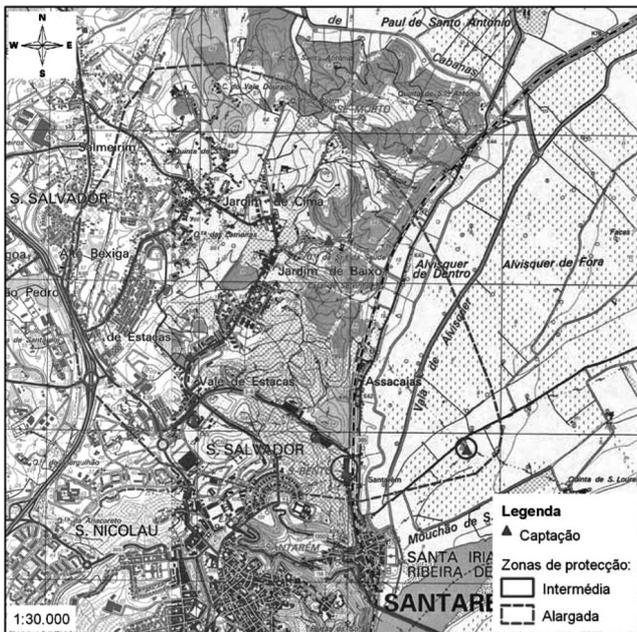
Nota. — As coordenadas das captações e dos vértices que delimitam as zonas de protecção encontram-se no sistema de coordenadas EPSG 3763 (PT-TM06/ETRS89, origem no ponto central).

ANEXO V

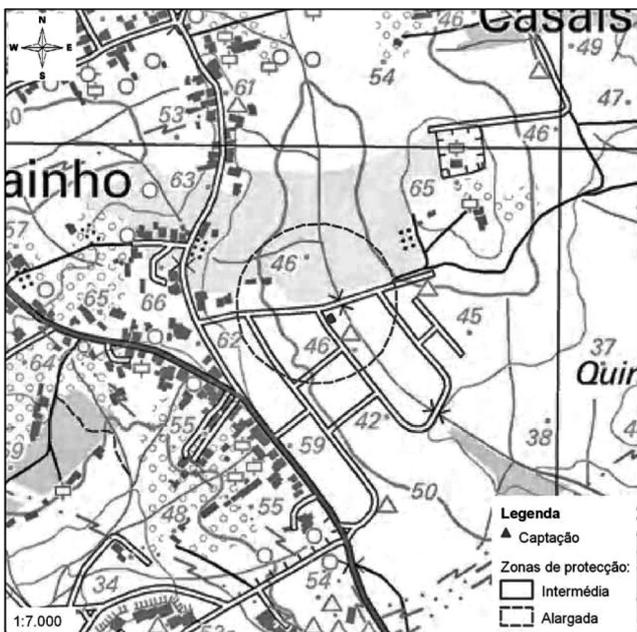
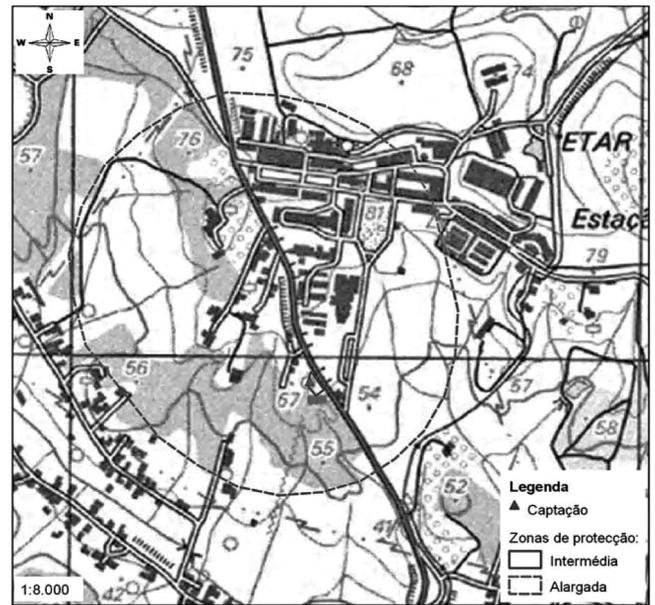
Planta de localização das zonas de protecção

Extracto da Carta Militar de Portugal
Série M888 — 1/25 000 (IGeoE)

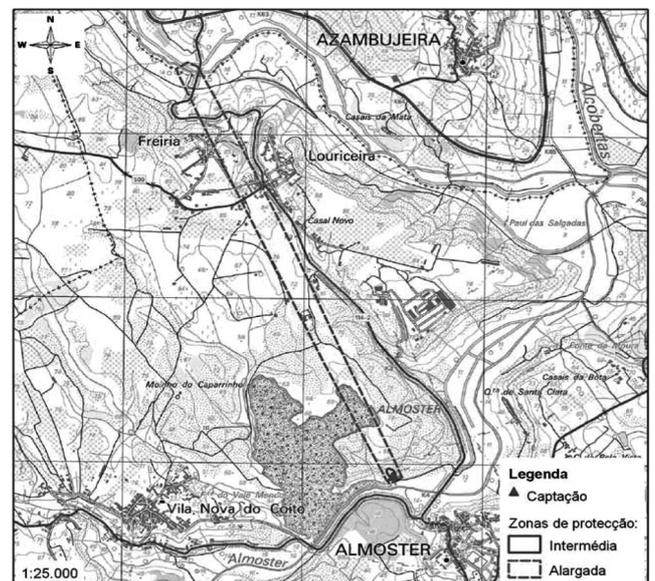
Pólo de captação de Santarém

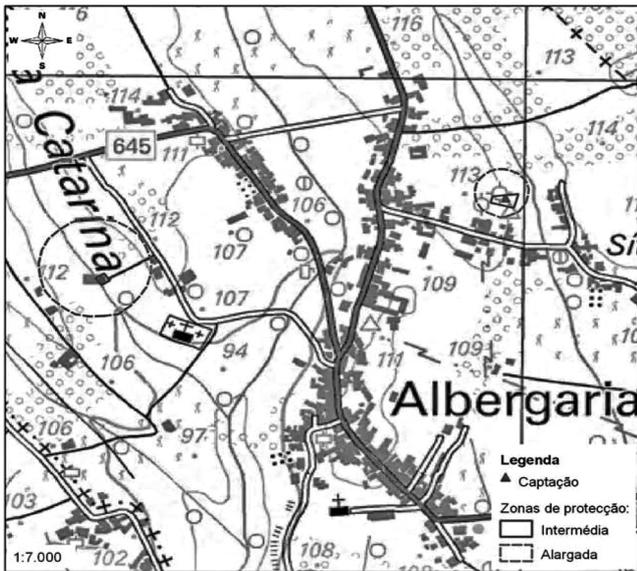


Pólo de captação de Póvoa da Isenta

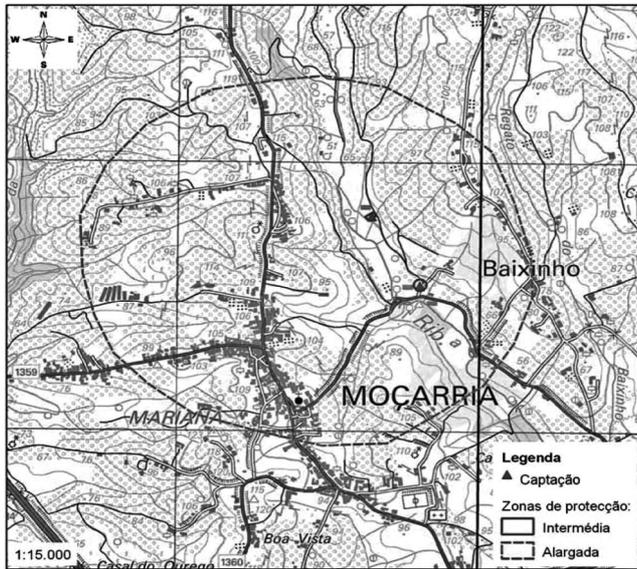


Pólo de captação de Almoester





Pólo de captação de Moçaria



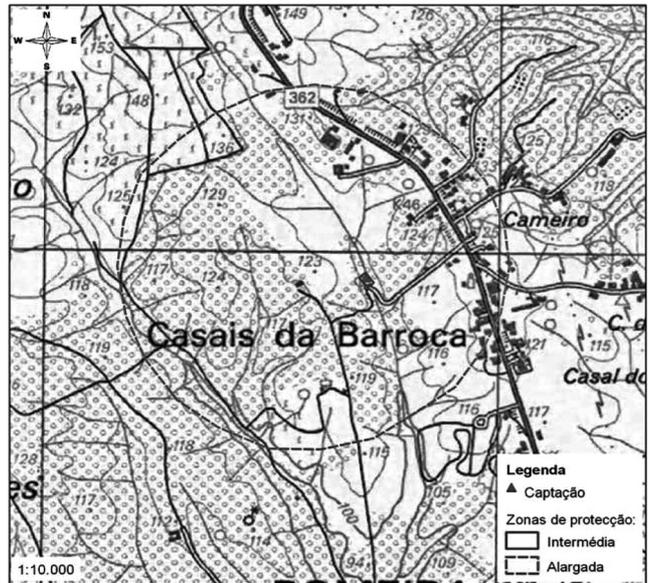
Pólo de captação de Abitureiras



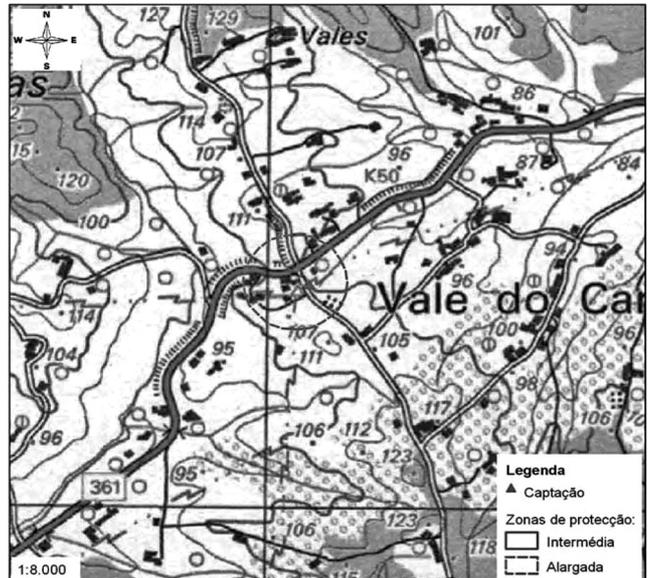
Pólo de captação de Tremez

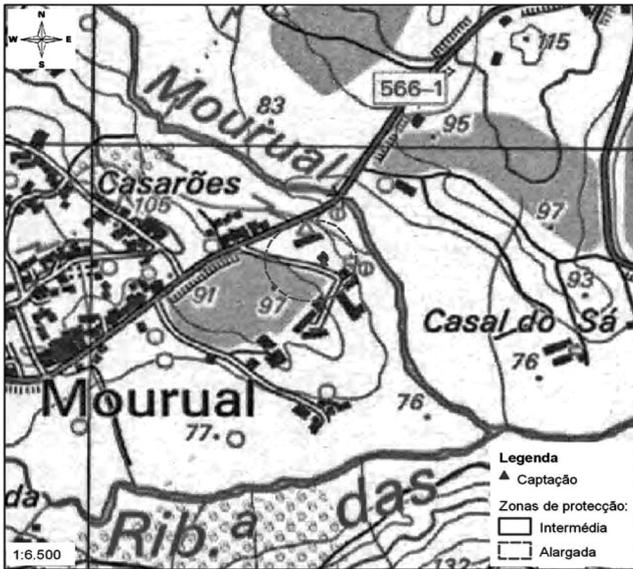


Pólo de captação de Romeira

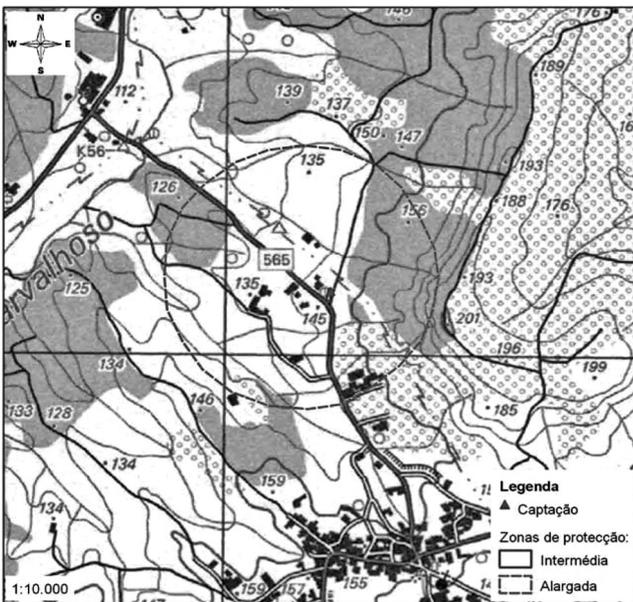


Pólo de captação de Gançaria

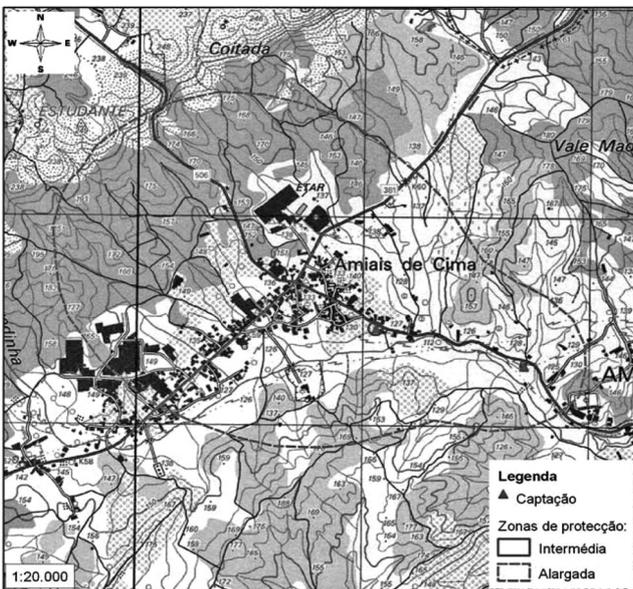




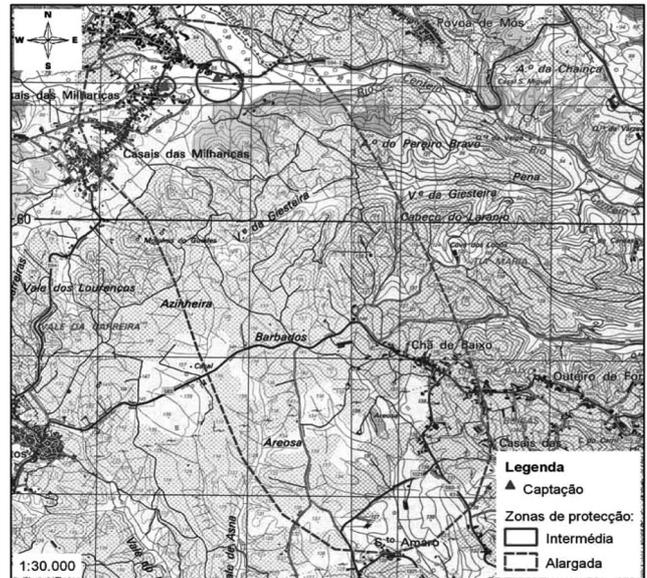
Pólo de captação de Abrã



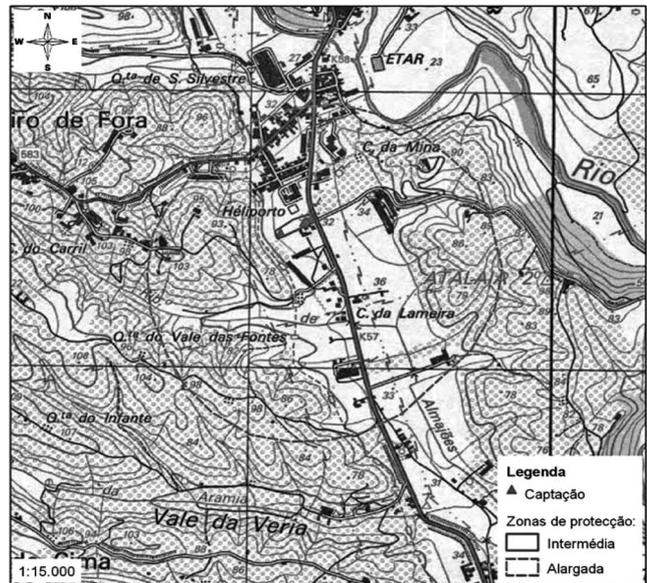
Pólo de captação de Amiais de Baixo



Pólo de captação de Arneiro das Milharças

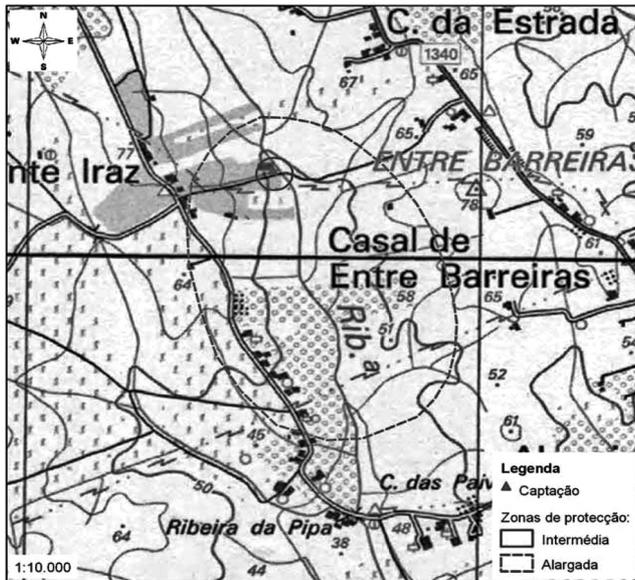


Pólo de captação de Pernes

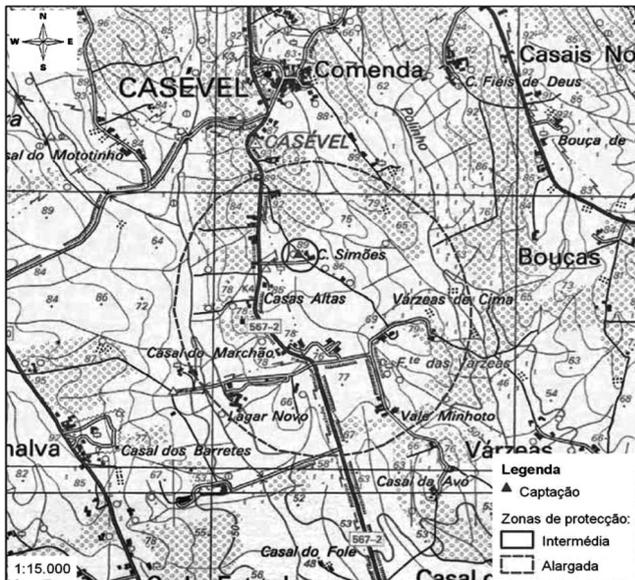


Pólo de captação de Vaqueiros

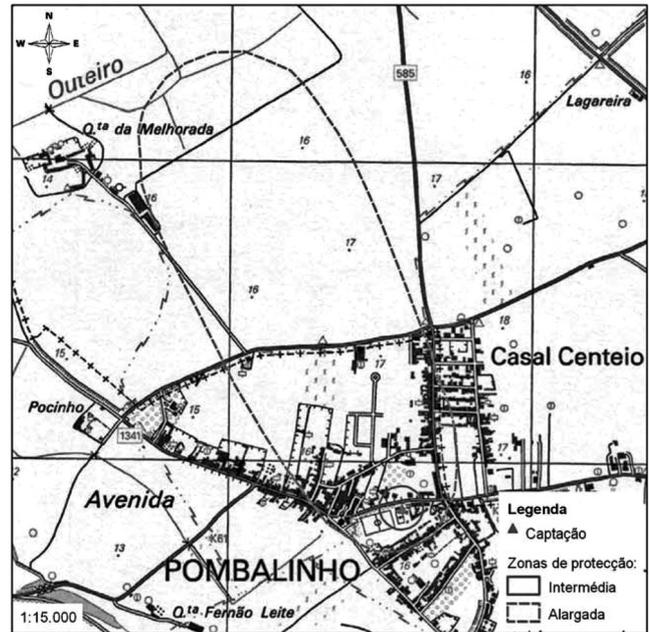




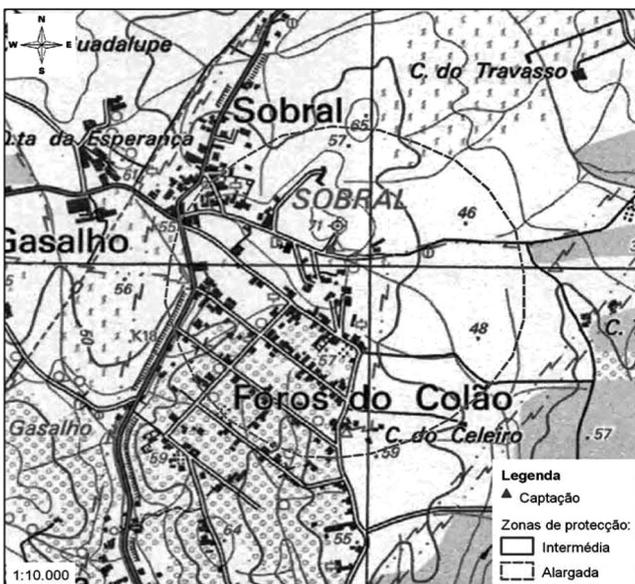
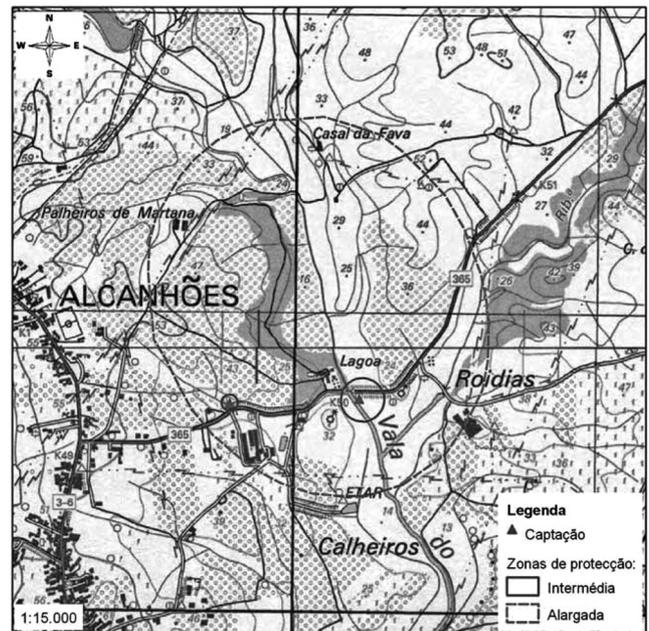
Pólo de captação de Casével



Pólo de captação de Pombalinho



Pólo de captação de Alcanhões



REGIÃO AUTÓNOMA DA MADEIRA

Assembleia Legislativa

Decreto Legislativo Regional n.º 8/2011/M

Altera o Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro, que estabelece o regime jurídico da concessão de avales pela Região Autónoma da Madeira

A aprovação do regime jurídico da concessão de avales pela Região Autónoma da Madeira através do Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro, com as subsequentes alterações, veio consagrar um instrumento fundamental de gestão da dívida indirecta da Região

Autónoma da Madeira e de apoio ao desenvolvimento económico e social.

Contudo, não obstante a respectiva abrangência, a aplicação do regime da concessão de avales tem suscitado algumas dúvidas interpretativas sobre o respectivo âmbito de aplicação, sobretudo no que respeita à possibilidade da concessão de aval para garantia de operações de derivados com finalidade de cobertura dos riscos associados às operações de crédito realizadas pelas entidades beneficiárias da garantia.

Sendo a realização das mencionadas operações de derivados um instrumento fundamental na gestão da dívida indirecta da Região Autónoma da Madeira, justifica-se que o regime jurídico da concessão de avales seja alterado no sentido de clarificar, de forma inequívoca, que a Região Autónoma da Madeira pode garantir as obrigações das entidades beneficiárias emergentes de operações de derivados, contratadas no âmbito da gestão dos riscos associados a operações de crédito de que essas entidades beneficiárias sejam partes.

Por outro lado, a deterioração das condições dos mercados financeiros justifica a introdução de ajustamentos no diploma que permita a sua adaptação à nova realidade em que nos inserimos. É nesse sentido que é introduzida, nomeadamente, uma maior flexibilização no ajustamento de prazos e na própria finalidade dos empréstimos, desde que cumpridas determinadas condições.

Igualmente importantes são as alterações introduzidas ao nível da utilização do financiamento, da caducidade do aval e da aplicação do regime supletivo previsto no Código Civil.

As várias alterações ao diploma justificam a sua republicação.

Assim:

A Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira decreta, nos termos do disposto na alínea *a*) do n.º 1 do artigo 227.º da Constituição da República Portuguesa e da alínea *c*) do n.º 1 do artigo 37.º do Estatuto Político-Administrativo da Região Autónoma da Madeira, aprovado pela Lei n.º 13/91, de 5 de Junho, com as alterações introduzidas pelas Leis n.ºs 130/99, de 21 de Agosto, e 12/2000, de 21 de Junho, o seguinte:

Artigo 1.º

**Alteração ao Decreto Legislativo Regional
n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro**

São alterados os artigos 4.º, 5.º, 6.º, 7.º, 8.º, 9.º, 10.º, 11.º, 12.º, 13.º, 14.º, 15.º, 16.º, 17.º e 19.º do Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro, os quais passam a ter a seguinte redacção:

«Artigo 4.º

[...]

1 — Poderão ser avalizadas pela Região as operações de crédito ou outras operações financeiras, nacionais ou internacionais, a contratar por qualquer sujeito de direito.

2 — A garantia prestada pela Região a operações de crédito ou outras operações financeiras a realizar por entidades privadas apenas poderá ser concedida quando se trate de entidades que tenham sede, direcção efectiva ou estabelecimento estável na Região Autónoma da Madeira e aí exerçam a sua actividade principal.

3 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, a Região poderá igualmente avalizar operações de cobertura de risco de taxa de juro destinadas exclusivamente à cobertura dos riscos suportados pelas entidades referidas no número anterior em virtude da realização de operações de crédito garantidas por aval da Região.

Artigo 5.º

[...]

1 — O aval será prestado a operações que tenham por finalidade o financiamento de projectos de investimento ou acções enquadráveis na estratégia de desenvolvimento regional, vertida no Plano de Desenvolvimento Económico e Social da Região Autónoma da Madeira, bem como a reestruturação de sectores, de empréstimos e de empresas públicas regionais, o saneamento do sector da saúde e a substituição de empréstimos, nos termos do artigo 6.º deste diploma.

2 — Nas situações previstas no n.º 3 do artigo 4.º do presente diploma, as operações deverão ter por finalidade exclusiva a cobertura dos riscos suportados em virtude da realização das operações de crédito referidas no número anterior.

Artigo 6.º

[...]

1 —

a)

b)

c)

d) Ser o aval imprescindível para a realização da operação, designadamente por inexistência ou insuficiência de outras garantias.

2 —

a)

b)

c)

d) Financiamento de operações de reestruturação de sectores económicos tradicionais, sociais, culturais e ambientais, bem como de empresas públicas regionais;

e)

f)

g) Operações de substituição de empréstimos não avalizados contraídos por entidades com capitais maioritariamente públicos;

h) Cobertura através de operações de derivados dos riscos associados a operações de crédito que tenham respeitado pelo menos um dos objectivos referidos nas alíneas anteriores.

3 —

Artigo 7.º

[...]

1 —

2 — Pode ser dispensada a apresentação de contra-garantias pelas entidades beneficiárias quando se trate de uma empresa pública ou de uma entidade com o estatuto de utilidade pública.

Artigo 8.º

[...]

1 — As operações garantidas terão prazos de utilização não superiores a 5 anos e deverão ser totalmente reembolsados no prazo máximo de 30 anos a contar das datas dos respectivos contratos.

2 — Sendo o aval prestado para garantia das obrigações emergentes das operações de cobertura de risco de taxa de juro previstas no n.º 3 do artigo 4.º do presente diploma, o prazo de vigência de cada uma dessas operações não poderá exceder o prazo de reembolso da operação de crédito subjacente.

Artigo 9.º

[...]

1 — O pedido de concessão de aval da Região será dirigido ao secretário regional com a tutela das finanças, pela entidade beneficiária da operação a garantir.

2 —

a) Documentos previsionais que permitam uma apreciação da situação económica e financeira da entidade;

b)

c)

d) Documentos comprovativos da situação tributária e contributiva da entidade beneficiária perante o Estado, as Regiões Autónomas e a segurança social;

e) Documentos emitidos pelos serviços de finanças comprovativos dos bens inscritos a favor da entidade beneficiária, e respectivos sócios, quando aplicável;

f) Minuta do contrato da operação a avalizar, mapa do serviço da dívida e demonstração da sua compatibilidade com a capacidade financeira previsível da entidade;

g) [Anterior alínea h).]

3 —

4 — A secretaria regional com a tutela das finanças poderá solicitar outros elementos instrutórios que considere necessários para avaliar o risco do aval a conceder.

5 — O pedido de concessão de aval será tacitamente indeferido ao fim de 180 dias após a sua solicitação, sempre que por motivos imputáveis à entidade requerente não seja possível dar seguimento ao processo.

Artigo 10.º

[...]

1 —

a)

b)

c)

d) Capacidade de gestão da entidade beneficiária para fazer face às responsabilidades que pretende assumir, tendo em conta, nomeadamente, a sua estrutura organizacional.

2 —

Artigo 11.º

[...]

A concessão de aval da Região será autorizada por deliberação do Conselho do Governo Regional na se-

quência de despacho do secretário regional com a tutela das finanças, o qual será precedido de uma análise fundamentada do respectivo processo, que será instruído com todos os elementos exigíveis nos termos do presente diploma.

Artigo 12.º

[...]

1 — O aval da Região será titulado por um certificado de aval, cuja emissão é da competência do secretário regional com a tutela das finanças, que poderá outorgar noutros documentos necessários para tornar efectivo o aval.

2 —

3 — O certificado de aval poderá ser alterado de acordo com as regras previstas no presente diploma, mediante a emissão de um anexo ao certificado de aval, a outorgar pelo secretário regional com a tutela das finanças.

4 — A alteração referida no número anterior abrange, designadamente, o prazo, a finalidade do financiamento e as operações de cobertura de risco de taxa de juro associadas às operações de crédito garantidas por aval da Região, desde que cumpram os princípios gerais de rigor e eficiência definidos para a gestão da dívida pública directa e constantes do artigo 2.º da Lei n.º 7/98, de 3 de Fevereiro.

Artigo 13.º

Utilização do financiamento

1 — A utilização do financiamento avalizado deverá ter início nos 120 dias seguintes à data da emissão do certificado de aval, salvo fixação expressa e devidamente fundamentada de prazo superior no respectivo acto de concessão.

2 — A utilização do financiamento carece da prévia autorização do secretário regional com a tutela das finanças, que poderá delegar esta competência noutras entidades sob a sua tutela.

3 — A utilização do financiamento poderá ser alterada por despacho do secretário regional com a tutela das finanças, mediante requerimento fundamentado do beneficiário do aval, desde que seja cumprida uma das finalidades a que se refere o artigo 5.º e as condições a que se refere o artigo 6.º do presente diploma.

4 — A utilização do financiamento por empresas públicas regionais poderá ser ainda alterada, excepcionalmente, mediante requerimento fundamentado e através de resolução do Conselho do Governo Regional, para as seguintes finalidades:

a) Realização de participações financeiras em empresas públicas regionais;

b) Concessão de empréstimos a empresas públicas regionais desde que o produto dos mesmos se destine a uma das finalidades previstas no artigo 5.º e respeitem as condições impostas no artigo 6.º do presente diploma.

Artigo 14.º

[...]

1 — Sem prejuízo do disposto no número seguinte, o aval da Região caduca nas seguintes situações:

a) Utilização total ou parcial do financiamento por outras entidades diferentes da beneficiária do aval;

b) Utilização do financiamento para um fim diferente dos previstos na resolução de autorização do aval;

c)

d) Alteração da ficha técnica da operação garantida sem que tenham sido observadas as regras estipuladas neste diploma para o efeito;

e) Incumprimento do prazo e procedimentos definidos no artigo 13.º;

f) Incumprimento das obrigações previstas nos n.ºs 1 e 2 do artigo 16.º do presente diploma.

2 — Na situação referida na alínea b) do número anterior, o aval da Região poderá manter-se activo nas seguintes condições:

a) Reposição do montante indevidamente utilizado na conta do financiamento para reutilização;

b) Amortização antecipada do financiamento avaliado, num montante igual ou superior ao indevidamente utilizado.

3 — A norma a que se refere o número anterior não é aplicável em situações de reincidência.

Artigo 15.º

Obrigações dos beneficiários

1 — No prazo máximo de 30 dias após a assinatura do contrato de financiamento, a entidade beneficiária enviará à secretaria regional com a tutela das finanças um exemplar do respectivo contrato, devidamente assinado pelas partes, que deverá incluir o mapa de serviço da dívida definitivo.

2 — As entidades beneficiárias de aval da Região enviarão à secretaria regional com a tutela das finanças, no prazo de 30 dias a contar da data de vencimento dos encargos, cópia dos documentos comprovativos das amortizações do capital e do pagamento de juros, indicando as importâncias em dívida.

3 — As entidades beneficiárias do aval da Região enviarão, até 30 de Abril de cada ano, à secretaria regional com a tutela das finanças os documentos de prestação de contas e respectivos anexos relativos ao exercício anterior, bem como outros elementos necessários à verificação de eventuais dificuldades no cumprimento das correspondentes obrigações.

4 — (Anterior n.º 2.)

5 — (Anterior n.º 3.)

6 — O secretário regional com a tutela na área das finanças poderá alterar os prazos previstos nos números anteriores.

Artigo 16.º

Obrigações dos credores

1 —

2 —

3 —

Artigo 17.º

Fiscalização e acompanhamento

1 —

2 — A secretaria regional com a tutela das finanças poderá solicitar o apoio técnico da secretaria que tutela

o sector de actividade da entidade beneficiária do aval, a qual verificará a conformidade da execução material e financeira dos projectos ou acções com a finalidade da operação objecto de aval.

3 — Compete à secretaria regional com a tutela das finanças assegurar e fiscalizar o cumprimento dos encargos emergentes dos avales concedidos pela Região.

Artigo 19.º

[...]

Pelo aval da Região prestado será cobrada às entidades beneficiárias uma taxa de aval, cujo valor e condições de aplicação serão fixados por portaria do secretário regional com a tutela das finanças, tendo em linha de conta as condições de mercado e o seu nível de risco.»

Artigo 2.º

Aditamento ao Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro

É aditado o artigo 19.º-A ao Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro, com a seguinte redacção:

«Artigo 19.º-A

Regime supletivo

Sem prejuízo das garantias especiais atribuídas à Região pela legislação vigente e do disposto neste diploma, as relações entre os vários intervenientes nas operações disciplinadas pela presente lei estão sujeitas supletivamente ao regime jurídico da fiança previsto no Código Civil, excepto quando seja aposta assinatura no título cambiário, caso em que serão aplicáveis os regimes da lei uniforme sobre letras e livranças e da lei uniforme relativa ao cheque.»

Artigo 3.º

Execução

Todas as alterações introduzidas ao Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro, aplicam-se aos avales prestados ao abrigo e na vigência do mesmo.

Artigo 4.º

Republicação

O Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro, com as alterações introduzidas pelo Decreto Legislativo Regional n.º 18/2003/M, de 24 de Julho, pelo artigo 12.º do Decreto Legislativo Regional n.º 1/2005/M, de 18 de Fevereiro, pelo Decreto Legislativo Regional n.º 19/2005/M, de 24 de Novembro, pelo artigo 13.º do Decreto Legislativo Regional n.º 2-A/2008/M, de 16 de Janeiro, pela Declaração de Rectificação n.º 11/2008, de 5 de Março, e pelo artigo 13.º do Decreto Legislativo Regional n.º 45/2008/M, de 31 de Dezembro, bem como com as alterações que lhe foram ora introduzidas, é republicado em anexo ao presente diploma, com a necessária renumeração e demais correcções materiais.

Artigo 5.º

Produção de efeitos

O presente diploma produz efeitos no dia seguinte ao da sua publicação.

Aprovado em sessão plenária da Assembleia Legislativa da Região Autónoma da Madeira em 3 de Março de 2011.

O Presidente da Assembleia Legislativa, *José Miguel Jardim d'Olival Mendonça*.

Assinado em 21 de Março de 2011.

Publique-se.

O Representante da República para a Região Autónoma da Madeira, *Antero Alves Monteiro Diniz*.

ANEXO

Republicação do Decreto Legislativo Regional n.º 24/2002/M, de 23 de Dezembro

CAPÍTULO I

Princípios gerais

Artigo 1.º

Âmbito de aplicação e princípios gerais

1 — O presente diploma estabelece o regime de concessão de avales pela Região Autónoma da Madeira.

2 — A concessão de avales reveste-se de carácter excepcional, fundamenta-se em manifesto interesse para a economia regional e faz-se com respeito pelo princípio da igualdade e pelas regras de concorrência nacionais e comunitários e em obediência ao disposto no presente diploma.

Artigo 2.º

Assunção do aval pela Região

A assunção de avales pela Região apenas poderá ser realizada de acordo com as normas previstas no presente diploma, sob pena de nulidade.

Artigo 3.º

Limite máximo para concessão de avales pela Região

1 — A Assembleia Legislativa da Madeira fixará no decreto legislativo regional que aprova o Orçamento da Região Autónoma da Madeira o limite máximo de avales a conceder em cada ano.

2 — Se o Orçamento da Região Autónoma da Madeira não estiver em vigor no início do ano económico, poderá ser utilizado, por duodécimos, o limite fixado no orçamento do ano anterior.

CAPÍTULO II

Das operações a garantir, beneficiários e critérios de autorização dos avales

Artigo 4.º

Operações a garantir e beneficiários

1 — Poderão ser avaliadas pela Região as operações de crédito ou outras operações financeiras, nacionais ou internacionais, a contratar por qualquer sujeito de direito.

2 — A garantia prestada pela Região a operações de crédito ou outras operações financeiras a realizar por entidades privadas apenas poderá ser concedida quando se trate de entidades que tenham sede, direcção efectiva ou estabelecimento estável na Região Autónoma da Madeira e aí exerçam a sua actividade principal.

3 — Sem prejuízo do disposto nos números anteriores, a Região poderá igualmente avaliar operações de cobertura de risco de taxa de juro destinadas exclusivamente à cobertura dos riscos suportados pelas entidades referidas no número anterior em virtude da realização de operações de crédito garantidas por aval da Região.

Artigo 5.º

Finalidade das operações

1 — O aval será prestado a operações que tenham por finalidade o financiamento de projectos de investimento ou acções enquadráveis na estratégia de desenvolvimento regional, vertida no Plano de Desenvolvimento Económico e Social da Região Autónoma da Madeira, bem como a reestruturação de sectores, de empréstimos e de empresas públicas regionais, o saneamento do sector da saúde e a substituição de empréstimos, nos termos do artigo 6.º deste diploma.

2 — Nas situações previstas no n.º 3 do artigo 4.º do presente diploma, as operações deverão ter por finalidade exclusiva a cobertura dos riscos suportados em virtude da realização das operações de crédito referidas no número anterior.

Artigo 6.º

Condições para a autorização

1 — O aval será autorizado ou aprovado quando se verificarem, cumulativamente, as seguintes condições:

a) Ter a Região participação na entidade beneficiária do aval ou interesse no projecto ou acção que justifique a concessão do aval, aferido, designadamente, pela sua importância em termos de concretização da estratégia de desenvolvimento regional;

b) Existir um projecto de investimento ou um estudo especificado da operação a garantir, bem como uma operação financeira rigorosa;

c) Apresentar o beneficiário do aval características económicas, financeiras e organizacionais suficientes para fazer face às responsabilidades que pretende assumir;

d) Ser o aval imprescindível para a realização da operação, designadamente por inexistência ou insuficiência de outras garantias.

2 — Sem prejuízo do disposto no número anterior, o aval destina-se a assegurar a elaboração e execução de projectos de investimento, acções ou projectos de reestruturação que visem pelo menos um dos seguintes objectivos:

a) Realização de investimentos ainda que de reduzida rentabilidade, mas que estejam integrados no Plano de Desenvolvimento Económico e Social da Região Autónoma da Madeira;

b) Realização de investimentos de rentabilidade adequada, mas em que a entidade beneficiária, sendo economicamente viável, presente, contudo, deficiência transitória da sua situação financeira;

c) Financiamento de campanhas de produção, de transformação ou de comercialização de produtos relacionados com actividades tradicionais e de interesse económico e social;

d) Financiamento de operações de reestruturação de sectores económicos tradicionais, sociais, culturais e ambientais, bem como de empresas públicas regionais;

e) Financiamento de operações de regularização de dívida comercial do sector da saúde;

f) Operações de substituição de empréstimos já avaliados, desde que daí não resulte o acréscimo dos valores inicialmente avaliados;

g) Operações de substituição de empréstimos não avaliados contraídos por entidades com capitais maioritariamente públicos;

h) A cobertura através de operações de derivados dos riscos associados a operações de crédito que tenham respeitado pelo menos um dos objectivos referidos nas alíneas anteriores.

3 — Apenas nos casos previstos nas alíneas c), d) e e) do número anterior, a garantia prestada pela Região poderá ser concedida para garantir operações tendentes a mero reforço de tesouraria da entidade beneficiária.

Artigo 7.º

Contragarantias

1 — O aval da Região poderá ficar dependente da prestação de contragarantias pelas entidades beneficiárias do mesmo, nos termos a fixar pela secretaria regional com a tutela das finanças.

2 — Pode ser dispensada a apresentação de contragarantias pelas entidades beneficiárias quando se trate de uma empresa pública ou de uma entidade com o estatuto de utilidade pública.

Artigo 8.º

Prazos de utilização e reembolso

1 — As operações garantidas terão prazos de utilização não superiores a 5 anos e deverão ser totalmente reembolsados no prazo máximo de 30 anos a contar das datas dos respectivos contratos.

2 — Sendo o aval prestado para garantia das obrigações emergentes das operações de cobertura de risco de taxa de juro previstas no n.º 3 do artigo 4.º do presente diploma, o prazo de vigência de cada uma dessas operações não poderá exceder o prazo de reembolso da operação de crédito subjacente.

CAPÍTULO III

Do processo de concessão e execução do aval

Artigo 9.º

Apresentação e instrução do pedido

1 — O pedido de concessão de aval da Região será dirigido ao secretário regional com a tutela das finanças, pela entidade beneficiária da operação a garantir.

2 — O pedido de concessão de aval da Região deverá ser obrigatoriamente instruído com os seguintes elementos:

a) Documentos previsionais que permitam uma apreciação da situação económica e financeira da entidade;

b) Documentos de prestações de contas e respectivos anexos reportados aos últimos três exercícios económicos;

c) Declaração anual de informação contabilística e fiscal relativa ao último exercício fiscal;

d) Documentos comprovativos da situação tributária e contributiva da entidade beneficiária perante o Estado, as Regiões Autónomas e a segurança social;

e) Documentos emitidos pelos serviços de finanças comprovativos dos bens inscritos a favor da entidade beneficiária, e respectivos sócios, quando aplicável;

f) Minuta do contrato da operação a avaliar, mapa do serviço da dívida e demonstração da sua compatibilidade com a capacidade financeira previsível da entidade;

g) Indicação de eventuais contragarantias a facultar à Região Autónoma da Madeira.

3 — São dispensadas do cumprimento do disposto nas alíneas b) e c) do n.º 2 do presente artigo as pessoas colectivas cuja data de constituição, devidamente comprovada, não permita a apresentação da totalidade dos elementos aí referidos, mantendo-se, no entanto, a obrigatoriedade da apresentação dos elementos disponíveis.

4 — A secretaria regional com a tutela das finanças poderá solicitar outros elementos instrutórios que considere necessários para avaliar o risco do aval a conceder.

5 — O pedido de concessão de aval será tacitamente indeferido ao fim de 180 dias após a sua solicitação, sempre que por motivos imputáveis à entidade requerente não seja possível dar seguimento ao processo.

Artigo 10.º

Pareceres

1 — O pedido a que se refere o artigo anterior será submetido a parecer do secretário que tutela o sector de actividade da entidade beneficiária, o qual incidirá, designadamente, sobre os seguintes aspectos:

a) Enquadramento da operação a garantir nos objectivos do Plano de Desenvolvimento Económico e Social da Região Autónoma da Madeira;

b) Apreciação do papel da entidade beneficiária no conjunto do sector ou da região em que se situa;

c) Medidas de política económica e financeira eventualmente previstas durante o período de vigência do crédito que possam influenciar a situação económica e financeira da entidade;

d) Capacidade de gestão da entidade beneficiária para fazer face às responsabilidades que pretende assumir, tendo em conta, nomeadamente, a sua estrutura organizacional.

2 — O aval da Região apenas poderá ser concedido caso o respectivo processo obtenha parecer favorável da secretaria regional da tutela.

Artigo 11.º

Autorização do pedido de concessão de aval

A concessão de aval da Região será autorizada por deliberação do Conselho do Governo Regional na sequência de despacho do secretário regional com a tutela das finanças, o qual será precedido de uma análise fundamentada do respectivo processo, que será instruído com todos os elementos exigíveis nos termos do presente diploma.

Artigo 12.º

Certificado de aval

1 — O aval da Região será titulado por um certificado de aval, cuja emissão é da competência do secretário regional com a tutela das finanças, que poderá outorgar noutros documentos necessários para tornar efectivo o aval.

2 — O certificado de aval deverá conter a identificação da entidade beneficiária e a ficha técnica da operação a garantir, bem como as eventuais contragarantias a prestar à Região.

3 — O certificado de aval poderá ser alterado de acordo com as regras previstas no presente diploma, mediante a emissão de um anexo ao certificado de aval, a outorgar pelo secretário regional com a tutela das finanças.

4 — A alteração referida no número anterior abrange, designadamente, o prazo, a finalidade do financiamento e as operações de cobertura de risco de taxa de juro associadas às operações de crédito garantidas por aval da Região, desde que cumpram os princípios gerais de rigor e eficiência definidos para a gestão da dívida pública directa e constantes do artigo 2.º da Lei n.º 7/98, de 3 de Fevereiro.

Artigo 13.º

Utilização do financiamento

1 — A utilização do financiamento avalizado deverá ter início nos 120 dias seguintes à data da emissão do certificado de aval, salvo fixação expressa e devidamente fundamentada de prazo superior no respectivo acto de concessão.

2 — A utilização do financiamento carece da prévia autorização do secretário regional com a tutela das finanças, que poderá delegar esta competência noutras entidades sob a sua tutela.

3 — A utilização do financiamento poderá ser alterada por despacho do secretário regional com a tutela das finanças, mediante requerimento fundamentado do beneficiário do aval, desde que seja cumprida uma das finalidades a que se refere o artigo 5.º e as condições a que se refere o artigo 6.º do presente diploma.

4 — A utilização do financiamento por empresas públicas regionais poderá ser ainda alterada, excepcionalmente, mediante requerimento fundamentado e através de resolução do Conselho do Governo Regional, para as seguintes finalidades:

a) Realização de participações financeiras em empresas públicas regionais;

b) Concessão de empréstimos a empresas públicas regionais desde que o produto dos mesmos se destine a uma das finalidades previstas no artigo 5.º e respeitem as condições impostas no artigo 6.º do presente diploma.

Artigo 14.º

Caducidade do aval

1 — Sem prejuízo do disposto no número seguinte, o aval da Região caduca nas seguintes situações:

a) Utilização total ou parcial do financiamento por outras entidades diferentes da beneficiária do aval;

b) Utilização do financiamento para um fim diferente dos previstos na resolução de autorização do aval;

c) Incumprimento dos prazos definidos no artigo 8.º do presente diploma;

d) Alteração da ficha técnica da operação garantida sem que tenham sido observadas as regras estipuladas neste diploma para o efeito;

e) Incumprimento do prazo e procedimentos definidos no artigo 13.º;

f) Incumprimento das obrigações previstas nos n.ºs 1 e 2 do artigo 16.º do presente diploma.

2 — Na situação referida na alínea b) do número anterior, o aval da Região poderá manter-se activo nas seguintes condições:

a) Reposição do montante indevidamente utilizado na conta do financiamento para reutilização;

b) Amortização antecipada do financiamento avalizado, num montante igual ou superior ao indevidamente utilizado.

3 — A norma a que se refere o número anterior não é aplicável em situações de reincidência.

CAPÍTULO IV

Das garantias da Região pela prestação de aval

Artigo 15.º

Obrigações dos beneficiários

1 — No prazo máximo de 30 dias após a assinatura do contrato de financiamento, a entidade beneficiária enviará à secretaria regional com a tutela das finanças um exemplar do respectivo contrato, devidamente assinado pelas partes, que deverá incluir o mapa de serviço da dívida definitivo.

2 — As entidades beneficiárias de aval da Região enviarão à secretaria regional com a tutela das finanças, no prazo de 30 dias a contar da data de vencimento dos encargos, cópia dos documentos comprovativos das amortizações do capital e do pagamento de juros, indicando as importâncias em dívida.

3 — As entidades beneficiárias do aval da Região enviarão, até 30 de Abril de cada ano, à secretaria regional com a tutela das finanças os documentos de prestação de contas e respectivos anexos relativos ao exercício anterior, bem como outros elementos necessários à verificação de eventuais dificuldades no cumprimento das correspondentes obrigações.

4 — As entidades beneficiárias, sempre que reconheçam que não se encontram habilitadas a satisfazer os encargos de amortização e de juros nas datas fixadas para o respectivo pagamento, darão do facto conhecimento à secretaria regional com a tutela das finanças, com a antecedência mínima de 15 dias em relação ao vencimento dos referidos encargos.

5 — Em caso de incumprimento da obrigação referida no número anterior, só poderá ser accionado o aval da Região mediante interpelação feita pelo credor, a qual deverá ocorrer até ao dia seguinte ao vencimento dos encargos.

6 — O secretário regional com a tutela na área das finanças poderá alterar os prazos previstos nos números anteriores.

Artigo 16.º

Obrigações dos credores

1 — A entidade emissora de títulos ou a entidade credora enviará à secretaria regional com a tutela das finanças, no

prazo de 120 dias a contar da data de emissão do certificado de aval, cópia dos documentos comprovativos da realização da hipoteca, fiança, penhor, seguro-caução ou qualquer outra garantia exigida a seu favor, bem como dos documentos comprovativos da realização do respectivo registo, quando exigido.

2 — Até 31 de Março de cada ano, as entidades emisoras de títulos ou as entidades credoras informarão a secretaria regional com a tutela das finanças da situação da dívida garantida pela Região relativa a 31 de Dezembro do ano anterior.

3 — O secretário regional com a tutela na área das finanças poderá alterar os prazos previstos nos números anteriores.

Artigo 17.º

Fiscalização e acompanhamento

1 — A concessão de aval da Região confere ao Governo Regional, através da secretaria regional com a tutela das finanças, o direito de proceder à fiscalização da actividade da entidade beneficiária do aval da Região, tanto do ponto de vista financeiro como operacional

2 — A secretaria regional com a tutela das finanças poderá solicitar o apoio técnico da secretaria que tutela o sector de actividade da entidade beneficiária do aval, a qual verificará a conformidade da execução material e financeira dos projectos ou acções com a finalidade da operação objecto de aval.

3 — Compete à secretaria regional com a tutela das finanças assegurar e fiscalizar o cumprimento dos encargos emergentes dos avales concedidos pela Região.

Artigo 18.º

Garantias da Região

1 — Sem prejuízo das garantias que em cada caso sejam estipuladas, a Região goza de privilégio mobiliário geral sobre os bens das entidades beneficiárias do aval pelas quantias que tiver efectivamente despendido, a qualquer título, em razão da garantia concedida.

2 — O privilégio creditório referido no número anterior será graduado conjuntamente com os previstos na alínea *a*) do n.º 1 do artigo 747.º do Código Civil, pagando-se à Região Autónoma da Madeira primeiro do que às autarquias locais.

Artigo 19.º

Taxa de aval

Pelo aval da Região prestado será cobrada às entidades beneficiárias uma taxa de aval, cujo valor e condições de

aplicação serão fixados por portaria do secretário regional com a tutela das finanças, tendo em linha de conta as condições de mercado e o seu nível de risco.

Artigo 20.º

Regime supletivo

Sem prejuízo das garantias especiais atribuídas à Região pela legislação vigente e do disposto neste diploma, as relações entre os vários intervenientes nas operações disciplinadas pela presente lei estão sujeitas supletivamente ao regime jurídico da fiança previsto no Código Civil, excepto quando seja aposta assinatura no título cambiário, caso em que serão aplicáveis os regimes da lei uniforme sobre letras e livranças e da lei uniforme relativa ao cheque.

CAPÍTULO V

Disposições finais e transitórias

Artigo 21.º

Relação dos beneficiários e respectivas responsabilidades

Será publicada em anexo à Conta da Região a relação nominal dos beneficiários de avales, com a indicação das respectivas responsabilidades, apuradas em relação a 31 de Dezembro de cada ano, bem como a indicação das responsabilidades totais da Região por avales prestados.

Artigo 22.º

Regime de cobrança coerciva

A cobrança coerciva das dívidas resultantes da concessão de avales será feita através de processo de execução fiscal.

Artigo 23.º

Normas revogadas

É revogado o Decreto Regional n.º 23/79/M, de 16 de Outubro, sem prejuízo dos avales concedidos ao abrigo deste diploma.

Artigo 24.º

Entrada em vigor

O presente diploma entra em vigor a partir de 1 de Janeiro de 2003, aplicando-se aos avales autorizados após essa data.

I SÉRIE



Depósito legal n.º 8814/85 ISSN 0870-9963

Diário da República Electrónico:

Endereço Internet: <http://dre.pt>

Contactos:

Correio electrónico: dre@inem.pt

Tel.: 21 781 0870

Fax: 21 394 5750

Toda a correspondência sobre assinaturas deverá ser dirigida para a Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A. Unidade de Publicações Oficiais, Marketing e Vendas, Avenida Dr. António José de Almeida, 1000-042 Lisboa